

NOVA VERSÃO INTERNACIONAL

BÍBLIA
DE ESTUDO
Arqueológica
NVI

FAÇA UMA JORNADA VISUAL
ATRAVÉS DA VIDA E DOS
TEMPOS BÍBLICOS



INTRODUÇÃO A

Marcos

AUTOR, LUGAR E DATA DA REDAÇÃO

Embora o livro não nomeie seu autor, a tradição, que remonta ao pai da Igreja Papias (ca. 130), afirma que João Marcos escreveu o evangelho com base nas lembranças do apóstolo Pedro (Papias alega ter recebido essa tradição de alguém que ele denomina "o velho"). Ver também a introdução a Mateus para mais referências a esse pai da Igreja. João Marcos aparece repetidamente no NT e é associado com Paulo (Cl 4.10), Barnabé (At 15.39) e Pedro (1Pe 5.13).

Alguns pais da Igreja (e.g., Ireneu) afirmavam que Marcos escreveu depois da morte de Pedro, por volta de 67 d.C. Clemente de Alexandria, entretanto, dizia que o evangelho foi escrito enquanto Pedro ainda estava em Roma — em algum momento após 60 d.C., portanto. Sabemos que Marcos tinha ligações com Pedro no final da vida do apóstolo (1Pe 5.13), mas isso não exclui a possibilidade de uma associação anterior entre os dois. Uma data entre 50 e 70 é provável, e algum momento da década de 60 parece mais plausível.

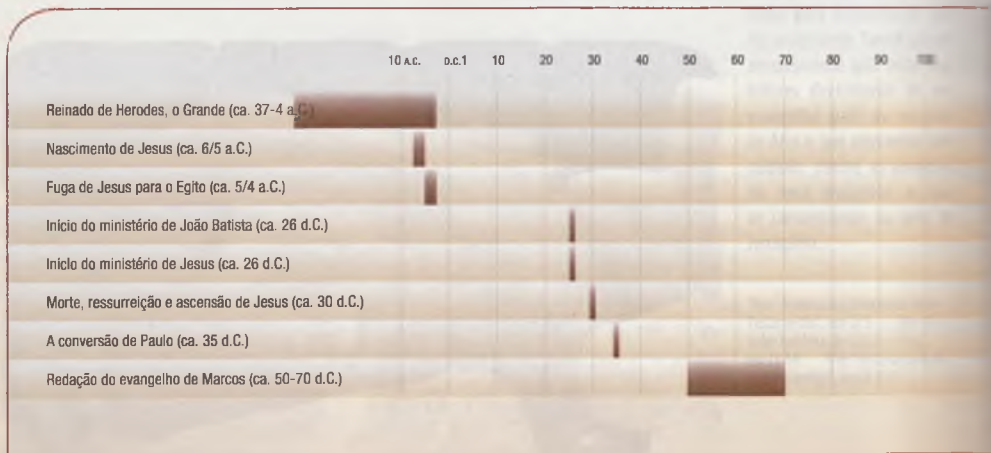
DESTINATÁRIO

Marcos dedicou seu evangelho aos cristãos gentios, talvez os que estavam sob as provações crescentes em Roma. Pelo fato de os destinatários serem gentios, Marcos em vários pontos explica os costumes judaicos ou traduz termos aramaicos para seus leitores (Mc 7.2-4; 15.22). A Lei é citada diretamente uma única vez.

FATOS CULTURAIS E DESTAQUES

O famoso incêndio de Roma, em 64 d.C., provavelmente causado pelo próprio Nero, que todavia pôs a culpa nos cristãos, resultou em perseguição disseminada e martírio. Alguns intérpretes, presumindo um destinatário romano para o evangelho de Marcos e um contexto histórico marcado pelas perseguições de Nero, acreditam que Marcos foi escrito especialmente para encorajar os cristãos para permanecerem diante da perseguição (ver, e.g., 3.22; 8.34-38; 13.8-13). No entanto, o propósito geral de Marcos parece ter sido precisamente o que Papias declarou: preservar os relatos de Pedro sobre a vida e os ensinamentos de Jesus.

LINHA DO TEMPO



ENQUANTO VOCÊ LÊ

Tente entrar de forma indireta nos relatos vívidos de Marcos sobre o ministério de Jesus. Atente não apenas para o que Jesus diz, mas também para o que ele faz e tente imaginar o impacto emocional que suas palavras e ações exercem sobre os outros. Preste atenção às revelações da humanidade de Jesus, e como Marcos revela que ele é ao mesmo tempo o Filho de Deus e o Filho do homem.

VOCÊ SABIA?

- Podia-se estabelecer uma sinagoga em qualquer cidade na qual houvesse pelo menos dez homens judeus casados (1.21).
- Além de rotulados como traidores, os cobradores de impostos eram notáveis pela sua desonestidade. Eram proibidos de servir como testemunhas ou juizes e também eram expulsos da sinagoga (2.14).
- Jesus falava aramaico, mas sem dúvida também entendia grego e lia as Escrituras no hebraico clássico (5.41).
- Os rabinos computaram 613 regras individuais na Lei e tentavam distinguir os mandamentos “pesados” dos mandamentos “leves” (12.28).
- Durante a Páscoa e a longa semana da festa dos pães sem fermento, a população de Jerusalém aumentava de 50 mil, aproximadamente, para centenas de milhares (14.2).
- A morte na cruz acontecia por insuficiência cardíaca (15.24).

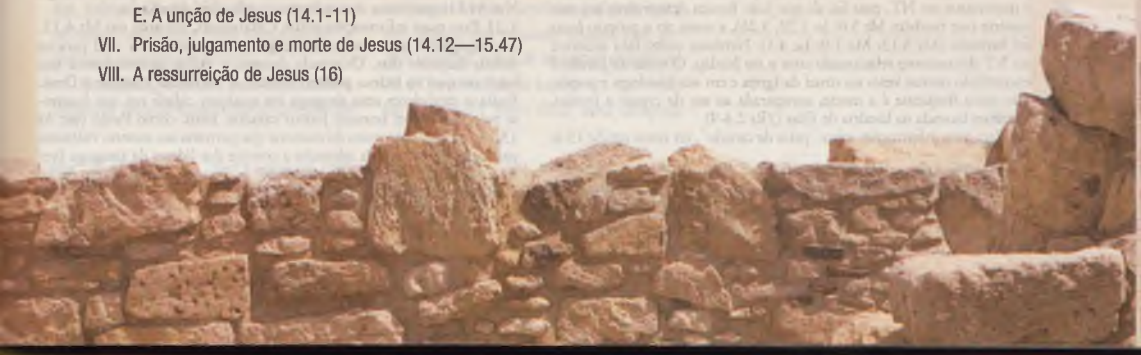
TEMAS

O evangelho de Marcos inclui os seguintes temas:

1. *Jesus, o Filho de Deus.* O relato de Marcos revela a autoridade de Jesus 1) como mestre (1.21,22); 2) para perdoar pecados (2.5-12); 3) sobre o sábado (2.27,28), os espíritos malignos (3.20-27), a natureza (4.35-41; 6.45-52), a Lei (7.1-20), o templo (11.12-19,27-33; 12.1-12) e o mistério do Reino de Deus (4.10,11).
2. *Jesus, o Filho de homem.* Jesus não recuou diante da profanação ritual, da contaminação física e da corrupção moral. Seu toque de amor demonstrava compaixão e acessibilidade.
3. *Jesus, o Messias.* O sofrimento, a rejeição e a morte de Jesus foram fundamentais para o caminho divino da salvação. Marcos revelou a falta de capacidade dos discípulos, no início, para reconhecer a identidade e o papel messiânicos de Jesus.
4. *Jesus, um modelo de sofrimento.* Jesus falou abertamente de seu sofrimento e morte e advertiu seus discípulos de que eles também enfrentariam tribulação.
5. *Jesus, o Salvador de todos os que creem.* Jesus é o Salvador de todos os que o recebem pela fé. O evangelho de Marcos destaca o ministério de Jesus nas regiões pagãs, explica termos e costumes judaicos, registra a confissão de fé de um gentio (15.39) e o envio do primeiro missionário gentio (5.18,19), ainda chama o templo “casa de oração para todos os povos” (11.17).

SUMÁRIO

- I. O início do ministério Jesus (1.1-13)
- II. O ministério de Jesus na Galileia (1.14—6.29)
 - A. Seu ministério inicial (1.14—3.12)
 - B. Seu ministério posterior (3.13—6.29)
- III. O ministério em outras áreas (6.30—9.32)
- IV. O ministério final na Galileia (9.33-50)
- V. O ministério de Jesus na Judeia e na Pereia (10)
- VI. A paixão de Jesus (11.1—14.11)
 - A. A entrada triunfal (11.1-11)
 - B. A purificação do templo (11.12-19)
 - C. Últimas perguntas dos líderes judeus (11.20—12.44)
 - D. O discurso no monte das Oliveiras (13)
 - E. A unção de Jesus (14.1-11)
- VII. Prisão, julgamento e morte de Jesus (14.12—15.47)
- VIII. A ressurreição de Jesus (16)



João Batista Prepara o Caminho (Mt 3.1-12; Lc 3.1-18)

1 Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus^a.

1.1 Mt 4.3

² Conforme está escrito no profeta Isaías:

1.2 Mt 3.1;
Mt 11.10; Lc 7.27

“Enviarei à tua frente o meu mensageiro;
ele preparará o teu caminho”^{bb}

³ “voz do que clama no deserto:

1.3 Is 40.3;
Jo 1.23

‘Preparem^c o caminho para o Senhor,
façam veredas retas para ele’”^{d,c}

⁴ Assim surgiu João,^d batizando no deserto e pregando um batismo de arrependimento^e para o perdão dos pecados.^f ⁵ A ele vinha toda a região da Judeia e todo o povo de Jerusalém. Confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão. ⁶ João vestia roupas feitas de pelos de camelo, usava um cinto de couro e comia gafanhotos^g e mel silvestre. ⁷ E esta era a sua mensagem: “Depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de curvar-me e desamarrar as correias das suas sandálias.” ⁸ Eu os batizo com^e água, mas ele os batizará com o Espírito Santo!ⁱ

1.4 Mt 3.1;
Mt 13.24; Lc 1.77

1.6 Lv 11.22

1.7 Mt 13.25

1.8 Is 44.3;
Jl 2.28; At 1.5; 2.4;
11.16; 19.4-6

O Batismo e a Tentação de Jesus (Mt 3.13-4.11; Lc 3.21,22; 4.1-13)

⁹ Naquela ocasião, Jesus veio de Nazaré^j da Galileia e foi batizado por João no Jordão. ¹⁰ Assim que saiu da água, Jesus viu o céu se abrindo e o Espírito descendo como pomba^k sobre ele. ¹¹ Então veio dos céus uma voz: “Tu és o meu Filho^l amado; de ti me agrado”.

1.9 Mt 2.23;
1.10 Jo 1.32
1.11 Mt 3.17

¹² Logo após, o Espírito o impeliu para o deserto. ¹³ Ali esteve quarenta dias, sendo tentado por Satanás.^m Estava com os animais selvagens, e os anjos o serviam.

1.13 Mt 4.10

Jesus Chama os Primeiros Discípulos (Mt 4.12-22; Lc 4.14,15; 5.1-11; Jo 1.35-42)

¹⁴ Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galileia,ⁿ proclamando as boas-novas de Deus.^o ¹⁵ “O tempo é chegado”,^p dizia ele. “O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!”^q

1.14 Mt 4.12;
Mt 4.23

1.15 Mt 4.4; Ef
1.10; Mt 20.21

¹⁶ Andando à beira do mar da Galileia, Jesus viu Simão e seu irmão André lançando redes ao mar, pois eram pescadores. ¹⁷ E disse Jesus: “Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens”. ¹⁸ No mesmo instante eles deixaram as suas redes e o seguiram.

¹⁹ Indo um pouco mais adiante, viu num barco Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, preparando as suas redes. ²⁰ Logo os chamou, e eles o seguiram, deixando seu pai, Zebedeu, com os empregados no barco.

Jesus Expulsa um Espírito Imundo (Lc 4.31-37)

²¹ Eles foram para Cafarnaum e, logo que chegou o sábado, Jesus entrou na sinagoga e começou a ensinar.^r ²² Todos ficavam maravilhados com o seu ensino, porque lhes ensinava como alguém que tem autoridade e não como os mestres da lei.^s ²³ Justo naquele momento, na sinagoga, um homem

1.21 Mt 4.23;
Mc 10.1
1.22 Mt 7.28,29

^a 1.1 Alguns manuscritos não trazem o Filho de Deus.

^b 1.2 Mt 3.1.

^c 1.3 Ou que clama: No deserto preparem.

^d 1.2,3 Is 40.3.

^e 1.8 Ou em.

1.4 O “deserto” era a região árida a oeste do mar Morto.

Ver “Batismo no mundo antigo”, em Mt 3.

1.5 O Jordão era o principal rio da Terra Santa, começando nos bancos de neve do monte Hermom e terminando no mar Morto. O ponto mais próximo de Jerusalém está cerca de 32 quilômetros distante. O Jordão é importante no NT, pois foi ali que João Batista desenvolveu seu ministério (ver também Mt 3.6; Jo 1.28; 3.26), e nesse rio o próprio Jesus foi batizado (Mt 3.13; Mc 1.9; Lc 4.1). Nenhum outro fato acontece no NT diretamente relacionado com o rio Jordão. O tema do Jordão é encontrado muitas vezes no ritual da Igreja e em sua hinologia e poesia. Um tema frequente é a morte, comparada ao ato de cruzar o Jordão, metáfora baseada na história de Elias (2Rs 2.4-9).

1.6 Para mais informações sobre “pelos de camelo”, ver notas em Zc 13.4; Mt 3.4.

1.9 Ver “Nazaré”, em Mc 1.

1.13 Nos dias de Jesus, havia muito mais animais selvagens que hoje em Israel (ver “Leões e outros animais selvagens no antigo Israel”, em Sl 22).

1.14 Ver nota em Mt 14.3; ver também “Prisão no mundo romano: na prisão versus prisão domiciliar”, em At 26.

1.16 O mar da Galileia é um lago bonito, quase 213 metros abaixo do nível do mar, com 22,5 quilômetros de comprimento e 10 quilômetros de largura, alimentado pelas águas do rio Jordão superior. Também era chamado de lago de Genesaré (Lc 5.1) e mar de Tiberíades (Jo 6.1; 21.1). Nos tempos do AT, era conhecido como mar de Querínere (e.g., Nm 34.11), por causa de sua forma, que lembra uma harpa.

1.21 Para mais informações sobre Cafarnaum, ver nota em Mt 4.13. A sinagoga era uma instituição religiosa de importância vital para os judeus daqueles dias. Originada durante o exílio, proporcionava um lugar no qual os judeus podiam estudar as Escrituras e adorar a Deus. Podia-se estabelecer uma sinagoga em qualquer cidade em que houvesse pelo menos dez homens judeus casados. Jesus, como Paulo (ver At 13.14,15), tirava proveito do costume que permitia aos mestres visitantes participar do serviço de adoração a convite dos líderes da sinagoga (ver “A sinagoga de Cafarnaum”, em Mt 17; e “Sinagogas antigas”, em Ar 9).

1.23 Ver “Os demônios e a Bíblia”, em Mt 8.

1.24 Mt 8.29;
Mt 2.23; Lc
24.19; At 24.5;
Lc 1.35; Jo 6.69;
At 3.14
1.25 vv. 34
1.26 Mc 9.20

posseio de um espírito imundo gritou: ²⁴ “O que queres conosco,[†] Jesus de Nazaré?^u Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus!”^v

²⁵ “**Cale-se e saia dele!**”,^w repreendeu-o Jesus. ²⁶ O espírito imundo sacudiu o homem violentamente e saiu dele gritando.^x

1.24 A expressão “o Santo de Deus” aponta para a origem divina de Cristo, não para seu ofício messiânico. A expressão pode ter sido usada pelos demônios por causa da convicção tácita de que o uso preciso do

nome de uma pessoa conferia ao que falava um certo grau de controle sobre ela.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

NAZARÉ

MARCOS 1 A cidade de Nazaré (mapa 9) está localizada ao norte do vale de Jezreel, nas colinas da baixa Galileia, cerca de 5 quilômetros ao sul de Séforis.¹ Enquanto Séforis era uma rica cidade greco-romana durante a mocidade de Jesus, além de ser a capital da Galileia até 20 d.C., Nazaré permaneceu obscura.² Estendia-se por cerca 24 hectares, com uma população de apenas 500 pessoas, aproximadamente. Em seus escritos, Josefo menciona mais de 40 cidades da Galileia, mas não cita o nome de Nazaré, nem o *Talmude*, que menciona outras 63 localidades da Galileia. A insignificância de Nazaré gerava comentários depreciativos já nos dias de Jesus, como a réplica de Natanael: “Nazaré? Pode vir alguma coisa boa de lá?” (Jo 1.46).

Não obstante, o NT identifica Jesus como “o profeta de Nazaré da Galileia” (Mt 21.11). Essa cidade humilde era a residência de Maria e José (Lc 2.39) e o lugar em que Jesus cresceu (Mt 2.23; Lc 4.16). Também foi o ponto de partida para seu ministério público (Mc 1.9) e o local de sua primeira rejeição (Lc 4.16-30).³ Jesus é identificado nas narrativas dos Evangelhos simplesmente como “Jesus de Nazaré” (Mc 1.24; Lc 18.37), e o *titulus* (o anúncio oficial) que Pilatos afixou à cruz apelidou-o de “Jesus Nazareno, o rei dos judeus” (Jo 19.19).⁴ Até mesmo seus primeiros seguidores eram rotulados de “a seita dos nazarenos” (At 24.5).

No entanto, Mateus e João conectaram a origem de Jesus de Nazaré com um precedente

importante na Bíblia. Mateus 2.23 afirma que Jesus cumpriu a profecia: “Ele será chamado Nazareno”. Ao que estava se referindo Mateus? Nenhum texto do AT continha essas palavras exatas, e Mateus não indica a fonte de sua referência. Alguns conjecturam que ele está aludindo a Isaías 11.1, em que o Messias é comparado a um “rebento” (a palavra hebraica para “rebento”, *netser*, soa semelhante a “Nazaré”). Outros acreditam que Mateus está se referindo ao conceito do nazireado, pessoa consagrada ao serviço de Deus (Nm 6.1-21; Jz 13), porém João também vincula sua primeira menção a Nazaré à origem de Jesus ao afirmar que ele era o cumprimento do que Moisés e os profetas haviam escrito (Jo 1.45). João não está alegando que a vinda de Jesus, que era de Nazaré, por si mesma cumpriu as Escrituras, mas está registrando a surpresa de Natanael à ideia de que o Messias pudesse ter vindo de uma cidade tão pouco conhecida (Jo 1.46).

Escavações arqueológicas conduzidas sob a Igreja da Anunciação revelaram que a Nazaré antiga era uma aldeia agrícola. A cerâmica lá encontrada data da **Idade do Ferro II**⁵ (900-600 a.C.) até o período **bizantino** (330-640 d.C.). As escavações também revelaram diversos sepulcros judaicos, entre eles quatro que estavam selados com pedras rolantes, típico de sepulcros usados até 70 d.C. e semelhante àquele em que Jesus foi sepultado.⁶ Além disso, uma sinagoga

judaico-cristã do século III foi descoberta ali. Orientada para Jerusalém, ela contém imagens e símbolos judaico-cristãos no assoalho em forma de mosaico. A sinagoga que Jesus frequentou na juventude e na qual pela primeira vez proclamou sua identidade messiânica (Lc 4), provavelmente permaneceu debaixo dessa estrutura posterior.⁷ A atual Basílica da Anunciação foi dedicada em 1969 e representa a maior estrutura de uma igreja cristã no Oriente Médio.

¹Ver “Séforis”, em Mc 6. ²Ver “A Galileia nos tempos de Jesus”, em Mt 15. ³Ver “A vida de Jesus”, em Mc 5. ⁴Ver “Pôncio Pilatos”, em Lc 23. ⁵Ver o Glossário na p. 2080 para as definições das palavras em negrito; ver também a “Tabela dos períodos arqueológicos” na p. xxii, no início desta Bíblia. ⁶Ver “Localização do túmulo de Jesus”, em Mt 27; e “Práticas judaicas relativas ao sepultamento”, em Lc 9. ⁷Ver “Sinagogas antigas”, em At 9.

²⁷ Todos ficaram tão admirados^v que perguntavam uns aos outros: “O que é isto? Um novo ensino — e com autoridade! Até aos espíritos imundos ele dá ordens, e eles lhe obedecem!” ²⁸ As notícias a seu respeito se espalharam rapidamente por toda a região^z da Galileia.

O Poder de Jesus sobre os Demônios e as Doenças (Mt 8.14-17; Lc 4.38-41)

²⁹ Logo que saíram da sinagoga,^a foram com Tiago e João à casa de Simão e André. ³⁰ A sogra de Simão estava de cama, com febre, e falaram a respeito dela a Jesus. ³¹ Então ele se aproximou dela, tomou-a pela mão e ajudou-a a levantar-se.^b A febre a deixou, e ela começou a servi-los. ³² Ao anoitecer, depois do pôr do sol, o povo levou a Jesus todos os doentes e os endemoninhados.^c ³³ Toda a cidade se reuniu à porta da casa, ³⁴ e Jesus curou muitos que sofriam de várias doenças.^d Também expulsou muitos demônios; não permitia, porém, que estes falassem, porque sabiam quem ele era.^e

VOZES ANTIGAS

Além disso, nada é sagrado ou a salvo do risco de sua coibição: nem a dona de casa, nem a filha virgem, nem o jovem noivo da filha de alguém, nem mesmo o filho inocente! Se nenhum destes estiver disponível, ele tirará vantagem sexual da avó de seu amigo!

— JUVENAL, O SATÍRICO SOBRE AS LUXÚRIAS DE HOMENS RICOS HELENÍSTICOS.

De Juvenal, *Sátira III*, linhas 109ss (tradução por Duane Garrett). Certas vulgaridades latinas não foram traduzidas literalmente.

Ver artigo “Cínicos e satíricos no mundo greco-romano”, em Mc 2.

Jesus Ora num Lugar Deserto (Lc 4.42-44)

³⁵ De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus levantou-se, saiu de casa e foi para um lugar deserto, onde ficou orando.^f ³⁶ Simão e seus companheiros foram procurá-lo ³⁷ e, ao encontrá-lo, disseram: “Todos estão te procurando!” ³⁸ Jesus respondeu: “Vamos para outro lugar, para os povoados vizinhos, para que também lá eu pregue. Foi para isso que eu vim”.^g ³⁹ Então ele percorreu toda a Galileia, pregando nas sinagogas^h e expulsando os demônios.ⁱ

A Cura de um Leproso (Mt 8.1-4; Lc 5.12-16)

⁴⁰ Um leproso^a aproximou-se dele e suplicou-lhe de joelhos: “Se quiseres, podes purificar-me!” ⁴¹ Cheio de compaixão, Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: “Quero. Seja purificado!”

⁴² Imediatamente a lepra o deixou, e ele foi purificado.

⁴³ Em seguida Jesus o despediu, com uma severa advertência: ⁴⁴ “Olhe, não conte isso a ninguém.”^k Mas vá mostrar-se ao sacerdote^l e ofereça pela sua purificação ^m os sacrifícios que Moisés ordenou, para que sirva de testemunho”. ⁴⁵ Ele, porém, saiu e começou a tornar público o fato, espalhando a notícia. Por isso Jesus não podia mais entrar publicamente em nenhuma cidade, mas ficava fora, em lugares solitários.ⁿ Todavia, assim mesmo vinha a ele gente de todas as partes.^o

Jesus Cura um Paralítico (Mt 9.1-8; Lc 5.17-26)

² Poucos dias depois, tendo Jesus entrado novamente em Cafarnaum, o povo ouviu falar que ele estava em casa. ² Então muita gente^p se reuniu ali, de forma que não havia lugar nem junto à porta; e ele lhes pregava a palavra. ³ Vieram alguns homens, trazendo-lhe um paralítico,^q carregado por quatro deles. ⁴ Não podendo levá-lo até Jesus, por causa da multidão, removeram parte da cobertura do lugar onde Jesus estava e, pela abertura no teto, baixaram a maca em que estava deitado o paralítico. ⁵ Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico: “Filho, os seus pecados estão perdoados”.^r

⁶ Estavam sentados ali alguns mestres da lei, raciocinando em seu íntimo: ⁷ “Por que esse homem fala assim? Está blasfemando! Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?”^s

^o 1.40 O termo grego não se refere somente à lepra, mas também a diversas doenças da pele.

1.29 Jesus e os discípulos provavelmente foram à casa de Simão e André para participar de uma refeição, visto que a refeição principal no sábado era tradicionalmente servida imediatamente após o culto na sinagoga (ver “Casas na Terra Santa do século I d.C.: a casa de Pedro em Cafarnaum; *Insulae*”, em Mt 14).

1.32 As pessoas esperavam o sábado terminar (“depois do pôr do sol”) para carregar qualquer coisa (ver nota em Lc 4.40).

1.40 Ver a nota da NVJ; ver também “Doenças de pele no mundo antigo”, em Lv 13.

1.41 De acordo com a Lei mosaica, tocar um leproso resultava em contaminação (ver Lv 5.2; 13.45,46).

1.44 Só um sacerdote podia declarar o leproso curado, ou seja, “limpo” (Lv 13.6,13,17,23). Ao receber a certificação ritual de purificação, a pessoa estava pronta para ser reintegrada à sociedade.

2.1 Em Cafarnaum, Jesus provavelmente morava na casa na casa de Pedro (ver nota em Mt 4.13).

2.4 Uma casa típica no Oriente Médio tinha o telhado plano e acessível por meio de escadaria externa. Normalmente, o telhado era feito de uma camada grossa de barro (comprimido com um rolo de pedra), sustentado por esteiras de galhos atravessadas por vigas de madeira.

2.6 Para mais informações sobre os “mestres da lei”, ver nota em Mt 2.4 e Lc 5.17.

2.7 De acordo com a teologia judaica, nem mesmo o Messias podia perdoar pecados. O perdão dos pecados concedido por Jesus era uma reivindicação de deidade, que seus detratores consideraram blasfêmia (ver nota em 14.64).

⁸ Jesus percebeu logo em seu espírito que era isso que eles estavam pensando e lhes disse: “Por que vocês estão remoendo essas coisas em seu coração? ⁹ Que é mais fácil dizer ao paralítico: Os seus pecados estão perdoados, ou: Levante-se, pegue a sua maca e ande? ¹⁰ Mas, para que vocês saibam que o Filho do homem^t tem na terra autoridade para perdoar pecados” — disse ao paralítico — ¹¹ “eu digo a você: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa”. ¹² Ele se levantou, pegou a maca e saiu à vista de todos, que, atônitos, glorificaram a Deus,^u dizendo: “Nunca vimos nada igual!”^v

O Chamado de Levi (Mt 9.9-13; Lc 5.27-32)

¹³ Jesus saiu outra vez para beira-mar. Uma grande multidão aproximou-se,^w e ele começou a ensiná-los. ¹⁴ Passando por ali, viu Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria, e disse-lhe: “Siga-me”.^x Levi levantou-se e o seguiu.

¹⁵ Durante uma refeição na casa de Levi, muitos publicanos^a e pecadores estavam comendo com Jesus e seus discípulos, pois havia muitos que o seguiam. ¹⁶ Quando os mestres da lei que eram fariseus^y o viram comendo com pecadores e publicanos, perguntaram aos discípulos de Jesus: “Por que ele come com publicanos e pecadores?”^z

¹⁷ Ouvindo isso, Jesus lhes disse: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim para chamar justos, mas pecadores”.^a

^a 2.15 Os publicanos eram coletores de impostos, malvistas pelo povo; também no versículo 16.

2.14 Levi, também chamado Mateus, estava provavelmente coletando impostos e tributos para Roma numa coletoria da mais importante estrada internacional, que ia na direção oeste, partindo de Damasco, passando por Cafarnaum, até a costa do Mediterrâneo, e então na direção sul, para o Egito. Além de rotulados como traidores, os cobradores de impostos eram notáveis pela sua desonestidade. Eram proibidos de servir

como testemunhas ou juízes e também eram expulsos da sinagoga. Aos olhos da comunidade judaica, a desgraça deles estendia-se até mesmo à família (ver “Impostos romanos”, em Rm 11).

2.16 Nem todos “os mestres da lei” (ver nota em Mt 2.4) eram fariseus (ver também nota em Mt 3.7).

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Cínicos e satíricos no mundo greco-romano

MARCOS 2 Os cínicos eram membros de uma escola de filosofia vagamente organizada na Grécia, no final do século V a.C. Rejeitavam o sistema de valores convencional, que enfatizava a construção social como riqueza e *status*, procurando, em vez disso, viver uma vida virtuosa, de acordo com a natureza. Os cínicos acreditavam que a sociedade havia estabelecido valores sobre coisas inúteis. Sustentavam a simplicidade como estilo de vida, e por isso há quem os compare aos *hippies* norte-americanos dos anos de 1960. Seu sistema de valores era baseado na equação de que uma vida sem valores artificiais conduziria inevitavelmente à felicidade. As anedotas sobre os cínicos são abundantes. Alexandre, o Grande, supostamente visitou Diógenes, o Cínico, e pediu-lhe que solicitasse qualquer coisa que quisesse. Diógenes, que estava tomando banho de sol no momento da visita, simplesmente pediu a

Alexandre que mudasse de lugar para não bloquear o Sol. Sócrates foi denunciado por ter ordenado ao filósofo cínico Antístenes (que fazia questão de sempre usar roupas esfarrapadas): “Posso ver seu orgulho através dos buracos de sua capa”.

A sátira floresceu na cultura romana. Os satíricos, como seus antecessores, os cínicos, eram fundamentalmente críticos sociais. Uma diferença significativa é que a sátira era mais um tipo de arte que uma filosofia (embora os cínicos também se ocupassem da sátira literária). Os satíricos produziam jogos, romances e poemas que ridicularizavam o vício e a decadência moral encontrados na sociedade romana da época. Horácio (m. 8 a.C.) e Juvenal (m. início do séc. II d.C.) foram provavelmente os maiores satíricos romanos. Os cínicos e os satíricos ridicularizavam aqueles a quem viam como enfeites patéticos da sociedade. Por exemplo, na *Sátira III* Juvenal

ataca a sensualidade das classes altas do **he-lenismo** e na *Sátira VI* faz uma lista detalhada dos supostos vícios das esposas romanas. Contudo, os escritos sobreviventes dos cínicos e dos satíricos são em geral caracterizados por formas perversas de autoindulgência e também por raiva, estupidez e obscenidade (especialmente por parte dos satíricos).

Em tempos recentes, era moda em alguns círculos de estudo discutir se o próprio Jesus era ou não um seguidor judeu da filosofia cínica. Na verdade, além da simplicidade de sua vida, Jesus não tinha nada em comum com os cínicos gregos. As autoridades romanas perseguiam os cínicos porque eles tendiam a ser anárquicos, enquanto Jesus, que ensinou, por exemplo, que as pessoas deveriam pagar seus impostos (Mc 12.17),¹ dificilmente poderia ser classificado alguém propenso à anarquia.²

¹Ver “Impostos romanos”, em Rm 11. ²Ver também “As escolas filosóficas gregas”, em Cl 2.

VOZES ANTIGAS

Ele então retornou para Jericó e veio a ficar em estado tão precário que, mesmo mal podendo evitar a morte, prosseguiu para tentar alguma atrocidade. Junto os homens mais renomados de cada aldeia de toda a nação judaica num lugar chamado Hipódromo (estádio) e os fechou lá dentro. Então chamou sua irmã Salomé e o marido dela, Alexas, e disse-lhes: “Sei que os judeus estarão festejando minha morte, mas posso ter luto (lamentação) por outras razões e ter um funeral esplêndido se você simplesmente obedecer às minhas ordens. Posicione os soldados ao redor desses homens que estão agora sob vigilância e mate-os assim que eu expirar. Então toda a Judeia e toda família, de qualquer forma, mesmo contra a vontade, lamentará por mim”.

— **HERODES, O GRANDE, FAZ OS PREPARATIVOS DO SEU FUNERAL**

De Flávio Josefo, *Guerras das judeus* 1.33 (tradução por Duane Garrett)

Ver o artigo “Herodes, o Grande”, em Mc 3.

Jesus é Interrogado acerca do Jejum (Mt 9.14-17; Lc 5.33-39)

¹⁸ Os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando.^b Algumas pessoas vieram a Jesus e lhe perguntaram: “Por que os discípulos de João e os dos fariseus jejuam, mas os teus não?”

¹⁹ Jesus respondeu: “Como podem os convidados do noivo jejuar enquanto este está com eles? Não podem, enquanto o têm consigo. ²⁰ Mas virão dias quando o noivo lhes será tirado;^c e nesse tempo jejuarão.

²¹ “Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, pois o remendo forçará a roupa, tornando pior o rasgo. ²² E ninguém põe vinho novo em vasilha de couro velha; se o fizer, o vinho reventará a vasilha, e tanto o vinho quanto a vasilha se estragarão. Ao contrário, põe-se vinho novo em vasilha de couro nova”.

O Senhor do Sábado (Mt 12.1-14; Lc 6.1-11)

²³ Certo sábado Jesus estava passando pelas lavouras de cereal. Enquanto caminhavam, seus discípulos começaram a colher espigas.^d ²⁴ Os fariseus lhe perguntaram: “Olha, por que eles estão fazendo o que não é permitido no sábado?”^e

²⁵ Ele respondeu: “Vocês nunca leram o que fez Davi quando ele e seus companheiros estavam necessitados e com fome? ²⁶ Nos dias do sumo sacerdote^f Abiatar, Davi entrou na casa de Deus e comeu os pães da Presença, que apenas aos sacerdotes era permitido comer,^g e os deu também aos seus companheiros”.^h

²⁷ E então lhes disse: “O sábado foi feito por causa do homem,ⁱ e não o homem por causa do sábado.^j ²⁸ Assim, pois, o Filho do

2.18 Mt 6.16-18; At 13.2

2.20 Lc 17.22

2.23 Mt 23.25

2.24 Mt 12.2

2.26 1 Cr 24.6; 2 Sm 8.17; 1 Rv 24.5-9; 1 Sm 21.1-6

2.27 Ex 23.12; Dt 5.14; Cl 2.16 2.28 Mt 8.20

3.1 Mt 4.23; Mc 1.21

3.2 Mt 12.10; Lc 14.1

3.6 Mt 22.16; Mc 12.13; Mt 12.14

3.7 Mt 4.25

3.8 Mt 11.21

homem^k é Senhor até mesmo do sábado”.

3 Noutra ocasião ele entrou na sinagoga,^l e estava ali um homem com uma das mãos atrofiada. ² Alguns deles estavam procurando um motivo para acusar Jesus; por isso o observavam atentamente,^m para ver se ele iria curá-lo no sábado. ³ Jesus disse ao homem da mão atrofiada: “Levante-se e venha para o meio”.

⁴ Depois Jesus lhes perguntou: “O que é permitido fazer no sábado: o bem ou o mal, salvar a vida ou matar?” Mas eles permaneceram em silêncio.

⁵ Irado, olhou para os que estavam à sua volta e, profundamente entristecido por causa do coração endurecido deles, disse ao homem: “Estenda a mão”. Ele a estendeu, e ela foi restaurada. ⁶ Então os fariseus saíram e começaram a conspirar com os herodianosⁿ contra Jesus, sobre como poderiam matá-lo.^o

Jesus é Procurado por uma Multidão

⁷ Jesus retirou-se com os seus discípulos para o mar, e uma grande multidão vinda da Galileia o seguia.^q ⁸ Quando ouviram a respeito de tudo o que ele estava fazendo, muitas pessoas procedentes da Judeia, de Jerusalém, da Idumeia, das regiões do outro lado do Jordão e dos arredores de Tiro

2.18 Alguns fariseus também eram “escribas” (i.e., mestres da lei; ver nota em Mt 2.4), que costumavam ter discípulos. Talvez a frase “os discípulos dos fariseus” seja usada de modo não técnico, para se referir a pessoas influenciadas pelos fariseus. Na Lei mosaica, só o jejum do Dia de Expição era obrigatório (ver Lv 16.29,31; 23.27-32; Nm 29.7). Depois do exílio babilônico, quatro outros jejuans anuais eram observados pelos judeus (ver notas em Zc 7.5; 8.19). Na época de Jesus, os fariseus jejuavam duas vezes por semana — na segunda-feira e na quinta-feira.

2.19 O casamento judeu era uma ocasião particularmente alegre, e a celebração geralmente durava uma semana (ver “Casamentos no antigo Israel”, em Ct 3). Era inconcebível jejuar durante tais festividades, porque o jejum estava associado com a tristeza (ver “O jejum na Bíblia e no antigo Oriente Médio”, em Mt 6).

2.22 Ver nota em Mt 9.17.

2.24 De acordo com tradição judaica (na Mishná; ver nota em Mt 15.2), o ato de colher — tecnicamente, o que os discípulos de Jesus estavam fazendo — era proibido no sábado (ver Ex 34.21).

2.26 Para mais informações sobre os “pães da Presença” ver nota em Mt 12.4.

2.27 A tradição judaica havia criado tantas exigências e restrições para guardar o sábado, que o fardo se tornou intolerável (ver nota em Mt 15.2; ver também “Interpretação bíblica em Qumran e entre os antigos rabinos”, em Mt 23).

3.2 A tradição judaica prescrevia que a assistência poderia ser dada ao doente no sábado apenas quando a vida da pessoa estivesse ameaçada — obviamente, não era o caso aqui.

3.6 Os herodianos eram evidentemente judeus influentes que favoreciam a dinastia herodiana, significando que eram partidários de Roma, da qual Herodes recebeu sua autoridade. Eles se uniram aos fariseus em oposição a Jesus porque temiam que ele viesse a exercer influência política sobre o povo, gerando instabilidade (ver 12.13; ver também nota em Mt 22.15-17).

3.8 Essa lista de nomes geográficos indica que o povo formando a multidão provinha não apenas dos arredores de Cafarnaum (ver “Cafarnaum”, em Mc 9), mas também de lugares bem distantes. As regiões mencionadas incluíam virtualmente todo o Israel e seus vizinhos mais próximos. O nome Idumeia é a forma grega do hebraico Edom, mas aqui se refere a uma área ao sul da Judeia, não ao território edomita antigo.

POVOS, NAÇÕES E GOVERNANTES ANTIGOS

Herodes, o Grande

MARCOS 3 Herodes, o Grande, começou sua carreira como governador militar da Galileia em 47 a.C.¹ O Senado romano então o designou rei da Judeia, em 40 a.C. Depois de suprimir violentamente uma oposição significativa da aristocracia em Jerusalém, ele começou formalmente seu reinado em 37 a.C. e governou até sua morte, em 4 a.C. O pai de Herodes, Antípater, era um idumeu convertido ao judaísmo,² e sua mãe, Cipros, era nebateia. Herodes tentava agradar os judeus, mas se aliou a Roma e abraçou a cultura e a religião greco-romana. É conhecido pelos seus extensivos programas de construções, e evidência de alguma dessas atividades podem ser vistas ainda hoje.

Nessa área, as realizações de Herodes eram impressionantes e incluíam o seguinte:

- ✦ Templos para Roma, Augusto e Baal-Shamim; o templo de Apolo, em Rodes; e, claro, o templo de Jerusalém.³
- ✦ Palácios em Massada, Jericó, Ascalom e outros.⁴
- ✦ Ginásios, banhos, fontes, colonatas, mercados e outros edifícios públicos por todo o Império Romano oriental.
- ✦ Cidades inteiras, como a Cesareia marítima e Sebastes (ou Augusta).⁵

A elevação de Herodes ao poder aconteceu num período tumultuado da história romana — as guerras civis do Primeiro e do Segundo Triunvirato. Herodes normalmente apoiava o lado perdedor. Por exemplo, ele estava do lado de Antônio e Cleópatra quando foram derrotados por Otaviano (depois conhecido como César Augusto).⁶ Não obstante, Herodes tinha instintos políticos notáveis e conseguiu salvar sua vida e seu reino, submetendo-se imediatamente e jurando lealdade a Otaviano. De fato, todo movimento



O Herodium

Cortesia do © dr. Gary Pratico

que ele fazia era planejado de algum modo para assegurar a eliminação dos inimigos e a manutenção do apoio das pessoas que importavam. Por exemplo, Herodes divorciou-se de sua primeira esposa, Dóris, e noivou com Mariane, neta do sumo sacerdote Hircano II (Herodes executou ambos).

Sua frágil base de poder — um único passo equivocado, e ele poderia perder tudo — pode ter contribuído para a paranoia que o levou a executar tanta gente, até os próprios filhos. Jesus nasceu durante o reinado de Herodes (Mt 2.1), que, perto do fim da vida, adquiriu a infâmia eterna por ter causado a morte dos meninos de Belém (Mt 2.16). Conta-se que César Augusto fez uma vez um trocadilho: era preferível ser o porco de Herodes (gr. *hus*) a ser seu filho (*huios*), uma referência ao fato de que, como judeu nominal, Herodes pelo menos teve receio de matar porcos — embora não de executar os membros da própria família.

A “família de Jesus” fugiu para o Egito a fim de escapar da fúria de Herodes (Mt 2.13,14). Enquanto estavam lá, Herodes morreu de uma doença em seu palácio, na cidade

de Jericó, que havia sido escavada. Seu corpo foi levado numa procissão cuidadosamente planejada ao Herodium (ver mapa 9), perto de Belém, em que foi enterrado com esplendor. Apesar das escavações extensivas no Herodium, o sepulcro de Herodes nunca foi localizado.

O reino de Herodes foi dividido entre três de seus quatro filhos sobreviventes: Arquelau, governador da Judeia e **Samarria**⁷ (Mt 2.22); Herodes Antipas, **tetrarca** da Galileia e Pereia (Mt 14.1-10); Filipe II, tetrarca da Itureia e Traconites (Lc 3.1). Outros membros da extensa família de Herodes (ele teve dez esposas) são mencionados no NT: um quarto filho, Filipe I (Mt 14.3-11; Mc 6.17-28; Lc 3.19); uma neta Herodias, que se casou com dois dos filhos dele (tios dela): Filipe I e Herodes Antipas (Mt 14.3-11; Mc 6.17-28; Lc 3.19); o neto Herodes Agripa I (At 12.1-23; 23.35); o bisneto Agripa II (At 25.13—26.32); as bisnetas Berenice (At 25.13-27; 26.30), Drusila (At 24.24) e Salomé (Mt 14.6-11; Mc 6.22-28).⁷

¹Ver “A Galileia nos tempos de Jesus”, em Mt 15.

²Ver “Os prosélitos no judaísmo do Segundo Templo”, em At 6.

³Ver “O templo de Herodes”, em Mc 11; e “O muro divisor do pátio dos Gentios no templo de Herodes”, em Ef 2.

⁴Ver “Massada”, em At 5; e “A Jericó do Novo Testamento”, em Mc 10.

⁵Ver “A Cesareia marítima”, em At 10.

⁶Ver “César Augusto, imperador de Roma; o censo; Quirino, governador da Síria”, em Lc 1.

⁷Ver também “A política na Terra Santa que culminou nos tempos de Jesus”, em Mc 4.

IMPERADORES, PROCURADORES ROMANOS DA JUDEIA E GOVERNADORES DA PALESTINA NO PRIMEIRO SÉCULO

Imperadores	Procuradores	Reis, Tetrarcas, Etnarcas
AUGUSTO, 27 a.C.-14 d.C. (Lc 2.1)	Copônio, 6-10 d.C. Ambívulo, 10-13 Rufo, 13-15	HERODES, o Grande, rei de toda a Palestina, 37-4 a.C. (Mt 2.1-19; Lc 1.5) ARQUELAU, etnarca da Judeia, Samaria e Idumeia, 4 a.C.-6 d.C. (Mt 2.22)
TIBÉRIO, 14-37 d.C. (Lc 3.1)	Valério Grato, 15-26 PÔNCIO PILATOS, 26-36 (Lc 3.1; 23.1)	HERODES FILIPE, tetrarca da Itureia, Traconites, Gaulanites, Auranites e Batanea, 4 a.C.-34 d.C. (Lc 3.1)
Calígula, 37-41	Marcelo, 36-38	HERODES ANTIPAS, tetrarca da Galileia e Pereia, 4 a.C.-39 d.C. (Mc 6.14-29; Lc 3.1; 13.31-35; 23.7-12)
CLÁUDIO, 41-54 (At 11.28; 18.2; 23.26)	Marulo, 38-41	HERODES AGRIPA I, 37-44; no ano 41 d.C., rei de toda a Palestina (At 12.1-24)
Nero, 54-68 (o imperador das mortes de Paulo e Pedro)	Cúspio Fado, 44-46 Tibério Alexandre, 46-48 Ventídio Cumano, 48-52 ANTÔNIO FÉLIX, 52-59 (At 23.26-24.27)	HERODES AGRIPA II, 48-70, tetrarca de Cálcis e do território do norte (At 25.13—26.32)
Galba, 68 Oto, 69 Vitêlio, 69	PÓRCIO FESTO, 59-61 (At 25) Albino, 61-65	
Vespasiano, 69-79 Tito, 79-81	Géssio Floro, 65-70	
Domiciano, 81-96	Vetuleno Cereal, 70-72 Lucílio Basso, 72-75	
Nerva, 96-98	M. Salvieno, 75-86	
Trajano, 98-117	Flávio Silva, 86, Pompeu Longino, 86	

Os nomes em maiúsculas são mencionados no NT.

Chronological and Background Charts of the New Testament, p. 63

e de Sidom foram atrás dele.^{r 9} Por causa da multidão, ele disse aos discípulos que lhe preparassem um pequeno barco, para evitar que o comprimissem. ¹⁰ Pois ele havia curado a muitos,^s de modo que os que sofriam de doenças ficavam se empurrando para conseguir tocar nele.^{t 11} Sempre que os espíritos imundos o viam, prostravam-se diante dele e gritavam: “Tu és o Filho de Deus”.^{u 12} Mas ele lhes dava ordens severas para que não dissessem quem ele era.^v

A Escolha dos Doze Apóstolos (Lc 6.12-16)

¹³ Jesus subiu a um monte e chamou a si aqueles que ele quis, os quais vieram para junto dele.^w ¹⁴ Escolheu doze, designando-os apóstolos^{a, x} para que estivessem com ele, os enviasse a pregar

^a 3.14 Alguns manuscritos não trazem *designando-os apóstolos*.

3.13 O “monte” é provavelmente a região montanhosa da Galileia em volta do lago.

3.10 [¶]Mt 4.23;
[¶]Mt 9.20
3.11 [¶]Mt 4.3;
Mc 1.23,24
3.12 [¶]Mt 8.4; Mc
1.24,25,34; At
16.17,18

3.13 [¶]Mt 5.1
3.14 [¶]Mc 6.30

3.15 Mt 10.1
3.16 Jo 1.42

¹⁵ e tivessem autoridade para expulsar demônios.^y ¹⁶ Estes são os doze que ele escolheu: Simão, a quem deu o nome de Pedro;^z ¹⁷ Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que significa “filhos do trovão”; ¹⁸ André; Filipe; Bartolomeu; Mateus; Tomé; Tiago, filho de Alfeu; Tadeu; Simão, o zelote; ¹⁹ e Judas Iscariotes, que o traiu.

A Acusação contra Jesus (Mt 12.22-32; Lc 11.14-23)

3.20 v. 7; Mc
3.21 Jo 10.20; At
26.24

²⁰ Então Jesus entrou numa casa, e novamente reuniu-se ali uma multidão,^a de modo que ele e os seus discípulos não conseguiam nem comer.^b ²¹ Quando seus familiares ouviram falar disso, saíram para trazê-lo à força, pois diziam: “Ele está fora de si”.^c

3.22 Mt 15.1;
Mt 10.25; 11.18;
12.24; Jo 7.20;
8.48,52; 10.20;
Mt 9.34
3.23 Mt 4.2;
Mt 4.10

²² E os mestres da lei que haviam descido de Jerusalém^d diziam: “Ele está com Belzebu!^e Pelo príncipe dos demônios é que ele expulsa demônios”.^f

3.27 Is 49.24,25

²³ Então Jesus os chamou e lhes falou por parábolas:^g “Como pode Satanás^h expulsar Satanás?ⁱ ²⁴ Se um reino estiver dividido contra si mesmo, não poderá subsistir. ²⁵ Se uma casa estiver dividida contra si mesma, também não poderá subsistir. ²⁶ E, se Satanás se opuser a si mesmo e estiver dividido, não poderá subsistir; chegou o seu fim. ²⁷ De fato, ninguém pode entrar na casa do homem forte e levar dali os seus bens, sem que antes o amarre. Só então poderá roubar a casa dele.^j ²⁸ Eu asseguro que todos os pecados e blasfêmias dos homens lhes serão perdoados, ²⁹ mas quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão: é culpado de pecado eterno”.^k

3.29 Mt 12.31,32;
Lc 12.10

³⁰ Jesus falou isso porque eles estavam dizendo: “Ele está com um espírito imundo”.

A Mãe e os Irmãos de Jesus (Mt 12.46-50; Lc 8.19-21)

3.31 v. 21

³¹ Então chegaram a mãe e os irmãos de Jesus.^k Ficando do lado de fora, mandaram alguém chamá-lo. ³² Havia muita gente assentada ao seu redor; e lhe disseram: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te procuram”.

³³ “Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?”, perguntou ele.

³⁴ Então olhou para os que estavam assentados ao seu redor e disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos! ³⁵ Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

A Parábola do Semeador (Mt 13.1-23; Lc 8.1-15)

4.1 Mc 2.13, 3.7

4 Novamente Jesus começou a ensinar à beira-mar.^l Reuniu-se ao seu redor uma multidão tão grande que ele teve que entrar num barco e assentar-se nele. O barco estava no mar, enquanto todo o povo ficava na beira da praia. ² Ele lhes ensinava muitas coisas por parábolas,^m dizendo em seu ensino: ³ “Ouçam! O semeador saiu a semear.ⁿ ⁴ Enquanto lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho, e as aves vieram e a comeram. ⁵ Parte dela caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra; e logo brotou, porque a terra não era profunda. ⁶ Mas, quando saiu o sol, as plantas se queimaram e secaram, porque não tinham raiz. ⁷ Outra parte caiu entre espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas, de forma que ela não deu fruto. ⁸ Outra ainda caiu em boa terra, germinou, cresceu e deu boa colheita, a trinta, sessenta e até cem por um”.^o

4.2 v. 11;
Mc 3.23
4.3 v. 26

4.8 Jo 15.5;
Cl 1.6

⁹ E acrescentou: “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça!”^p

4.9 v. 23;
Mt 11.15

¹⁰ Quando ele ficou sozinho, os Doze e os outros que estavam ao seu redor lhe fizeram perguntas acerca das parábolas. ¹¹ Ele lhes disse: “A vocês foi dado o mistério do Reino de Deus,^q mas aos que estão fora^r tudo é dito por parábolas, ¹² a fim de que,

4.11 Mt 3.2;
1Co 5.12,13;
Cl 4.5; 1Ts 4.12;
1Tm 3.7

4.12 Is 6.9,10;
Mt 13.13-15

“ainda que vejam, não percebam;
ainda que ouçam, não entendam;
de outro modo, poderiam converter-se
e ser perdoados!”^s

^a 4.12 Is 6.9,10.

3.18 Para mais informações sobre Bartolomeu, ver nota em Lc 6.14; sobre Tadeu, ver nota em Mt 10.3; sobre “o zelote”, ver nota em Mt 10.4.
3.19 O nome Iscariotes provavelmente significa “o homem de Querio-re”, talvez a cidade de Querio-re-Hezrom, situada 19 quilômetros ao sul de Hebrom.
3.21 A família de Jesus pode ter vindo a Cafarnaum de Nazaré, que ficava 48 quilômetros distante.
3.22 Para mais informações sobre Belzebu, ver nota em Mt 10.25.
3.32 Ver “A família de José, Maria e Jesus”, em Mt 12.

3.35 No mundo do século I, a família era a base da vida social e econômica da pessoa, a fonte de sua identidade.
4.1 Sentar-se era a posição habitual dos mestres judeus.
4.3-8 Na época, a semente era espalhada com a mão — trabalho que, por sua natureza, deixava algumas em solo improdutivo. Na prática oriental, a semente era às vezes semeada primeiro: só depois o campo era arado. Estradas e trilhas cruzavam muitos campos, e o trânsito tornava a superfície muito dura em alguns pontos, impedindo a semente de criar raízes.

¹³ Então Jesus lhes perguntou: “Vocês não entendem esta parábola? Como, então, compreenderão todas as outras?” ¹⁴ O semeador semeia a palavra. ¹⁵ Algumas pessoas são como a semente à beira do caminho, onde a palavra é semeada. Logo que a ouvem, Satanás¹ vem e retira a palavra nelas semeada. ¹⁶ Outras, como a semente lançada em terreno pedregoso, ouvem a palavra e logo a recebem com alegria. ¹⁷ Todavia, visto que não têm raiz em si mesmas, permanecem por pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandonam. ¹⁸ Outras ainda, como a semente lançada entre espinhos, ouvem a palavra; ¹⁹ mas, quando chegam as preocupações desta vida, o engano das riquezas² e os anseios por outras coisas sufocam a palavra, tornando-a infrutífera. ²⁰ Outras pessoas são como a semente lançada em boa terra: ouvem a palavra, aceitam-na e dão uma colheita de trinta, sessenta e até cem por um³.”

4.14 Mc 16.20;
Lc 1.2; At 4.31;
8.4; 16.6; 17.11;
Fp 1.14
4.15 Mt 4.10

4.19 Mt 19.23;
1Tm 6.9,10,17;
1Jo 2.15-17

POVOS, NAÇÕES E GOVERNANTES ANTIGOS

A política na Terra Santa que culminou nos tempos de Jesus

MARCOS 4 A Terra Santa, antes e na época de Jesus, estava formalmente sob a supervisão do governador romano da Síria. O período romano começou em 63 a.C. e culminou com a destruição do templo, em 70 d.C., e o estabelecimento de Jerusalém como cidade pagã, em 135 d.C. Época crítica na história de Israel, os intérpretes antigos e modernos veem esses anos como um período de enormes mudanças, esperança e importância.

A chegada de Roma e o fim dos hasmoneus

O controle romano foi exercido pela primeira vez em Israel no rastro de um conflito pela sucessão entre os dois filhos da rainha hasmoneia Salomé Alexandra: Hircano II, que fora sumo sacerdote, e Aristóbulo II, que tinha sido o principal comandante militar. Embora Hircano tenha inicialmente se rendido ao irmão, foi pressionado pelo líder idumeu Antípater a lutar pelo trono. Ambos os lados enviaram delegações à presença do general romano Pompeu, em Damasco, que por fim apoiou Hircano. Enquanto isso, os partidários de Aristóbulo haviam bloqueado a passagem para o templo de Jerusalém. As forças de Pompeu sitiaram o monte do Templo durante três meses, conquistando-o finalmente. Josefo registra que Pompeu profanou o templo, entrando no Santo dos Santos (*Guerras dos judeus* 1.7.1-6). Hircano foi confirmado no poder, embora negasse

o título de rei e esvaziasse todas as cidades gregas da costa e da **Transjordânia**. Depois de outra rebelião, em 57 a.C., liderada pelo filho de Aristóbulo, Alexandre, Hircano conseguiu reter apenas o sumo sacerdócio e o templo, enquanto a província da Judeia foi dividida em cinco distritos administrativos.

No decorrer de uma guerra civil romana entre Pompeu e Júlio César, o idumeu Antípater encorajou Hircano a apoiar César e enviar tropas auxiliares para ajudá-lo no Egito (47 a.C.). Como gesto de agradecimento, Júlio César concedeu a Hircano o título de etnarca dos judeus (etnarca era alguém designado por Roma para ser governador de um povo) e nomeou Antípater primeiro procurador da Judeia.¹ Antípater nomeou seus dois filhos, Fasael e Herodes, governadores da Judeia e da Galileia, respectivamente. Herodes distinguiu-se rapidamente e foi nomeado governador da Síria pelo imperador romano.²

Herodes, o Grande

O assassinato de César, em 44 a.C., foi um golpe para as comunidades judaicas de todo o império e resultou num período de instabilidade em Roma. Durante esse intervalo, o império oriental foi atacado pelos partos da Mesopotâmia. Eles nomearam Antígono, filho de Aristóbulo, sumo sacerdote e rei de Jerusalém. Fasael foi capturado e assassinado, enquanto Herodes fugiu para Roma.

Depois da derrota dos partos, Marco Antônio e Otaviano (herdeiro de Júlio César)³ concederam o título de rei dos judeus a Herodes, em 37 a.C.

Herodes, com o apoio de Roma, governou Jerusalém de 37 a 34 a.C. Era rei vassalo (rei sob a autoridade de um poder externo) e foi considerado “amigo e aliado do povo romano” (título concedido pelo Senado aos não romanos cujo apoio valorizava). Dependia de Roma para manter seu reinado e foi compelido a fazer um juramento de lealdade a César (Josefo, *Antiguidades judaicas* 17.2.4). Em contrapartida, prometeu estabilidade, ordem e receita de impostos. Herodes conseguiu reputação internacional como grande benfeitor e construtor de cidades e templos, mas seu legado para o judaísmo é quase todo negativo. Josefo registra a avaliação segundo a qual os judeus sofreram mais durante o reinado de Herodes do que no período inteiro antes dele, desde o exílio babilônio (*Guerras dos judeus*, 2.6.2).

¹Ver “O governador romano”, em At 25.

²Ver “Herodes, o Grande”, em Mc 3.

³Ver “César Augusto, imperador de Roma; o censo; Quirino, governador da Síria”, em Lc 1.

A Candeia (Lc 8.16-18)

4.21 *Mt 5.15
4.22 *Lc 16.17;
Mt 10.26; Lc 8.17;
12.2
4.23 *v. 9;
Mt 11.15
4.24 *Mt 7.2;
Lc 6.38
4.25 *Mt 13.12;
25.29

²¹ Ele lhes disse: “Quem traz uma candeia para ser colocada debaixo de uma vasilha ou de uma cama? Acaso não a coloca num lugar apropriado?”²² Porque não há nada oculto, senão para ser revelado, e nada escondido, senão para ser trazido à luz.²³ Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!²⁴ “Considerem atentamente o que vocês estão ouvindo”, continuou ele. “Com a medida com que medirem, vocês serão medidos; e ainda mais acrescentarão para vocês.”²⁵ A quem tiver, mais lhe será dado; de quem não tiver, até o que tem lhe será tirado”.^a

4.21 Para mais informações sobre as “lâmpadas”, ver nota em Mt 5.15.



Os sucessores de Herodes e as conturbadas relações entre Roma e os judeus

MARCOS 4

Os sucessores de Herodes

Quando Herodes morreu, em 4 a.C., a região predominantemente gentílica a nordeste do mar da Galileia, conhecida como Itureia e Traconites, foi dada como tetrarquia a Filipe, o meio-irmão de Antipas (Mt 14.3; Lc 3.1). Filipe governou bem seu território, de sua nova capital recentemente construída, a Cesareia de Filipe.¹ Quando ele morreu, em 34 d.C., sua tetrarquia foi incorporada à província romana da Síria. A Galileia e a Pereia foram designadas a Antipas, meio-irmão de Filipe (também conhecido como “Herodes, o tetrarca”, Mt 14.1; Lc 3.1). Herodes Antipas governou de Séforis, perto de Nazaré, e depois de Tiberíades, até seu banimento pelo imperador romano Calígula, em 39 d.C.² Ele é lembrado pelo seu casamento ilegal com Herodias, esposa de seu irmão, e pela prisão e execução de João Batista (Mt 14.3; Josefo, *Antiguidades judaicas* 18.5.1-2).

Judeia e Samaria foram entregues a Arquelaus, filho de Herodes (irmão de Antipas e meio-irmão de Filipe), a quem foi dado o título do etnarca (cf. Mt 2.22). Arquelaus começou seu reinado massacrando 3 mil pessoas durante a Páscoa e foi finalmente para a Gália banido, por incompetência, por ordem de Augusto, em 6 d.C. (Josefo, *Antiguidades*

judaicas 17.13.2). Foi quando a Judeia se tornou província romana, governada por uma série de governadores romanos (6-41 d.C.) e depois por procuradores (44-66 d.C.), que mantinham residência em Cesareia e na fortaleza Antônia, perto do templo em Jerusalém. O governador mais importante para o cristianismo primitivo foi Pôncio Pilatos (26-36 d.C.).³

As conturbadas relações entre Roma e os judeus

O primeiro ato do governo romano foi a realização de um censo, por Quirino, governador da Síria, para determinar a quantia de tributo devida pela Judeia (cf. Lc 2.1-3; At 5.37).⁴ O próprio censo e o pagamento de impostos suscitaram grande hostilidade na sociedade judaica. Os assuntos judaicos internos eram administrados pela aristocracia sacerdotal, e os casos judiciais eram decididos pelo Sinédrio, o tribunal dos 71.⁵ Os governadores controlavam o poder da espada, ou seja, o direito à pena de morte. Contudo, a liderança judaica parece ter retido esse poder em casos de crimes estritamente religiosos, em especial os relacionados com a santidade do templo. É por isso que Jesus, Paulo e Estêvão foram acusados de “falar contra” ou “profanar” o templo (Mt 26.61; At 6.13,14; 21.28). Os governadores, fora

isso, mantinham sua autoridade sobre o sumo sacerdote pelo poder de nomeação e pela sua autoridade de ter sob seus cuidados os trajes sacerdotais (Josefo, *Antiguidades judaicas* 20.1.1).

Depois de um breve retorno ao governo herodiano, com Agripa, de 41 a 44 d.C. (cf. At 12.20-23), a Judeia, a Samaria e a Galileia foram governadas por uma série de procuradores até o desencadeamento da guerra, em 66 d.C. O filho de Agripa governou um pequeno reino ao norte, de 48 a 66 d.C. (At 25.13), e vários procuradores são conhecidos no NT, entre eles Marco Antônio Félix (52-59 d.C.; At 23.24) e Pôncio Festo (59-62 d.C.; At 24.27), período em que Paulo esteve aprisionado.

A realidade do controle romano na época de Jesus produziu várias reações na sociedade israelita. A arqueologia tem revelado significativa absorção dos costumes greco-romanos pelas classes mais altas e as boas-vindas a essas novas relações. Evidências dessa **helenização** podem ser observadas na arquitetura pública e privada, nas instituições cívicas e no uso difundido do idioma grego. Ao mesmo tempo, o controle romano gerava frequente animosidade e preocupação pela manutenção dos valores e expectativas judaicas tradicionais.

¹Ver “A Cesareia de Filipe”, em Mt 16. ²Ver “Séforis”, em Mc 6; e “Tiberíades”, em Jo 6. ³Ver “Pôncio Pilatos”, em Lc 23. ⁴Ver “César Augusto, imperador de Roma; o censo; Quirino, governador da Síria”, em Lc 1. ⁵Ver “O Sinédrio”, em At 23.

A Parábola da Semente

²⁶ Ele prosseguiu dizendo: “O Reino de Deus é semelhante^b a um homem que lança a semente sobre a terra. ²⁷ Noite e dia, estando ele dormindo ou acordado, a semente germina e cresce, embora ele não saiba como. ²⁸ A terra por si própria produz o grão: primeiro o talo, depois a espiga e, então, o grão cheio na espiga. ²⁹ Logo que o grão fica maduro, o homem lhe passa a foice, porque chegou a colheita”.^c

4.26 Mt 13.24

4.29 Ap 14.15

4.29 A foice era uma ferramenta usada para cortar os grãos. As foices antigas variavam em tamanho, forma e material de que eram feitas. O tipo mais antigo parece ter sido de madeira. Assemelham-se às foices modernas, exceto que eram menores, e sua extremidade de corte era feita

de pedra. Mais tarde, foram feitas foices de metal, usadas principalmente para cortar grãos, mas em determinadas ocasiões também eram utilizadas para podar. Aqui, Marcos usa a foice em sentido figurado, para representar o julgamento de Deus (ver também Ap 14.14-20).



Conflitos messiânicos e a queda de Jerusalém

MARCOS 4

Movimentos messiânicos e outros conflitos

Uma das imagens messiânicas mais vividas do AT, a visão dos quatro impérios sucessivos, em Daniel 2 e 7, foi compreendida como sinal do advento do reino messiânico depois da queda de Roma.¹ Por essa razão, vários movimentos messiânicos surgiram nesse período. De acordo com Josefo, as ações dos mestres messiânicos e o fracasso dos líderes judaicos e romanos em lidar efetivamente com eles, impeliram a nação para a revolta aberta. Uma breve análise dos incidentes messiânicos selecionados revela a tensão, a violência potencial e a atmosfera geral em que Jesus proclamou “as boas-novas do Reino” (Mt 4.23):

✦ Pouco antes da morte de Herodes, em 4 a.C., dois mestres judaicos incitaram seus discípulos a remover a grande águia dourada (símbolo de Roma) que Herodes mandara erguer sobre o grande portão do templo. Herodes prendeu os mestres e seus discípulos e os queimou vivos; depois destituiu o sumo sacerdote, por sua cumplicidade assumida (Josefo, *Antiguidades judaicas* 17.6.2).

✦ O censo de Quirino, em 6 d.C., provocou outra revolta, comandada por Judas da Galileia, que foi suprimida com violência (*Antiguidades judaicas* 18.1.1; At 5.37).

✦ Quando se tornou governador, em 26 d.C., Pilatos ordenou que suas tropas trouxes-

sem estandartes com a imagem de César para Jerusalém. Uma grande multidão o seguiu até Cesareia e sentou-se do lado de fora de seu palácio durante cinco dias e cinco noites, em sinal de protesto. Ele os cercou com seus soldados, mas os judeus se deitaram no chão, expondo o pescoço e confessando que preferiam morrer a transgredir a Lei mosaica (*Antiguidades judaicas* 18.3.1).

✦ Depois disso, Pilatos usou os fundos da tesouraria do templo para construir um aqueduto e eliminou todos os seus opositores (*Antiguidades judaicas* 18.3.2).

✦ Também assassinou um grupo de galileus que ofereciam sacrifícios em Jerusalém (Lc 13.1).

✦ João Batista apareceu na Judeia por volta do ano 27 d.C., pregando o arrependimento e o advento iminente de Deus e criticando Herodes Antipas publicamente. Foi preso e depois executado (Mc 6.16-29).

✦ Alguns anos depois, Pilatos crucificou Jesus de Nazaré, pela acusação de se considerar “o rei dos judeus” (Mt 27.37; *Antiguidades judaicas* 18.3.3).

✦ Em 36 d.C., Pilatos suprimiu um movimento messiânico em Samaria com tal brutalidade que precipitou sua remoção do cargo (*Antiguidades judaicas* 18.4.1-2).

✦ Em 41 d.C., o imperador Calígula tentou colocar uma estátua sua no templo de Jerusalém. Dezenas de milhares de judeus protestaram, exigindo que fossem mortos primeiro (*Antiguidades judaicas* 18.8.2-3).

✦ Por volta de 45 d.C., um pretense profeta, Teudas, conduziu grande multidão ao Jordão, prometendo separar o rio ao seu comando, como sinal de um novo êxodo. As tropas romanas mataram a maioria de seus seguidores e levaram a cabeça de Teudas para Jerusalém (*Antiguidades judaicas* 20.5.1; At 5.36).

Muitos outros incidentes semelhantes estão registrados em fontes antigas, proporcionando um panorama importante do mundo complexo e desafiador da Terra Santa nos tempos de Jesus.

O fim de Jerusalém

Todas essas tensões conduziram, por fim, à revolta judaica e à destruição de Jerusalém.² Josefo culpou a incompetência e a insensibilidade dos procuradores pelos resultados desastrosos da rebelião. Apesar do sucesso inicial dos judeus, a rebelião foi esmagada, e o templo, destruído pelo general romano Tito, em 70 d.C. Depois da guerra, a Judeia foi governada por um legado senatorial, sob a supervisão direta do imperador. Uma segunda revolta judaica, de 132 a 135 d.C., conduzida pelo impostor messiânico Bar Kokhba (“o filho da estrela”; cf. Nm 24.17), resultou em grande matança de judeus e na remoção forçada dos judeus sobreviventes que residiam na terra. Os romanos renomearam a província para Palestina e transformaram o templo em santuário pagão. A própria Jerusalém tornou-se uma cidade romana, nomeada Aelia Capitolina.

¹Ver “Os reinos das profecias de Daniel”, em Dn 2.

²Ver “Josefo e a queda de Jerusalém”, em Mt 24.

A Parábola do Grão de Mostarda (Mt 13.31-35; Lc 13.18-21)

4.30 Mt 13.24

³⁰ Novamente ele disse: “Com que compararemos^d o Reino de Deus? Que parábola usaremos para descrevê-lo? ³¹ É como um grão de mostarda, que é a menor semente que se planta na terra. ³² No entanto, uma vez plantado, cresce e se torna uma das maiores plantas, com ramos tão grandes que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra”.

4.33 Jo 16.12

4.34 Jo 16.25

³³ Com muitas parábolas semelhantes Jesus lhes anunciava a palavra, tanto quanto podiam receber.^e ³⁴ Não lhes dizia nada sem usar alguma parábola.^f Quando, porém, estava a sós com os seus discípulos, explicava-lhes tudo.

Jesus Acalma a Tempestade (Mt 8.23-27; Lc 8.22-25)

4.36 ev. 1; Mc 3.9; 5.2,21; 6.32,45

³⁵ Naquele dia, ao anoitecer, disse ele aos seus discípulos: “Vamos para o outro lado”. ³⁶ Deixando a multidão, eles o levaram no barco, assim como estava.^g Outros barcos também o acompanhavam. ³⁷ Levantou-se um forte vendaval, e as ondas se lançavam sobre o barco, de forma que este ia se enchendo de água. ³⁸ Jesus estava na popa, dormindo com a cabeça sobre um travesseiro. Os discípulos o acordaram e clamaram: “Mestre, não te importas que morramos?”

³⁹ Ele se levantou, repreendeu o vento e disse ao mar: “Aquiete-se! Acalme-se!” O vento se aquietou, e fez-se completa bonança.

4.40 Mt 14.31; Mc 16.14

⁴⁰ Então perguntou aos seus discípulos: “Por que vocês estão com tanto medo? Ainda não têm fé?”^h ⁴¹ Eles estavam apavorados e perguntavam uns aos outros: “Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?”

A Cura de um Endemoninhado (Mt 8.28-34; Lc 8.26-39)

5.2 Mc 4.1; Mc 1.23

5 Eles atravessaram o mar e foram para a região dos gerasenos^a. ² Quando Jesus desembarcou,ⁱ um homem com um espírito imundo^j veio dos sepulcros ao seu encontro. ³ Esse homem vivia nos sepulcros, e ninguém conseguia prendê-lo, nem mesmo com correntes; ⁴ pois muitas vezes lhe haviam sido acorrentados pés e mãos, mas ele arrebentara as correntes e quebrara os ferros de seus pés. Ninguém era suficientemente forte para dominá-lo. ⁵ Noite e dia ele andava gritando e cortando-se com pedras entre os sepulcros e nas colinas.

5.7 Mt 8.29; Mt 4.3; Lc 1.32; 6.35; At 16.17; Hb 7.1

⁶ Quando ele viu Jesus de longe, correu e prostrou-se diante dele⁷ e gritou em alta voz: “Que queres comigo,^k Jesus, Filho do Deus Altíssimo!^l Rogo-te por Deus que não me atormentes!” ⁸ Pois Jesus lhe tinha dito: “Saia deste homem, espírito imundo!”

5.9 ev. 15

⁹ Então Jesus lhe perguntou: “Qual é o seu nome?”

“Meu nome é Legião”,^m respondeu ele, “porque somos muitos.” ¹⁰ E implorava a Jesus, com insistência, que não os mandasse sair daquela região.

¹¹ Uma grande manada de porcos estava pastando numa colina próxima. ¹² Os demônios imploraram a Jesus: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles”. ¹³ Ele lhes deu permissão, e os espíritos imundos saíram e entraram nos porcos. A manada de cerca de dois mil porcos atirou-se precipício abaixo, em direção ao mar, e nele se afogou.

5.15 ev. 9; ev. 16,18; Mt 4.24

¹⁴ Os que cuidavam dos porcos fugiram e contaram esses fatos na cidade e nos campos, e o povo foi ver o que havia acontecido. ¹⁵ Quando se aproximaram de Jesus, viram ali o homem que fora possesso da legiãoⁿ de demônios,^o assentado, vestido e em perfeito juízo; e ficaram com medo. ¹⁶ Os que estavam presentes contaram ao povo o que acontecera ao endemoninhado e falaram também sobre os porcos. ¹⁷ Então o povo começou a suplicar a Jesus que saísse do território deles.

5.19 Mt 8.4

5.20 Mt 4.25; Mc 7.31

¹⁸ Quando Jesus estava entrando no barco, o homem que estivera endemoninhado suplicava-lhe que o deixasse ir com ele. ¹⁹ Jesus não o permitiu, mas disse: “Vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes^p quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você”. ²⁰ Então, aquele homem se foi e começou a anunciar em Decápolis^q o quanto Jesus tinha feito por ele. Todos ficavam admirados.

^a 5.1 Alguns manuscritos trazem *gadarenos*; outros dizem *gergesenos*.

4.35 Jesus deixou o território da Galileia quando foi para a “região dos Gerasenos” (5.1; ver nota ali).

4.37 Situado num vale cercado por montanhas, o mar da Galileia é particularmente suscetível a tempestades súbitas e violentas. O ar fresco do Mediterrâneo é puxado através das montanhas estreitas, encontrando-se com o ar quente e úmido que repousa sobre o lago.

5.1 “Atravessar o mar” significa ir para a margem oriental do lago, território habitado amplamente por gentios, como indicado pela presença de um grande rebanho de suínos — animais considerados cerimonialmente impuros pelos judeus e por isso impróprio para comer.

5.3 Não era incomum a mesma caverna servir de túmulo para o morto e de abrigo para o vivo. Pessoas muito pobres costumavam viver em cavernas como essas.

5.9 A legião, maior unidade do exército romano, incluía infantaria leve e pesada, cavalaria e auxiliares. Uma legião completa era formada por cerca de 6 mil soldados. O termo no NT representa um número enorme (ver também Mt 26.53; Lc 8.30). Para a aplicação aqui, ver “Os demônios e a Bíblia”, em Mt 8.

5.11 Para mais informações sobre os porcos, ver nota em Lc 8.32.

5.20 Para mais informações sobre Decápolis, ver nota em Mt 4.25.



SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

GERGESENOS, GERASENOS OU GADARENOS?

MARCOS 5 Três dos quatro Evangelhos registram o milagre da cura do endemoninhado (e, como consequência, dos porcos que se precipitam no mar). Contudo, um tema polêmico permanece: esse fato aconteceu na região dos gerasenos, dos gadarenos ou dos gergesenos? Os três adjetivos são encontrados nos manuscritos gregos dos Evangelhos. Pelas evidências textuais somente, os manuscritos de Mateus 8.28 provavelmente favorecem o termo “gadarenos”, porém Marcos 5.1 e Lucas 8.26 sugerem “gerasenos”.

Gadara, a moderna Umm Qeis, estava situada a 8 quilômetros do mar da Galileia, aproximadamente, e assim não pode ter sido o lugar em que o milagre aconteceu. Gerasa (Jerash) contém ruínas romanas magníficas e vários templos pagãos, mas está localizada 60 quilômetros a sudeste da Galileia — assim, também não pode ser o local do milagre.

Gergesa (ver mapa 9), a moderna Kursi, está situada na costa oriental do mar da

Galileia e também é o único lugar nessa margem com uma beira íngreme com vistas para o mar (Mc 5.13). O historiador da Igreja Eusébio identifica esse local como o do milagre. As ruínas de um monastério **bizantino**, construído no século VI para comemorar essa cura, foram encontradas ali. Baseado

nessa evidência, parece que os textos mais antigos indicam o local dos “gergesenos”, mas, como o nome era pouco conhecido dos escribas e por causa da semelhança na pronúncia e na ortografia, foi erroneamente copiado como “gerasenos” e “gadarenos”.



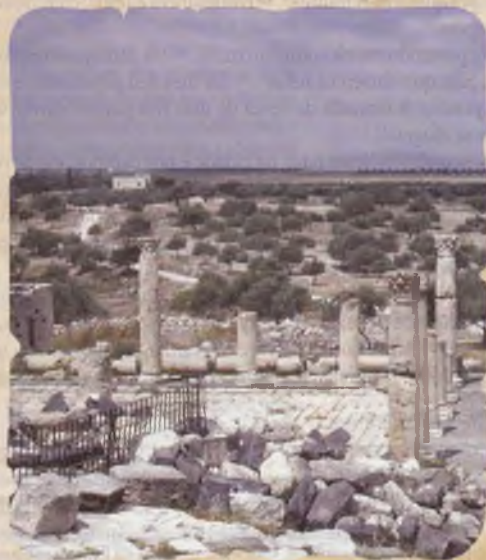
(Fotos no sentido anti-horário)

Jerash: o arco de Adriano

Umm Qeis: o local de Gadara

Jerash: a rua de colunas vistas em direção à cidade moderna

Cortesia do © dr. Gary Pratico



A VIDA DE JESUS

MARCOS 5 Em que ano Jesus nasceu, e quando foi crucificado? Essas perguntas são feitas há muito tempo. A resposta aparentemente óbvia à primeira pergunta — ele nasceu em 1 d.C. (pois não há ano zero) — está incorreta, de qualquer forma, visto que os cálculos nos quais o calendário moderno está baseado estavam errados.

Os fatos essenciais da vida de Jesus são bem conhecidos. Depois de seu nascimento em Belém,¹ ele passou a maior parte da juventude e os primeiros anos de ministério na Galileia.² Como muitos judeus, Jesus deve ter viajado diversas vezes a Jerusalém e à Judeia (especialmente registradas no evangelho de João), mas também há o registro de que ele viajou para as regiões próximas da Galileia, como a Fenícia (Mt 15.21)³ e a Cesareia de Filipe (Mt 16.13).⁴ A maior parte de sua vida, porém, ele passou em Nazaré e nas aldeias de pescadores ao redor do mar da Galileia.⁵ O período final do ministério de Jesus concentrou-se na Judeia, com os fatos da crucificação e da ressurreição ocorridos em Jerusalém e ao redor dela.

A cronologia da vida de Jesus, embora esclarecida na linha do tempo, não pode ser fixada com precisão absoluta. Mateus e Lucas informam que Jesus nasceu antes da morte de Herodes (4 a.C.), embora pareça que seu nascimento aconteceu nos anos finais desse reinado,⁶ o que sugere uma data aproximada entre 6 e 4 a.C. O marco cronológico seguinte vem de Lucas 3.1, em que aprendemos que o ministério de João Batista começou durante o décimo quinto ano do reinado do imperador Tibério.⁷ Visto que 14 d.C. é a data geralmente aceita para a ascensão de Tibério ao trono, o ministério de João Batista deve ter começado entre agosto de 28 e dezembro de 29 d.C. Jesus iniciou seu ministério logo depois de João ter iniciado o seu, em algum momento entre 28 e 29 d.C., tendo Jesus cerca de 32 ou

33 anos de idade. Isso se ajusta à declaração de Lucas de que Jesus tinha “cerca de trinta anos de idade” (Lc 3.23).

A duração do ministério público de Jesus foi de três anos, aproximadamente. Enquanto a cronologia exata desse período é difícil de verificar, a fase final de seu ministério permite maior exatidão. Está claro que Jesus foi crucificado na época de Pôncio Pilatos, que governou a Judeia de 26 a 36 d.C.⁸ Além disso, é provável que ele tenha sido morto numa sexta-feira do dia 14 do mês de nissã, quando os cordeiros da Páscoa estavam sendo sacrificados para a sexta-feira à noite. Essa é a implicação clara da narrativa de João (Jo 18.28; 19.31). É certo que os Evangelhos Sinóticos dão a entender que a Última Ceia aconteceu numa quinta-feira, como uma refeição de “Páscoa” (e.g., Mc 14.12-16), mas isso pode ser entendido de maneiras diferentes. Já foi sugerido, com algum apoio histórico, que alguns judeus (nesse caso, Jesus e seus companheiros galileus) podem ter considerado os dias da festa do nascer do sol até o outro nascer do sol, não de um pôr do sol a outro. Essa explicação acomodaria o material de João e dos Sinóticos. Também é possível que Jesus deliberadamente celebrasse a ceia num dia diferente da Páscoa por causa da intenção de transformar radicalmente seu significado.⁹

Tomando-se a sexta-feira, 14 de nissã, como o dia da crucificação, os dados astronômicos informam que os únicos anos entre 29 e 36 d.C. em que o dia 14 de nissã caiu numa sexta-feira são 30, 33 e 36 d.C. O ano de 36 d.C. pode ser descartado, pois a data é muito tardia, enquanto 30 d.C. parece muito remota (embora os estudiosos que datam o início do ministério de Jesus em 28 d.C. e encurtam seu ministério público considerem essa hipótese aceitável). Isso deixa o ano de 33 d.C. como a provável data da morte e ressurreição de Jesus.¹⁰

¹Ver “Belém”, em Mq 5; e “O lugar do nascimento de Jesus”, em Lc 2. ²Ver “A Galileia nos tempos de Jesus”, em Mt 15. ³Ver “Fenícia”, em 1Rs 5.

⁴Ver “A Cesareia de Filipe”, em Mt 16. ⁵Ver “Nazaré”, em Mc 1. ⁶Ver “Herodes, o Grande”, em Mc 3. ⁷Ver “Tibério César, o imperador durante o ministério de Jesus”, em Lc 20. ⁸Ver “Pôncio Pilatos”, em Lc 23. ⁹Ver “A Última Ceia e a Páscoa”, em Mt 26. ¹⁰Ver “A ressurreição de Jesus”, em Mt 28.



Mosaico de uma igreja cristã em Tabgha, na costa noroeste do mar da Galileia, que a tradição afirma ser o local em que Jesus pregou o Sermão do Monte

O Poder de Jesus sobre a Doença e a Morte (Mt 9.18-26; Lc 8.40-56)

²¹ Tendo Jesus voltado de barco para a outra margem,^f uma grande multidão se reuniu ao seu redor, enquanto ele estava à beira do mar.^g ²² Então chegou ali um dos dirigentes da sinagoga,^h chamado Jairo. Vendo Jesus, prostrou-se aos seus pés ²³ e lhe implorou insistentemente: “Minha filhinha está morrendo! Vem, por favor, e impõe as mãos sobreⁱ ela, para que seja curada e que viva”. ²⁴ Jesus foi com ele.

Uma grande multidão o seguia e o comprimia. ²⁵ E estava ali certa mulher que havia doze anos vinha sofrendo de hemorragia.^j ²⁶ Ela padecera muito sob o cuidado de vários médicos e gastara tudo o que tinha, mas, em vez de melhorar, piorava. ²⁷ Quando ouviu falar de Jesus, chegou por trás dele, no meio da multidão, e tocou em seu manto, ²⁸ porque pensava: “Se eu tão somente tocar em seu manto,^k ficarei curada”. ²⁹ Imediatamente cessou sua hemorragia e ela sentiu em seu corpo que estava livre do seu sofrimento.^x

³⁰ No mesmo instante, Jesus percebeu que dele havia saído poder,^y virou-se para a multidão e perguntou: “Quem tocou em meu manto?”

³¹ Responderam os seus discípulos: “Vês a multidão aglomerada ao teu redor e ainda perguntas: ‘Quem tocou em mim?’”

³² Mas Jesus continuou olhando ao seu redor para ver quem tinha feito aquilo. ³³ Então a mulher, sabendo o que lhe tinha acontecido, aproximou-se, prostrou-se aos seus pés e, tremendo de medo, contou-lhe toda a verdade. ³⁴ Então ele lhe disse: “Filha, a sua fé a curou!^{az} Vá em paz^a e fique livre do seu sofrimento”.

³⁵ Enquanto Jesus ainda estava falando, chegaram algumas pessoas da casa de Jairo, o dirigente da sinagoga.^b “Sua filha morreu”, disseram eles. “Não precisa mais incomodar o mestre!”

³⁶ Não fazendo caso do que eles disseram, Jesus disse ao dirigente da sinagoga: “Não tenha medo; tão somente creia”.

³⁷ E não deixou ninguém segui-lo, senão Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.^c ³⁸ Quando chegaram à casa do dirigente da sinagoga,^d Jesus viu um alvoroço, com gente chorando e se lamentando em alta voz. ³⁹ Então entrou e lhes disse: “Por que todo este alvoroço e lamento? A criança não está morta, mas dorme”.^e ⁴⁰ Mas todos começaram a rir de Jesus. Ele, porém, ordenou que eles saíssem, tomou consigo o pai e a mãe da criança e os discípulos que estavam com ele e entrou onde se encontrava a criança. ⁴¹ Tomou-a pela mão^f e lhe disse: “Talita cumi!”, que significa “menina, eu ordeno a você, levante-se!”.^g ⁴² Imediatamente a menina, que tinha doze anos de idade, levantou-se e começou a andar. Isso os deixou atônitos. ⁴³ Ele deu ordens expressas para que não dissessem nada a ninguém^h e mandou que dessem a ela alguma coisa para comer.

Um Profeta sem Honra (Mt 13.53-58)

6 Jesus saiu dali e foi para a sua cidade,ⁱ acompanhado dos seus discípulos. ² Quando chegou o sábado,^j começou a ensinar na sinagoga,^k e muitos dos que o ouviam ficavam admirados.^l

“De onde lhe vêm estas coisas?”, perguntavam eles. “Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E estes milagres que ele faz?” ³ Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, José, Judas e Simão?^m Não estão aqui conosco as suas irmãs?” E ficavam scandalizados por causa dele.ⁿ

⁴ Jesus lhes disse: “Só em sua própria terra, entre seus parentes e em sua própria casa, é que um profeta não tem honra”.^o ⁵ E não pôde fazer ali nenhum milagre, exceto impor as mãos sobre^p alguns doentes e curá-los. ⁶ E ficou admirado com a incredulidade deles.

^o 5.34 Ou a salvou!.

5.21 Jesus voltou para a margem ocidental do lago, possivelmente para Cafarnaum.
5.22 O dirigente da sinagoga era um leigo cujas responsabilidades eram administrativas, como zelar pelo edifício e supervisionar o culto. Com algumas exceções (ver At 13.14,15), as sinagogas tinham apenas um dirigente. Às vezes, o título era honorário, sem responsabilidades administrativas designadas.
5.26 O Talmude preservava um registro dos medicamentos e tratamentos prescritos para doenças desse tipo (ver “Doenças e medicamentos no mundo antigo”, em Lc 4).
5.34 Para mais informações sobre as saudações na Bíblia, ver nota em Rm 2.4.
5.38 Era habitual que as pranteadoras profissionais fossem trazidas na hora de morte (ver “Pano de saco e cinzas: rituais de lamentação”, em Sl 30).
5.41 Há várias palavras e frases aramaicas no NT, entre elas: *Talita cumi!* (aqui); *Efata!* (Mc 7.34); “*Eloi, Eloi, lama sabactâni!*” (Mt 27.46;

Mc 15.34); *Maranatha* (1Co 16.22, nota de rodapé); *Aba* (Mc 14.36; Rm 8.15; Gl 4.6). Presumia-se que o aramaico era o idioma coloquial da Terra Santa desde o tempo do retorno dos exilados na Babilônia, mas alguns estudiosos acreditam que o hebraico era falado na Galiléia nos tempos do NT.
O outro idioma coloquial do período do NT era o grego — o dialeto grego comum, em sua forma básica e simplificada, tornou-se a linguagem alternativa na maior parte da bacia do Mediterrâneo Oriental, especialmente nos reinos dos sucessores de Alexandre. Jesus falava aramaico, mas sem dúvida também entendia grego e lia as Escrituras no hebraico clássico. Paulo era fluente nos três idiomas e os usava com igual facilidade, além do latim.
6.1 Para mais informações sobre a cidade de Jesus, ver nota em Mt 2.23.
6.2 Sobre a prática de “ensinar na sinagoga”, ver nota em 1.21.
6.3 Só em Marcos Jesus é identificado como carpinteiro. A palavra grega também pode ser aplicada a pedreiro, ferreiro ou construtor em geral.

5.21 Mt 9.1;
Mc 4.1;
5.22 v. 35,36,38;
Lc 13.14; At 13.15;
18.17;
5.23 Mt 19.13;
Mc 6.5; 7.32; 8.23;
16.18; Lc 4.40;
13.13; At 6.6;
5.25 v. 15,25-30

5.28 Mt 9.20
5.29 v. 34

5.30 v. 15,17; 6.19

5.34 Mt 9.22;
At 15.33

5.35 v. 22

5.37 Mt 4.21
5.38 v. 22

5.39 Mt 9.24

5.41 Mt 1.31;
v. 7,14; At 9.40

5.43 Mt 8.4

6.1 Mt 2.23
6.2 Mc 1.21;
Mt 4.23; Mt 7.28

6.3 Mt 12.46;
Mt 11.6; Jo 6.61

6.4 v. 4,24;
Jo 4.44
6.5 Mt 5.23
6.6 Mt 9.35;
Mc 1.39; Lc 13.22

Jesus Envia os Doze (Mt 10.1,5-14; Lc 9.1-6)

6.7 Mc 3.13;
Dt 17.6; Lc 10.1;
Mt 10.1

Então Jesus passou a percorrer os povoados, ensinando.⁹ ⁷ Chamando os Doze para junto de si,⁷ enviou-os de dois em dois⁸ e deu-lhes autoridade sobre os espíritos imundos.¹

6.11 Mt 10.14

⁸ Estas foram as suas instruções: “Não levem nada pelo caminho, a não ser um bordão. Não levem pão, nem saco de viagem, nem dinheiro em seus cintos; ⁹ calcem sandálias, mas não levem túnica extra; ¹⁰ sempre que entrarem numa casa, fiquem ali até partirem; ¹¹ e, se algum povoado não os receber nem os ouvir, sacudam a poeira dos seus pés^u quando saírem de lá, como testemunho contra eles”.

6.12 Lc 9.6
6.13 Tg 5.14

¹² Eles saíram e pregaram ao povo que se arrependesse.^v ¹³ Expulsavam muitos demônios e ungiam muitos doentes com óleo^w e os curavam.

João Batista é Decapitado (Mt 14.1-12)

6.14 Mt 3.1

¹⁴ O rei Herodes ouviu falar dessas coisas, pois o nome de Jesus havia se tornado bem conhecido. Algumas pessoas estavam dizendo^a: “João Batista^x ressuscitou dos mortos! Por isso estão operando nele poderes milagrosos”.

6.15 Mt 4.5;
Mt 21.11;
Mt 16.14; Mc
8.28

¹⁵ Outros diziam: “Ele é Elias”.^y

E ainda outros afirmavam: “Ele é um profeta,^z como um dos antigos profetas”.^a

¹⁶ Mas, quando Herodes ouviu essas coisas, disse: “João, o homem a quem decapitei, ressuscitou dos mortos!”

6.17 Mt 4.12;
11.2; Lc 3.19,20
6.18 Lc 18.16;
20.21

¹⁷ Pois o próprio Herodes tinha dado ordens para que prendessem João, o amarrassem e o colocassem na prisão,^b por causa de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão, com a qual se casara. ¹⁸ Porquanto João dizia a Herodes: “Não te é permitido viver com a mulher do teu irmão”.^c ¹⁹ Assim, Herodias o odiava e queria matá-lo. Mas não podia fazê-lo, ²⁰ porque Herodes temia João e o protegia, sabendo que ele era um homem justo e santo;^d e, quando o ouvia, ficava perplexo^b. Mesmo assim gostava de ouvi-lo.

6.21 Et 1.3; 2.18;
Lc 3.1

²¹ Finalmente Herodias teve uma ocasião oportuna. No seu aniversário, Herodes ofereceu um banquete^e aos seus líderes mais importantes, aos comandantes militares e às principais personalidades da Galileia.^f ²² Quando a filha de Herodias entrou e dançou, agradou a Herodes e aos convidados.

6.23 Et 5.3, 6; 7.2

O rei disse à jovem: “Peça-me qualquer coisa que você quiser, e eu darei”. ²³ E prometeu-lhe sob juramento: “Seja o que for que me pedir, eu darei, até a metade do meu reino”.^g

²⁴ Ela saiu e disse à sua mãe: “Que pedirei?”

“A cabeça de João Batista”, respondeu ela.

²⁵ Imediatamente a jovem apressou-se em apresentar-se ao rei com o pedido: “Desejo que me dês agora mesmo a cabeça de João Batista num prato”.

²⁶ O rei ficou aflito, mas, por causa do seu juramento e dos convidados, não quis negar o pedido à jovem. ²⁷ Enviou, pois, imediatamente um carrasco com ordens para trazer a cabeça de João. O homem foi, decapitou João na prisão ²⁸ e trouxe sua cabeça num prato. Ele a entregou à jovem, e esta a deu à sua mãe. ²⁹ Tendo ouvido isso, os discípulos de João vieram, levaram o seu corpo e o colocaram num túmulo.

A Primeira Multiplicação dos Pães (Mt 14.13-21; Lc 9.10-17; Jo 6.1-15)

6.30 Mt 10.2;
Lc 9.10; 17.5;
22.14; 24.10;
At 1.2,26; Lc 9.10
6.31 Mc 3.20

³⁰ Os apóstolos^h reuniram-se a Jesus e lhe relataram tudo o que tinham feito e ensinado.ⁱ ³¹ Havia muita gente indo e vindo, ao ponto de eles não terem tempo para comer.^j Jesus lhes disse: “Venham comigo para um lugar deserto e descansem um pouco”.

6.32 Lv 45;
Mc 4.36
6.34 Mt 9.36

³² Então eles se afastaram num barco^k para um lugar deserto. ³³ Mas muitos dos que os viram retirar-se, tendo-os reconhecido, correram a pé de todas as cidades e chegaram lá antes deles. ³⁴ Quando Jesus saiu do barco e viu uma grande multidão, teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Então começou a ensinar-lhes muitas coisas.^l

³⁵ Já era tarde e, por isso, os seus discípulos aproximaram-se dele e disseram: “Este é um lugar deserto, e já é tarde. ³⁶ Manda embora o povo para que possa ir aos campos e povoados vizinhos comprar algo para comer”.

^a 6.14 Muitos manuscritos dizem *E ele dizia*.

^b 6.20 Alguns manuscritos antigos dizem *fazia muitas coisas*.

6.9 À noite, uma túnica extra servia como coberta para proteger do frio da noite (ver “Vestutário e moda no mundo greco-romano”, em Tg 3).
6.11 Ver nota em Mt 10.14.

6.13 No mundo antigo, o óleo de oliva era muito usado como medicamento (ver “Doenças e medicamentos no mundo antigo”, em Lc 4).

6.17 Ver nota em Mt 14.3.

6.22 Ver nota em Mt 14.6.

³⁷ Ele, porém, respondeu: “Deem-lhes vocês algo para comer”.^m

Eles lhe disseram: “Isto exigiria duzentos denários^o! Devemos gastar tanto dinheiro em pão e dar-lhes de comer?”

³⁸ Perguntou ele: “Quantos pães vocês têm? Verifiquem”.

Quando ficaram sabendo, disseram: “Cinco pães e dois peixes”.ⁿ

³⁹ Então Jesus ordenou que fizessem todo o povo assentar-se em grupos na grama verde. ⁴⁰ Assim, eles se assentaram em grupos de cem e de cinquenta. ⁴¹ Tomando os cinco pães e os dois peixes e, olhando para o céu, deu graças e partiu os pães.^o Em seguida, entregou-os aos seus discípulos para que os servissem ao povo. E também dividiu os dois peixes entre todos eles. ⁴² Todos comeram e ficaram satisfeitos, ⁴³ e os discípulos recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe. ⁴⁴ Os que comeram foram cinco mil homens.

Jesus Anda sobre as Águas (Mt 14.22-36; Jo 6.16-24)

⁴⁵ Logo em seguida, Jesus insistiu com os discípulos para que entrassem no barco^p e fossem adiante dele para Betsaida,^q enquanto ele despedia a multidão. ⁴⁶ Tendo-a despedido, subiu a um monte para orar.^r

⁴⁷ Ao anoitecer, o barco estava no meio do mar, e Jesus se achava sozinho em terra. ⁴⁸ Ele viu os discípulos remando com dificuldade, porque o vento soprava contra eles. Alta madrugada^s, Jesus dirigiu-se a eles, andando sobre o mar; e estava já a ponto de passar por eles. ⁴⁹ Quando o viram andando sobre o mar, pensaram que fosse um fantasma.^s Então gritaram, ⁵⁰ pois todos o tinham visto e ficaram aterrorizados.

^a 6.37 O denário era uma moeda de prata equivalente à diária de um trabalhador braçal.

^b 6.48 Grego: *Por volta da quarta vigília da noite* (entre 3 e 6 horas da manhã).

6.37 ^m2Rs 4.42-44

6.38 ^oMt 15.34;
Mc 8.5

6.41 ^oMt 14.19

6.45 ^{pv} 32;
^qMt 11.21
6.46 ^rLc 3.21

6.49 ^sLc 24.37

6.50 ^tMt 14.27

6.37 Ver nota da NVI. O pagamento habitual do trabalho de um dia era um denário (ver nota em Mt 20.2).

6.38 Esses pães eram feitos de cevada, um pão barato que era o alimento principal dos pobres. Eram pequenos e achatados, diferentes dos pães de hoje. Uma pessoa poderia comer facilmente vários deles numa única refeição.

6.39 A grama é verde ao redor do mar da Galileia, no final do inverno ou nas primeiras chuvas da primavera.

6.43 O pão era considerado pelos judeus um presente significativo e representativo de Deus. Os restos que caíam ao chão tinham de ser

recolhidos. Aqui os pedaços foram recolhidos em cestos pequenos de vime que eram levados como parte do traje diário. Cada um dos discípulos retornou com seu cesto abarrotado. Sobre os “cestos cheios”, ver nota em Mt 14.20.

6.44 Ver a nota em Mt 14.21. O número pôde ser calculado facilmente por causa da divisão do povo em “grupos de cem e de cinquenta” (v. 40). O tamanho da multidão é impressionante, levando-se em conta o fato de que a população das cidades vizinhas de Cafarnaum e Betsaida provavelmente era de 2 mil a 3 mil habitantes cada.

6.48 Sobre a “alta madrugada”, ver nota em Mt 14.25.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

SÉFORIS

MARCOS 6 A cidade de Séforis não é mencionada na Bíblia, embora fosse uma cidade que Jesus deve ter conhecido bem. Localizada apenas 6 quilômetros a noroeste de Nazaré,¹ Séforis tornou-se proeminente no século I a.C. No inverno de 39/38 a.C., Herodes, o Grande, conquistou a cidade, que veio a ser sua base no norte.² Ao tempo de sua morte, a cidade rebelou-se, mas foi derrotada pelo governador romano Varo. Herodes Antipas herdou esse território de Herodes,

o Grande, e dedicou-se a reconstruir a cidade, transformando-a na mais opulenta da Galileia.³ Havia ali um teatro para 3 mil pessoas sentadas, possivelmente construído por Herodes Antipas. Um bonito mosaico da face de uma mulher foi descoberto ali, datado posteriormente do século III ou IV d.C. Os habitantes da cidade do século I parecem ter sido favoráveis aos romanos, visto que não quiseram se unir à revolta judaica de 70 d.C. No século II d.C., porém, a cidade

transformou-se num centro de aprendizagem judaica. A elaborada reconstrução da cidade, levada a cabo por Herodes Antipas, aconteceu no tempo da vida de José e de Jesus. Visto que ambos eram artesãos (talvez carpinteiros; ver Mc 6.3), alguns acreditam que eles trabalharam ali em projetos de construção. Séforis é o local tradicional do nascimento de Maria, mãe de Jesus.

¹Ver “Nazaré”, em Mc 1.

²Ver “Herodes, o Grande”, em Mc 3.

³Ver “A Galileia nos tempos de Jesus”, em Mt 15.

6.51 ^{av. 32;}
^{vMc 4.39}
 6.52 ^{vMc 8.17-21}

Mas Jesus imediatamente lhes disse: “Coragem! Sou eu! Não tenham medo!”⁵¹ Então subiu no barco^u para junto deles, e o vento se acalmou;^v e eles ficaram atônitos,⁵² pois não tinham entendido o milagre dos pães. O coração deles estava endurecido.^w

6.53 ^{vJo 6.24,25}

⁵³ Depois de atravessarem o mar, chegaram a Genesaré e ali amarraram o barco.^x ⁵⁴ Logo que desembarcaram, o povo reconheceu Jesus. ⁵⁵ Eles percorriam toda aquela região e levavam os doentes em macas para onde ouviam que ele estava. ⁵⁶ E aonde quer que ele fosse, povoados, cidades ou campos, levavam os doentes para as praças. Suplicavam-lhe que pudessem pelo menos tocar na borda do seu manto;^y e todos os que nele tocavam eram curados.

6.56 ^{vMt 9.20}

Jesus e a Tradição Judaica (Mt 15.1-20)

7.2 ^{vAt 10.14,28;}
^{11.8; Rm 14.14}
 7.3 ^{av. 5,8,9,13;}
^{Lc 11.38}

7 Os fariseus e alguns dos mestres da lei, vindos de Jerusalém, reuniram-se a Jesus e ² viram alguns dos seus discípulos comerem com as mãos impuras,^z isto é, por lavar. ³ (Os fariseus e todos os judeus não comem sem lavar as mãos cerimonialmente, apegando-se, assim, à tradição dos líderes religiosos. ⁴ ^a Quando chegam da rua, não comem sem antes se lavarem. E observam muitas outras tradições, tais como o lavar de copos, jarros e vasilhas de metal^a.)^b

7.4 ^{vMt 23.25;}
^{Lc 11.39}

7.5 ^{av. 3; Gl 1.14;}
^{Cl 2.8}

⁵ Então os fariseus e os mestres da lei perguntaram a Jesus: “Por que os seus discípulos não vivem de acordo com a tradição dos líderes religiosos,^c em vez de comerem o alimento com as mãos impuras?”

⁶ Ele respondeu: “Bem profetizou Isaías acerca de vocês, hipócritas; como está escrito:

“Este povo me honra com os lábios,
 mas o seu coração está longe de mim.

7.7 ^{vIs 29.13}

⁷ Em vão me adoram; seus ensinamentos
 não passam de regras ensinadas por homens^{b,d}

7.8 ^{av. 3}

⁸ Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens”.^e

7.9 ^{av. 3}

⁹ E disse-lhes: “Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira de pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecerem às suas tradições!”^f ¹⁰ Pois Moisés disse: ‘Honra teu pai e tua mãe’^g ^h e ‘Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe terá que ser executado’^h.ⁱ ¹¹ Mas vocês afirmam que, se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: ‘Qualquer ajuda que vocês poderiam receber de mim é Corbá’, isto é, uma oferta dedicada a Deus, ¹² vocês o desobrigam de qualquer dever para com seu pai ou sua mãe. ¹³ Assim vocês anulam a palavra de Deus,^j por meio da tradição^k que vocês mesmos transmitiram. E fazem muitas coisas como essa”.

7.10 ^{vEx 20.12;}
^{Dt 5.16; Ex 21.17;}
^{Lv 20.9}
 7.11 ^{vMt 23.16,18}

¹⁴ Jesus chamou novamente a multidão para junto de si e disse: “Ouçam-me todos e entendam isto: ¹⁵ Não há nada fora do homem que, nele entrando, possa torná-lo impuro. Ao contrário, o que sai do homem é que o torna impuro. ¹⁶ Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!”

¹⁷ Depois de deixar a multidão e entrar em casa, os discípulos lhe pediram explicação^l da parábola.

^a 7.4 Alguns manuscritos antigos dizem *vasos, vasilhas de metal e almofadas da sala de jantar* (onde se reclinavam para comer).

^b 7.6,7 ^{Is 29.13}.

^c 7.9 Alguns manuscritos trazem *estabelecerem*.

^d 7.10 ^{Ex 20.12; Dt 5.16}.

^e 7.10 ^{Ex 21.17; Lv 20.9}.

^f 7.16 Alguns manuscritos não trazem o versículo 16.

6.53 Para mais informações sobre Genesaré, ver nota em Mt 14.34.

7.3-13 Sobre o judaísmo, ver nota em Ex 20.1-21.

7.3,4 O fato de que a concepção de pureza estava profundamente arraigada à estrutura religiosa e social dos filhos de Israel desde tempos antigos é bem conhecido dos estudiosos da Bíblia. A atitude dos judeus como um todo e dos fariseus como classe é expressa nesses versículos. A pureza religiosa era cerimonial e ética. Sob a Lei mosaica, a purificação cerimonial era obrigatória em quatro ocasiões: 1) o nascimento de uma criança, cuja “impureza” era removida pela circuncisão (se fosse menino) e por meio do isolamento da mãe por um período variado de tempo (Lv 12.2ss); 2) contato com um cadáver — prescrevia-se o oferecimento de uma novilha vermelha como sacrifício de purificação (Nm 19.1-10); 3) certas condições físicas, como doenças de pele (Lv 13.8); 4) impureza devido a um fluxo de sangue (Lv 15). A pureza familiar era observada por meio de regulamentos rigorosos na questão do sexo (Lv 20.10-21; Dt 22.20,21). No NT, embora haja transferência do externo para o interno, não há nenhum abrandamento das exigências básicas sobre a purificação própria (Mt 5.27,28; 19.3-9; Mc 10.2-11; 1Co 5.9-13; 6.18-20; 7.8ss). Sobre a prática de “lavar as mãos cerimonialmente”, ver nota em Jo 2.6. Na época de Cristo, os judeus praticavam a lavagem cerimonial das mãos antes de comer e usavam banhos públicos, à semelhança dos gregos e romanos. Para outras tradições, ver nota em Mateus 15.2.

7.4 O mercado de rua era a área na qual os judeus religiosos entravam em contato com os gentios ou com outros judeus que não observavam a lei

cerimonial e assim se tornavam cerimonialmente impuros (ver “A agora antiga”, em At 16).

7.5 Essa discordância sobre o ato de lavar as mãos não se relacionava à higiene, mas à pureza — um tema básico na agenda dos fariseus. Na verdade, não há na Bíblia a exigência de lavar as mãos antes de comer.

7.11 A palavra “Corbá” (heb. *qorbán*, “uma oferta”) ocorre no texto hebraico do AT com referência à oferta ou ao sacrifício, seja com sangue, seja de outro tipo, oferecidos a Deus (Lv 1.2,3; 2.1; 3.1; Nm 7.12-17). É encontrado em nossas versões do NT só aqui em Mc 7.11, com referência ao dinheiro dedicado a Deus. O *Talmude* declara que os judeus eram inclinados a fazer promessas precipitadas para Deus, sem a intenção de cumpri-las. Na época de Jesus, surgiu a prática repreensível dos filhos crescidos que fugiam da responsabilidade de cuidar das necessidades materiais dos pais, informando-os de que o dinheiro fora dedicado a Deus e que seria errado desviá-lo desse propósito sagrado. Isso podia ser feito simplesmente pronunciando-se a palavra “Corbá”. Idealmente, o dinheiro passaria a pertencer a Deus depois disso, mas na prática a pessoa que fazia o voto podia mantê-lo em sua posse. Ao se referir a esse costume, Jesus demonstrou o raciocínio sutil e enganoso da tradição que permitia aos judeus desconsiderar os mandamentos de Deus, como o de honrar os pais.

7.16 Este versículo (ver nota da NVI) parece ser uma adição de um escriba, derivada de 4.9 ou 4.23 (ver “Primitivas correções escritais”, em 2Sm 4).

18 “Será que vocês também não conseguem entender?”, perguntou-lhes Jesus. “Não percebem que nada que entre no homem pode torná-lo impuro? 19 Porque não entra em seu coração, mas em seu estômago, sendo depois eliminado.” Ao dizer isso, Jesus declarou puros todos os alimentos.^{m,n}

7.19 ^mRm 14.1-12;
ⁿCl 2.16; 1Tm 4.3-5; ^oAl 10.15

20 E continuou: “O que sai do homem é que o torna impuro. 21 Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, 22 as cobiças,^o as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. 23 Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem impuro”.

7.22 ^mMt 20.15

Uma Mulher Siro-fenícia Demonstra Fé (Mt 15.21-28)

24 Jesus saiu daquele lugar e foi para os arredores de Tiro^p e de Sidom^q. Entrou numa casa e não queria que ninguém o soubesse; contudo, não conseguiu manter em segredo a sua presença. 25 De fato, logo que ouviu falar dele, certa mulher, cuja filha estava com um espírito imundo,^q veio e lançou-se aos seus pés. 26 A mulher era grega, siro-fenícia de origem, e rogava a Jesus que expulsasse de sua filha o demônio.

7.24 ^mMt 11.21

7.25 ^mMt 4.24

27 Ele lhe disse: “Deixe que primeiro os filhos comam até se fartar; pois não é correto tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos”.

28 Ela respondeu: “Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças”.

29 Então ele lhe disse: “Por causa desta resposta, você pode ir; o demônio já saiu da sua filha”.

30 Ela foi para casa e encontrou sua filha deitada na cama, e o demônio já a deixara.

A Cura de um Surdo e Gago

31 A seguir Jesus saiu dos arredores de Tiro^r e atravessou Sidom, até o mar da Galileia^s e a região de Decápolis.^t 32 Ali algumas pessoas lhe trouxeram um homem que era surdo e mal podia falar,^u suplicando que lhe impusesse as mãos.^v

7.31 ^rv. 24;
^sMt 11.21;
^tMt 4.18; ^uMt 4.25;
^vMc 5.20
 7.32 ^mMt 9.32;
ⁿLc 11.14; ^oMc 5.23
 7.33 ^mMc 8.23
 7.34 ^mMc 6.41
 Jo 11.41; ^oMc
 7.35 ^{is} 35.5,6

33 Depois de levá-lo à parte, longe da multidão, Jesus colocou os dedos nos ouvidos dele. Em seguida, cuspiu^w e tocou na língua do homem. 34 Então voltou os olhos para o céu^x e, com um profundo suspiro,^y disse-lhe: “Efátá!”, que significa “abra-se!” 35 Com isso, os ouvidos do homem se abriram, sua língua ficou livre e ele começou a falar corretamente.^z

36 Jesus ordenou-lhes que não o contassem a ninguém.^a Contudo, quanto mais ele os proibia, mais eles falavam. 37 O povo ficava simplesmente maravilhado e dizia: “Ele faz tudo muito bem. Faz até o surdo ouvir e o mudo falar”.

7.36 ^mMt 8.4

A Segunda Multiplicação dos Pães (Mt 15.29-39)

8 Naqueles dias, outra vez reuniu-se uma grande multidão. Visto que não tinham nada para comer, Jesus chamou os seus discípulos e disse-lhes: 2 “Tenho compaixão desta multidão;^b já faz três dias que eles estão comigo e nada têm para comer. 3 Se eu os mandar para casa com fome, vão desfalecer no caminho, porque alguns deles vieram de longe”.

8.2 ^mMt 9.36

4 Os seus discípulos responderam: “Onde, neste lugar deserto, poderia alguém conseguir pão suficiente para alimentá-los?”

5 “Quantos pães vocês têm?”, perguntou Jesus.

“Sete”, responderam eles.

6 Ele ordenou à multidão que se assentasse no chão. Depois de tomar os sete pães e dar graças, partiu-os e os entregou aos seus discípulos, para que os servissem à multidão; e eles o fizeram.

8.7 ^mMt 14.19

7 Tinham também alguns peixes pequenos; ele deu graças igualmente por eles e disse aos discípulos que os distribuissem.^c 8 O povo comeu até se fartar. E ajuntaram sete cestos cheios de pedaços que sobraram.^d 9 Cerca de quatro mil homens estavam presentes. E, tendo-os despedido, 10 entrou no barco com seus discípulos e foi para a região de Dalmanuta.

8.8 ^v. 20

^a 7.24 Vários manuscritos não trazem e de Sidom.

7.19 Sobre a contaminação no AT e no NT, ver nota em Ct 5.3.

7.24 Para mais informações sobre Tiro, ver nota em Mt 15.21. Uma jornada de aproximadamente 48 quilômetros, a partir de Cafarnaum, teria trazido Jesus “para os arredores de Tiro”.

7.26 O adjetivo “grega” aqui provavelmente equivale a “gentia”. Na época, a Fenícia pertencia administrativamente à Síria. Marcos pode ter usado esse termo para distinguir a mulher dos fenícios líbios do norte da África.

7.27 Judeus costumavam se referir aos gentios como “cachorros”.

7.31 As magníficas cidades comerciais de Tiro e Sidom haviam sido fortemente influenciadas pelo helenismo. A sofisticação da cultura grega era evidente em suas moedas e na arquitetura. Elas também eram um ativo

centro histórico do paganismo cananeu, com sepulcros de reis antigos e templos dedicados a várias divindades.

Aparentemente, Jesus viajou para o norte de Tiro, até Sidom (uma distância de cerca de 40 quilômetros), e depois para sudeste, pelo território de Herodes Filipe, para o lado oriental do mar da Galileia. A rota era sinuosa, talvez para evitar a passagem pela Galileia, na qual Herodes Antipas estava no poder e o povo queria fazer de Jesus seu rei a todo custo. Herodes havia declarado um interesse hostil em relação a Jesus.

Para mais informações sobre Decápolis, ver nota em Mt 4.25.

7.34 Sobre o uso do idioma aramaico nos tempos do NT, ver nota em 5.41.

8.10 Ao sul da planície de Genesaré (ver nota em Mt 14.34) foi encontrada uma caverna chamada Dalmanuta, talvez o lugar em que

Os Fariseus Pedem um Sinal (Mt 16.1-4)

8.11 Mt 12.38

8.12 Mc 7.34

¹¹ Os fariseus vieram e começaram a interrogar Jesus. Para pô-lo à prova, pediram-lhe um sinal do céu.^e
¹² Ele suspirou profundamente^f e disse: “Por que esta geração pede um sinal milagroso? Eu afirmo que nenhum sinal será dado a vocês”.¹³ Então se afastou deles, voltou para o barco e foi para o outro lado.

O Fermento dos Fariseus e de Herodes (Mt 16.5-12)

8.15 Mt 12.38; Mc 12.13; Mt 14.1; Mc 12.13

¹⁴ Os discípulos haviam se esquecido de levar pão, a não ser um pão que tinham consigo no barco.
¹⁵ Advertiu-os Jesus: “Estejam atentos e tenham cuidado com o fermento^g dos fariseus^h e com o fermento de Herodes”.ⁱ

8.17 Mt 6.9,10; Mc 6.52

¹⁶ E eles discutiam entre si, dizendo: “É porque não temos pão”.

8.19 Mt 14.20; Mc 6.41-44; Lc 9.17; Jo 6.13

¹⁷ Percebendo a discussão, Jesus lhes perguntou: “Por que vocês estão discutindo sobre não terem pão? Ainda não compreendem nem percebem? O coração de vocês está endurecido?ⁱ ¹⁸ Vocês têm olhos, mas não veem? Têm ouvidos, mas não ouvem? Não se lembram? ¹⁹ Quando eu parti os cinco pães para os cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços vocês recolheram?”

8.20 v. 6-9; Mt 15.37

“Doze”,^k responderam eles.

²⁰ “E, quando eu parti os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de pedaços vocês recolheram?”

8.21 Mt 6.52

“Sete”,^j responderam eles.

²¹ Ele lhes disse: “Vocês ainda não entendem?”^m

A Cura de um Cego em Betsaida

8.22 Mt 11.21; Mc 10.46; Jo 9.1; 8.23 Mc 7.33; Mc 5.23

²² Eles foram para Betsaida,ⁿ e algumas pessoas trouxeram um cego^o a Jesus, suplicando-lhe que tocasse nele. ²³ Ele tomou o cego pela mão e o levou para fora do povoado. Depois de cuspir^p nos olhos do homem e impor-lhe as mãos,^q Jesus perguntou: “Você está vendo alguma coisa?”

²⁴ Ele levantou os olhos e disse: “Vejo pessoas; elas parecem árvores andando”.

²⁵ Mais uma vez, Jesus colocou as mãos sobre os olhos do homem. Então seus olhos foram abertos, e sua vista lhe foi restaurada, e ele via tudo claramente. ²⁶ Jesus mandou-o para casa, dizendo: “Não entre no povoado!”

A Confissão de Pedro (Mt 16.13-20; Lc 9.18-21)

8.28 Mt 3.1; Mt 4.5

8.29 Jo 6.69; 11.27

²⁷ Jesus e os seus discípulos dirigiram-se para os povoados nas proximidades de Cesareia de Filipe. No caminho, ele lhes perguntou: “Quem o povo diz que eu sou?”

²⁸ Eles responderam: “Alguns dizem que és João Batista;^r outros, Elias;^s e, ainda outros, um dos profetas”.

²⁹ “E vocês?”, perguntou ele. “Quem vocês dizem que eu sou?”

Pedro respondeu: “Tu és o Cristo”^t.

8.30 Mt 8.4; 16.20; 17.9; Mc 9.9; Lc 9.21

³⁰ Jesus os advertiu que não falassem a ninguém a seu respeito.^u

Jesus Prediz sua Morte e Ressurreição (Mt 16.21-28; Lc 9.22-27)

8.31 Mt 8.20; Mt 16.21; Mt 27.1.2; Mt 2.23; 3.13; Mt 16.21

8.32 Jo 18.20

8.33 Mt 4.10

³¹ Então ele começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem^v sofresse muitas coisas^w e fosse rejeitado pelos líderes religiosos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos mestres da lei,^x fosse morto^y e três dias depois^z ressuscitasse.^a ³² Ele falou claramente^b a esse respeito. Então Pedro, chamando-o à parte, começou a repreendê-lo.

³³ Jesus, porém, voltou-se, olhou para os seus discípulos e repreendeu Pedro, dizendo: “Para trás de mim, Satanás!^c Você não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens”.

8.34 Mt 10.38; Lc 14.27

8.35 Jo 12.25

³⁴ Então ele chamou a multidão e os discípulos e disse: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.”^d ³⁵ Pois quem quiser salvar a sua vida^e a perderá;

^a 8.26 Vários manuscritos acrescentam *nem conte nada a ninguém no povoado*.

^b 8.29 Ou *Messias*. Tanto *Cristo* (grego) como *Messias* (hebraico) significam *Ungido*; também em todo o livro de Marcos.

^c 8.35 Ou *alma*.

Jesus desembarcou. Mateus declara que Jesus “foi para a região de Magadá” (Mt 15.39). Dalmanuta e Magadá (ou Magdala), situadas na costa ocidental do mar da Galiléia, podem ser nomes do mesmo lugar ou de dois lugares próximos um do outro.

8.11 Para mais informações sobre os fariseus, ver nota em Mt 3.7.
 8.15 O fermento é geralmente um símbolo do mal ou da corrupção no NT. A metáfora inclui a ideia de que uma quantia muito pequena de fermento é capaz de fermentar uma grande quantidade de massa. Nesse contexto, a referência é ao caráter perverso dos fariseus e de Herodes Antipas.

8.22 Betsaida ficava na costa nordeste do mar da Galiléia. Filipe, o tetrarca, reconstruiu mais tarde a cidade, que estava em ruínas, e chamou-a Júlias e depois de Júlia, nome da filha de César Augusto.

8.23 Sobre os métodos de cura escolhidos por Jesus (cuspir nos olhos do homem), ver “Milagreiros profissionais e mágicos no século I d.C.”, em Lc 19.

8.27 Para mais informações sobre a Cesareia de Filipe, ver nota em Mt 16.13.
 8.29 Pelo fato de as ideias judaicas populares associadas com o termo “Cristo” serem de cunho político e nacionalista, Jesus raramente usava esse termo.

8.31 Para mais informações sobre os “líderes religiosos”, ver nota em 21.23; sobre os “chefes dos sacerdotes” e os “mestres da lei”, ver nota em 2.4.

mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho a salvará.³⁶ Pois, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? ³⁷ Ou, o que o homem poderia dar em troca de sua alma? ³⁸ Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora, o Filho do homem^f se envergonhará dele^g quando vier^h na glória de seu Pai com os santos anjos”.

9 E lhes disse: “Garanto que alguns dos que aqui estão de modo nenhum experimentarão a morte, antes de verem o Reino de Deusⁱ vindo com poder”.^j

A Transfiguração (Mt 17.1-13; Lc 9.28-36)

² Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João^k e os levou a um alto monte, onde ficaram a sós. Ali ele foi transfigurado diante deles. ³ Suas roupas se tornaram brancas, de um branco resplandecente,^l como nenhum lavandeiro no mundo seria capaz de branqueá-las. ⁴ E apareceram diante deles Elias e Moisés, os quais conversavam com Jesus.

⁵ Então Pedro disse a Jesus: “Mestre,^m é bom estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias”. ⁶ Ele não sabia o que dizer, pois estavam apavorados.

⁷ A seguir apareceu uma nuvem e os envolveu, e dela saiu uma voz, que disse: “Este é o meu Filho amado. Ouçam-no!”^o

⁸ Repentinamente, quando olharam ao redor, não viram mais ninguém, a não ser Jesus.

⁹ Enquanto desciam do monte, Jesus lhes ordenou que não contassem a ninguém^p o que tinham visto, até que o Filho do homem^q tivesse ressuscitado dos mortos. ¹⁰ Eles guardaram o assunto apenas entre si, discutindo o que significaria “ressuscitar dos mortos”.

¹¹ E lhe perguntaram: “Por que os mestres da lei dizem que é necessário que Elias venha primeiro?”

¹² Jesus respondeu: “De fato, Elias vem primeiro e restaura todas as coisas. Então, por que está escrito que é necessário que o Filho do homem^r sofra muito^s e seja rejeitado^t com desprezo? ¹³ Mas eu digo a vocês: Elias já veio,^u e fizeram com ele tudo o que quiseram, como está escrito a seu respeito”.

A Cura de um Menino Endemoninhado (Mt 17.14-23; Lc 9.37-45)

¹⁴ Quando chegaram onde estavam os outros discípulos, viram uma grande multidão ao redor deles e os mestres da lei discutindo com eles. ¹⁵ Logo que todo o povo viu Jesus, ficou muito surpreso e correu para saudá-lo.

¹⁶ Perguntou Jesus: “O que vocês estão discutindo?”

¹⁷ Um homem, no meio da multidão, respondeu: “Mestre, eu te trouxe o meu filho, que está com um espírito que o impede de falar. ¹⁸ Onde quer que o apanhe, joga-o no chão. Ele espuma pela boca, range os dentes e fica rígido. Pedi aos teus discípulos que expulsassem o espírito, mas eles não conseguiram”.

¹⁹ Respondeu Jesus: “Ó geração incrédula, até quando estarei com vocês? Até quando terei que suportá-los? Tragam-me o menino”.

²⁰ Então, eles o trouxeram. Quando o espírito viu Jesus, imediatamente causou uma convulsão no menino. Este caiu no chão e começou a rolar, espumando pela boca.^v

²¹ Jesus perguntou ao pai do menino: “Há quanto tempo ele está assim?”

“Desde a infância”, respondeu ele. ²² “Muitas vezes esse espírito o tem lançado no fogo e na água para matá-lo. Mas, se podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos.”

²³ “Se podes?”, disse Jesus. “Tudo é possível àquele que crê.”^w

²⁴ Imediatamente o pai do menino exclamou: “Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!”

²⁵ Quando Jesus viu que uma multidão estava se ajuntando,^x repreendeu o espírito imundo, dizendo: “Espírito mudo e surdo, eu ordeno que o deixe e nunca mais entre nele”.

²⁶ O espírito gritou, agitou-o violentamente e saiu. O menino ficou como morto, ao ponto de muitos dizerem: “Ele morreu”. ²⁷ Mas Jesus tomou-o pela mão e o levantou, e ele ficou em pé.

²⁸ Depois de Jesus ter entrado em casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular:^y “Por que não conseguimos expulsá-lo?”

²⁹ Ele respondeu: “Essa espécie só sai pela oração e pelo jejum^z”.

³⁰ Eles saíram daquele lugar e atravessaram a Galileia. Jesus não queria que ninguém soubesse onde eles estavam, ³¹ porque estava ensinando os seus discípulos. E lhes dizia: “O Filho do homem^z

^a 9.5 Isto é, Rabi; também em 10.51; 11.21 e 14.45.

^b 9.29 Alguns manuscritos não trazem e pelo jejum.

9.5 Pedro pode ter desejado erguer novas “tendas do encontro”, nas quais Deus pudesse se comunicar outra vez com seu povo (ver Ex 29.42). Ou pode ter pensado nas barracas usadas na festa das cabanas (ver Lv 23.42; ver também “Festas de Israel”, em Lv 23).

9.10 Por serem judeus, os discípulos conheciam a doutrina da ressurreição. Foi a ideia da ressurreição do Filho do homem que os confundiu,

porque sua teologia não tinha lugar para o sofrimento e a morte do Messias.

9.14 Para mais informações sobre os “mestres da lei”, ver nota em Mt 2.4.

9.18 Sobre a frase “Onde quer que o apanhe [...]”, ver nota em Mt 4.24.

8.38 Mt 8.20;
Mt 10.33; Lc 12.9;
1Ts 2.19

9.1 Mc 13.30;
Lc 22.18;
Mt 24.30; 25.31

9.2 Mt 4.21

9.3 Mt 28.3

9.5 Mt 23.7

9.7 Ex 24.16;
Mt 3.17

9.9 Mc 8.30;
Mt 8.20

9.12 Mt 8.20;
Mt 16.21;
Lc 23.11
9.13 Mt 11.14

9.20 Mt 1.26

9.23 Mt 21.21;
Mc 11.23;
Jo 11.40

9.25 Mc 15

9.28 Mt 7.17

9.31 Mt 8.20;
Mt 12; At 2.23;
3.13; Mt 16.21;
Mt 16.21

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

CAFARNAUM



A sinagoga de Cafarnaum

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

MARCOS 9 Jesus escolheu como sede de seu ministério na Galileia a cidade de Cafarnaum (mapa 9), na costa noroeste do mar da Galileia.¹ Em Mateus 9.1, Cafarnaum é definida como “sua cidade” (de Jesus). Ali ele permaneceu, na casa de Pedro, e frequentava a sinagoga local. Os moradores da cidade eram um povo simples. Ganhavam a vida da pesca, agricultura, indústria e do comércio. A estrada que conduz a Damasco passava perto dali, proporcionando ligação comercial com as regiões ao norte e ao sul.

Foi nas imediações de Cafarnaum que Jesus escolheu alguns de seus discípulos: os pescadores locais, Pedro e seu irmão André (Mc 1.16-18); João e Tiago, filhos de Zebedeu, também pescadores locais (v. 19,20); Mateus, cobrador de impostos (2.13,14). Além disso, Jesus realizou vários milagres ali. Curou a sogra de Pedro de uma febre

(1.29-31) e muitos outros moradores da cidade, livrando-os de doenças e possessões demoníacas (1.32-34), e restabeleceu um paralítico numa cama baixada pelos amigos com cordas por um telhado (2.1-5). Em outro lugar na cidade, Jesus curou o criado do centurião romano que havia construído a sinagoga local (Lc 7.1-10).

As ruínas do que provavelmente foi uma sinagoga do século I foram encontradas embaixo de uma estrutura mais recente, de período **bizantino**. Os arqueólogos descobriram que a estrutura do século I apresentava um chão de basalto de 18 metros de largura por 24 metros de comprimento. Grande demais para ter sido uma habitação particular, é quase certo que seja a sinagoga na qual Jesus ensinou (Mc 1.21). Ruínas impressionantes da sinagoga da era bizantina podem ser vistas ainda hoje pelos visitantes.²

O local que pode ter sido o da casa de Pedro também foi escavado. As ruínas estão localizadas 26 metros ao sul da sinagoga, tendo na base três camadas de construção. A camada superior foi identificada como as ruínas de uma igreja octogonal do século V; a segunda camada, uma igreja-lar do século IV; a camada inferior, uma casa simples do século I. A casa tinha paredes estreitas, muito fracas para suportar um segundo andar ou uma cobertura de alvenaria, por isso é provável que tivesse uma cobertura de galhos cobertos com terra. Assim, essa casa, ou uma semelhante, pode ter sido o cenário da cura do paralítico baixado pelo telhado, realizada por Jesus (2.4).³

¹Ver “A Galileia nos tempos de Jesus”, em Mt 15.

²Ver “A sinagoga de Cafarnaum”, em Mt 17.

³Ver “Casas na Terra Santa do século I d.C.: a casa de Pedro em Cafarnaum; *Insulae*”, em Mt 14.

está para ser entregue nas mãos dos homens. Eles o matarão,^a e três dias depois^b ele ressuscitará”.^c
³² Mas eles não entendiam o que ele queria dizer^d e tinham receio de perguntar-lhe.

Quem é o Maior? (Mt 18.1-5; Lc 9.46-48)

³³ E chegaram a Cafarnaum.^e Quando ele estava em casa,^f perguntou-lhes: “O que vocês estavam discutindo no caminho?” ³⁴ Mas eles guardaram silêncio, porque no caminho haviam discutido sobre quem era o maior.^g

³⁵ Assentando-se, Jesus chamou os Doze e disse: “Se alguém quiser ser o primeiro, será o último, e servo de todos”.^h

³⁶ E, tomando uma criança, colocou-a no meio deles. Pegando-a nos braços,ⁱ disse-lhes: ³⁷ “Quem recebe uma destas crianças em meu nome, está me recebendo; e quem me recebe, não está apenas me recebendo, mas também àquele que me enviou”.^j

Quem Não é contra Nós é por Nós (Lc 9.49,50)

³⁸ “Mestre”, disse João, “vimos um homem expulsando demônios em teu nome e procuramos impedi-lo, porque ele não era um dos nossos.”^k

³⁹ “Não o impeçam”, disse Jesus. “Ninguém que faça um milagre em meu nome, pode falar mal de mim logo em seguida, ⁴⁰ pois quem não é contra nós está a nosso favor.” ⁴¹ Eu digo a verdade: Quem der um copo de água a vocês em meu nome, por vocês pertencerem a Cristo, de modo nenhum perderá a sua recompensa.”^m

A Indução ao Pecado (Mt 18.6-9)

⁴² “Se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim,ⁿ seria melhor que fosse lançado no mar com uma grande pedra amarrada no pescoço.” ⁴³ Se a sua mão o fizer tropeçar,^p corte-a. É melhor entrar na vida mutilado do que, tendo as duas mãos, ir para o inferno,^q onde o fogo nunca se apaga.^r ⁴⁴ onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.” ⁴⁵ E, se o seu pé o fizer tropeçar,^s corte-o. É melhor entrar na vida aleijado do que, tendo os dois pés, ser lançado no inferno,^t ⁴⁶ onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.” ⁴⁷ E, se o seu olho o fizer tropeçar,^u arranque-o. É melhor entrar no Reino de Deus com um só olho do que, tendo os dois olhos, ser lançado no inferno,^v ⁴⁸ onde

“o seu verme não morre,
e o fogo não se apaga”.^w

⁴⁹ Cada um será salgado^x com fogo.

⁵⁰ “O sal é bom, mas, se deixar de ser salgado, como restaurar o seu sabor?^y Tenham sal em vocês mesmos^z e vivam em paz uns com os outros.”^a

A Questão do Divórcio (Mt 19.1-12)

10 Então Jesus saiu dali e foi para a região da Judeia e para o outro lado do Jordão.^b Novamente uma multidão veio a ele e, segundo o seu costume, ele a ensinava.^c

² Alguns fariseus^d aproximaram-se dele para pô-lo à prova, perguntando: “É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher?”

³ “O que Moisés ordenou a vocês?”, perguntou ele.

⁴ Eles disseram: “Moisés permitiu que o homem lhe desse uma certidão de divórcio e a mandasse embora.”^{d,e}

⁵ Respondeu Jesus: “Moisés escreveu essa lei por causa da dureza de coração^f de vocês. ⁶ Mas no princípio da criação Deus ‘os fez homem e mulher’.^g ⁷ ‘Por esta razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher’,^h e os dois se tornarão uma só carne’.ⁱ Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne.” ⁸ Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe”.

^a 9.44 Os manuscritos mais antigos não trazem o versículo 44.

^b 9.46 Os manuscritos mais antigos não trazem o versículo 46.

^c 9.48 Is 66.24.

^d 10.4 Dt 24.1-3.

^e 10.6 Gn 1.27.

^f 10.7 Alguns manuscritos antigos não trazem e se unirá à sua mulher.

^g 10.8 Gn 2.24.

9.33 A “casa” provavelmente é a que pertencia a Pedro e André (ver nota em Mt 4.13); ver “Casas na Terra Santa do século I d.C.: a casa de Pedro em Cafarnaum; *Insulae*”, em Mt 14.

9.34 Nível e posição social eram importantes na vida dos grupos judeus da época.

9.35 Sobre o ato de assentar-se, ver nota em 4.1.

9.42 Sobre a “grande pedra” (de moinho), ver nota em Mt 18.6.

9.48 Os vermes sempre estavam presentes nos depósitos de lixo (ver nota sobre inferno em Mt 5.22).

9.50 Para mais informações sobre o sal, ver nota em Mt 5.13.

10.1 A “região da Judeia” é o equivalente grego e romano para terra de Judá no AT, principalmente a parte sul da Terra Santa (na época, sem excluir a Idumeia), que tinha sido anteriormente o Reino do Sul.

Para mais informações sobre o Jordão, ver nota em 1.5.

10.2 Para mais informações sobre os fariseus, ver nota em Mt 3.7. Os judeus daquele tempo geralmente concordavam em que o divórcio era legal. O que se debatia eram os motivos aceitáveis para alguém se divorciar (ver nota em Mt 19.3).

9.32 ^aLc 2.50;
^b9.45; 18.34;
^cJo 12.16

9.33 ^aMt 4.13;
^bMc 1.29
9.34 ^aLc 22.24

9.35 ^aMt 18.4;
20.26; Mc 10.43;
Lc 22.26

9.36 ^aMc 10.16
9.37 ^aMt 10.40

9.38 ^aNm 11.27-29

9.40 ^aMt 12.30;
Lc 11.23
9.41 ^aMt 10.42

9.42 ^aMt 5.29;
^bMt 18.6; Lc 17.2
9.43 ^aMt 5.29;
^bMt 5.30; 18.8;
^cMt 25.41
9.45 ^aMt 5.29;
^bMt 18.8

9.47 ^aMt 5.29;
^bMt 5.29; 18.9
9.48 ^aIs 66.24;
Mt 25.41

9.49 ^aLv 2.13

9.50 ^aMt 5.13;
Lc 14.34,35;
^bCi 4.6; ^cRm 12.18; 2Co 13.11;
1Ts 5.13

10.1 ^aMt 1.5;
Jo 10.40; 11.7;
^bMt 4.23; Mc 2.13;
4.2; 6.6,34
10.2 ^aMc 2.16

10.4 ^aDt 24.1-4;
Mt 5.31

10.5 ^aSl 95.6;
Hb 3.15
10.6 ^aGn 1.27; 5.2
10.8 ^aGn 2.24;
1Co 6.16

10.11 Mt 5.32;
Lc 16.18
10.12 Rm 7.3;
1Co 7.10,11

¹⁰ Quando estava em casa novamente, os discípulos interrogaram Jesus sobre o mesmo assunto. ¹¹ Ele respondeu: “Todo aquele que se divorciar de sua mulher e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério contra ela.” ¹² E, se ela se divorciar de seu marido e se casar com outro homem, estará cometendo adultério.”^j

Jesus e as Crianças (Mt 19.13-15; Lc 18.15-17)

10.14 Mt 25.34
10.15 Mt 18.3
10.16 Mc 9.36

¹³ Alguns traziam crianças a Jesus para que ele tocasse nelas, mas os discípulos os repreendiam. ¹⁴ Quando Jesus viu isso, ficou indignado e lhes disse: “Deixem vir a mim as crianças, não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas.”^k ¹⁵ Digo a verdade: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele.”^l ¹⁶ Em seguida, tomou as crianças nos braços,^m impôs-lhes as mãos e as abençoou.

O Jovem Rico (Mt 19.16-30; Lc 18.18-30)

10.17 Mc 1.40;
Lc 10.25;
At 20.32

¹⁷ Quando Jesus ia saindo, um homem correu em sua direção e se pôs de joelhosⁿ diante dele e lhe perguntou: “Bom mestre, que farei para herdar a vida eterna?”^o

10.19 Ex 20.12-16; Dt 5.16-20

¹⁸ Respondeu-lhe Jesus: “Por que você me chama bom? Ninguém é bom, a não ser um, que é Deus. ¹⁹ Você conhece os mandamentos: ‘Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não enganarás ninguém, honra teu pai e tua mãe’^a.”^p

10.21 Mt 2.45;
Mt 6.20; Lc 12.33;
Mt 4.19

²⁰ E ele declarou: “Mestre, a tudo isso tenho obedecido desde a minha adolescência.”

²¹ Jesus olhou para ele e o amou. “Falta uma coisa para você”, disse ele. “Vá, venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres,^q e você terá um tesouro no céu.”^r Depois, venha e siga-me.”^s

²² Diante disso ele ficou abatido e afastou-se triste, porque tinha muitas riquezas.

10.23 Sl 52.7; 62.10;
1Tm 6.9,10,17
10.24 Mt 7.13,14
10.25 Lc 12.16-20

²³ Jesus olhou ao redor e disse aos seus discípulos: “Como é difícil aos ricos^t entrar no Reino de Deus!”

²⁴ Os discípulos ficaram admirados com essas palavras. Mas Jesus repetiu: “Filhos, como é difícil^b entrar no Reino de Deus!^u ²⁵ É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus.”^v

²⁶ Os discípulos ficaram perplexos e perguntavam uns aos outros: “Neste caso, quem pode ser salvo?”

10.27 Mt 19.26

²⁷ Jesus olhou para eles e respondeu: “Para o homem é impossível, mas para Deus não; todas as coisas são possíveis para Deus.”^w

10.28 Mt 4.19

²⁸ Então Pedro começou a dizer-lhe: “Nós deixamos tudo para seguir-te.”^x

10.30 Mt 6.33;
Mt 12.32;
Mt 25.46

²⁹ Respondeu Jesus: “Digo a verdade: Ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, ou campos, por causa de mim e do evangelho, ³⁰ deixará de receber cem vezes mais,^y já no tempo presente, casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, e com eles perseguição; e, na era futura,^z a vida eterna.”^a ³¹ Contudo, muitos primeiros serão últimos, e os últimos serão primeiros.”^b

Jesus Prediz Novamente sua Morte e Ressurreição (Mt 20.17-19; Lc 18.31-34)

10.32 Mc 3.16-19

10.33 Lc 9.51;
Mt 8.20;
Mt 27.1,2

³² Eles estavam subindo para Jerusalém, e Jesus ia à frente. Os discípulos estavam admirados, enquanto os que o seguiam estavam com medo. Novamente ele chamou à parte os Doze^c e lhes disse o que haveria de lhe acontecer: ³³ “Estamos subindo para Jerusalém^d e o Filho do homem^e será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei.^f Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios,^g ³⁴ que zombarão dele, cuspirão nele, o açoitarão^h e o matarão.ⁱ Três dias depois^j ele ressuscitará.”^k

10.34 Mt 16.21;
Mt 2.23; 3.13;
Mt 16.21;
Mt 16.21

O Pedido de Tiago e João (Mt 20.20-28)

³⁵ Nisso Tiago e João, filhos de Zebedeu, aproximaram-se dele e disseram: “Mestre, queremos que nos faças o que vamos te pedir.”

³⁶ “O que vocês querem que eu faça?”, perguntou ele.

10.37 Mt 19.28

³⁷ Eles responderam: “Permite que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda.”^k

^a 10.19 Ex 20.12-16; Dt 5.16-20.

^b 10.24 Outros manuscritos dizem *é difícil para aqueles que confiam nas riquezas*.

^c 10.33 Isto é, os que não são judeus.

10.11 Na prática judaica, divórcio era homologado pelo próprio marido, não por uma autoridade ou corte judicial.

10.20 O menino judeu assumia a responsabilidade pessoal de obedecer aos mandamentos e, assim, tornar-se um “filho do(s) mandamento(s)” (aram. *bar mitzva*) quando chegava à idade de 13 anos.

10.25 O camelo era o maior animal na Terra Santa. O contraste vívido entre o maior animal e a menor abertura representa algo que é impossível (ver “A lenda da porta chamada ‘Fundo da Agulha’, em Mt 19).

Existe uma frase rabínica semelhante: “um elefante através do olho de uma agulha”.

10.29-30 Sobre o ascetismo na vida do cristão, ver nota em Lv 10.9.

10.37 Estar sentado à direita de um rei era o lugar de maior honra, indicando prestígio, poder e autoridade. O lado esquerdo era reservado para a segunda pessoa mais importante depois do rei (ver “A ‘mão direita’ no pensamento antigo”, em Hb 1).

³⁸ Disse-lhes Jesus: “Vocês não sabem o que estão pedindo.¹ Podem vocês beber o cálice^m que eu estou bebendo ou ser batizados com o batismo com que estou sendo batizado?”ⁿ

³⁹ “Podemos”, responderam eles.

Jesus lhes disse: “Vocês beberão o cálice que estou bebendo e serão batizados com o batismo com que estou sendo batizado;^o ⁴⁰ mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim conceder. Esses lugares pertencem àqueles para quem foram preparados”.

10.38 Uó 38.2;
Mt 20.22;
Lc 12.50
10.39 At 12.2;
Ap 1.9

10.38 Sobre o ato de “beber o cálice”, ver nota em Mt 20.22.



SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

A JERICÓ DO NOVO TESTAMENTO

MARCOS 10 Marcos 10.46-52 relata a cura do cego Bartimeu, realizada por Jesus quando este saía de Jericó. O relato paralelo de Lucas 18.35-43, porém, registra que isso aconteceu quando Jesus estava *chegando* a Jericó. Parece haver uma contradição entre os dois textos, mas a explicação é muito simples: nos dias de Jesus, havia duas cidades chamadas Jericó — a Jericó do AT e sua homônima do NT. A cidade do AT ficava agora situada num local chamado Tell es-Sultan,¹ e a cidade do NT ficava perto de Tulul Abu el-Alayiq.

A cidade nova, que prosperou desde o final do século II a.C. até a destruição de Jerusalém, em 70 d.C.,² estendia-se para o

sul e a oeste da colina que cobria as ruínas da Jericó do AT. O centro da cidade nova era o complexo do palácio de inverno construído por Herodes, o Grande, situado cerca de 3 quilômetros a sudoeste da Jericó do AT.³ Incorporando as fundações de antigos palácios dos **hasmoneus**, o complexo cobria uma área de 14 hectares e era constituído de palácios luxuosos, vilas, jardins, piscinas, teatros e instalações atléticas. O historiador judeu Josefo menciona muitas dessas instalações palacianas e relata o assassinato de Aristóbulo III numa das piscinas (Josefo, *Antiguidades judaicas* 15.3.3; *Guerras dos judeus* 1.22.2).

Marcos relaciona a cura de Bartimeu com a Jericó do AT, assim o fato aconteceu quando Jesus estava deixando aquela cidade e entrando em sua homônima do NT. Lucas, por sua vez, associa o incidente com a Jericó do NT, por isso relata que o encontro entre Jesus e Zaqueu ocorreu dentro da cidade (Lc 19.1-10). Assim, Lucas escreve que Bartimeu foi curado quando Jesus estava chegando a Jericó (18.35) e que Jesus, portanto, encontrou Zaqueu depois de entrar na cidade, enquanto a atravessava (19.1).

¹Ver “Os muros de Jericó”, em Js 6.

²Ver “Josefo e a queda de Jerusalém”, em Mt 24.

³Ver “Herodes, o Grande”, em Mc 3.



A região de Jericó
Cortesia do © dr. Gary Pratico

41 Quando os outros dez ouviram essas coisas, ficaram indignados com Tiago e João. 42 Jesus os chamou e disse: “Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. 43 Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo; 44 e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos. 45 Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir^o e dar a sua vida em resgate por muitos.”¹

10.43 *Mc 9.35

10.45 *Mt 20.28;
*Mt 20.28

O Cego Bartimeu Recupera a Visão (Mt 20.29-34; Lc 18.35-43)

46 Então chegaram a Jericó. Quando Jesus e seus discípulos, juntamente com uma grande multidão, estavam saindo da cidade, o filho de Timeu, Bartimeu, que era cego, estava sentado à beira do caminho pedindo esmolas. 47 Quando ouviu que era Jesus de Nazaré,^s começou a gritar: “Jesus, Filho de Davi,^t tem misericórdia de mim!”

10.47 *Mt 1.24;
*Mt 9.27

48 Muitos o repreendiam para que ficasse quieto, mas ele gritava ainda mais: “Filho de Davi, tem misericórdia de mim!”

49 Jesus parou e disse: “Chamem-no”.

E chamaram o cego: “Ânimo! Levante-se! Ele o está chamando”. 50 Lançando sua capa para o lado, de um salto pôs-se em pé e dirigiu-se a Jesus.

10.51 *Mt 23.7

51 “O que você quer que eu faça?”, perguntou-lhe Jesus.

O cego respondeu: “Mestre,^u eu quero ver!”

10.52 *Mt 9.22;
*Mt 4.19

52 “Vá”, disse Jesus, “a sua fé o curou”.^v Imediatamente ele recuperou a visão e seguiu^w Jesus pelo caminho.

A Entrada Triunfal (Mt 21.1-11; Lc 19.28-40; Jo 12.12-19)

11.1 *Mt 21.17;
*Mt 21.1;
11.2 *Nm 19.2;
Dt 21.3; 1Sm 6.7

11 Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé e Betânia,^x perto do monte das Oliveiras,^y Jesus enviou dois de seus discípulos, 2 dizendo-lhes: “Vão ao povoado que está adiante de vocês; logo que entrarem, encontrarão um jumentinho amarrado, no qual ninguém jamais montou.^z Desamarrem-no e tragam-no aqui. 3 Se alguém perguntar: ‘Por que vocês estão fazendo isso?’, digam-lhe: O Senhor precisa dele e logo o devolverá”.

11.4 *Mc 14.16

4 Eles foram e encontraram um jumentinho na rua, amarrado a um portão.^a Enquanto o desamarravam, 5 alguns dos que ali estavam lhes perguntaram: “O que vocês estão fazendo, desamarrando esse jumentinho?” 6 Os discípulos responderam como Jesus lhes tinha dito, e eles os deixaram ir. 7 Trouxeram o jumentinho a Jesus, puseram sobre ele os seus mantos; e Jesus montou. 8 Muitos estenderam seus mantos pelo caminho, outros espalharam ramos que haviam cortado nos campos. 9 Os que iam adiante dele e os que o seguiam gritavam:

11.9 *Sl 118.25,
26; Mt 23.39

“Hosana!”^a

“Bendito é o que vem em nome do Senhor!”^{bb}

11.10 *Lc 2.14
11.11
*Mt 21.12,17

10 “Bendito é o Reino vindouro de nosso pai Davi!”

“Hosana nas alturas!”^c

11 Jesus entrou em Jerusalém e dirigiu-se ao templo. Observou tudo à sua volta e, como já era tarde, foi para Betânia com os Doze.^d

Jesus Purifica o Templo (Mt 21.12-17; Lc 19.45-48)

11.13 *Lc 13.6-9

12 No dia seguinte, quando estavam saindo de Betânia, Jesus teve fome. 13 Vendo a distância uma figueira com folhas, foi ver se encontraria nela algum fruto. Aproximando-se dela, nada encontrou,

^o 11.9 Expressão hebraica que significa “Salve!”, e que se tornou uma exclamação de louvor; também no versículo 10.

^b 11.9 Sl 118.25,26.

10.46 Jericó era uma cidade muito antiga, situada 8 quilômetros a oeste do rio Jordão e cerca de 24 quilômetros a nordeste de Jerusalém. Na época de Jesus, a Jericó do AT estava abandonada, mas uma cidade nova, ao sul da antiga, fora construída por ordem de Herodes, o Grande. Marcos registra que Jesus estava “saindo da cidade”, enquanto Lucas afirma que ele estava chegando. Lucas pode estar se referido à nova Jericó, enquanto Mateus (20.29) e Marcos têm em mente a cidade antiga (Ver “A Jericó do Novo Testamento”, em Mc 10).

A presença de um mendigo cego, do lado de fora da porta da cidade, no caminho de peregrinos que se dirigiam a Jerusalém, era uma cena comum naqueles dias.

10.47 Para “Nazaré”, ver nota em Mt 2.23.

11.1 Para mais informações sobre Betânia, ver nota em Mt 21.17; ver também “Betânia e o túmulo de Lázaro”, em Jo 11. O monte das Oliveiras estava situado diretamente a leste de Jerusalém, a uma altitude de

cerca de 820 metros, uns 60 metros mais alto que o monte Sião. De seu cume, tem-se uma visão magnífica da cidade, especialmente do templo (ver “O monte das Oliveiras”, em Zc 14).

11.8 Sobre os “ramos”, ver nota em Mt 21.8.

11.9-10 Para mais informações sobre o termo “Hosana”, ver nota em Mt 21.9.

11.11 Para mais informações sobre o templo, ver nota em Mt 4.5. Apparently, Jesus passou a noite da quinta-feira da Semana da Paixão em Betânia (ver nota em Mt 21.17), na casa de seus amigos Maria, Marta e Lázaro (ver Lc 21.37).

11.13 As figueiras ao redor de Jerusalém normalmente começam a brotar em março ou abril, mas só produzem figos depois que todas as suas folhas já estão crescidas, em junho. Essa árvore era uma exceção, pois ao tempo da Páscoa já estava cheia de folhas.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

O TEMPLO DE HERODES

MARCOS 11 Por centenas de anos, o templo de Jerusalém foi o centro da vida judaica. Nos séculos que se seguiram até a era do NT, porém, o edifício pós-exílico reconstruído por Zorobabel¹ sofreu muitos danos. A renovação e a expansão dessa estrutura dilapidada deu a Herodes, o Grande, a oportunidade para construir o maior de seus numerosos projetos de construção e talvez a estrutura mais impressionante que se viu em Jerusalém.²

As obras no templo de Herodes começaram em 20/19 a.C., e, embora a maior parte estivesse concluída em dez anos, os acabamentos continuaram até 63 d.C. Herodes enfrentou um desafio importante: o tamanho do templo estava limitado pelo precedente bíblico do templo de Salomão, uma estrutura bastante modesta,³ mas os templos pagãos da época do NT eram gigantescos, e, se o templo de Jerusalém se limitasse aos padrões bíblicos, seria muito pequeno em comparação com os outros. Assim, embora o templo propriamente permanecesse pequeno, nos planos de Herodes a área ao redor era enorme. O templo de Zorobabel teve de ser destruído, e os três vales das imediações foram aterrados. Fortes muros de retenção ajudavam a apoiar a plataforma da área do templo (o muro de retenção ocidental é o conhecido muro das Lamentações). O templo e seus pátios criaram uma forma de paralelograma, medindo 485 metros no lado ocidental, 468 metros no lado oriental, 315,5 metros no lado norte e 278 metros no lado sul.

A área do templo era essencialmente um conjunto de pátios concêntricos, cada qual mais santo à medida que se aproximava do templo em si:

✦ O primeiro deles, o pátio dos Gentios, era franqueado a judeus e gentios tementes a Deus. Incluiu o mercado e a área dos cambistas; também era frequentado pelos pedintes cegos e aleijados e pelas crianças (Mt 21.14,15).⁴

✦ Só homens e mulheres judeus podiam entrar no pátio das Mulheres, que continha cofres para os dízimos, que ajudavam



Um mikveh antigo (tanque de imersão ritual)

Foto: © Todd Bolen/Bible Places.com

nas despesas do templo; foi o local da contribuição da viúva pobre (Mc 12.44).

✦ Só os homens judeus ritualmente limpos podiam ir além e entrar no pátio de Israel. Quando Jesus veio ao templo e “observou tudo à sua volta” (Mc 11.11), ele estava inspecionando essa área.

✦ Só os sacerdotes podiam passar para a área seguinte do templo. O acesso continha um altar de pedras inteiras, uma varanda e por fim o próprio templo. Construído de mármore e ouro, o templo fora edificado com as mesmas especificações do antigo templo de Salomão. Pontas douradas revestiam o telhado para impedir os pássaros de pousar ali e sujar a estrutura.

✦ Depois que se entra no próprio templo, chega-se primeiro ao Lugar Santo, que continha o candelabro, a mesa para os pães da Presença e o altar do incenso, todos fundidos em ouro puro.

✦ Separado por uma cortina grossa e bordada, o Santo dos Santos continha uma única pedra, na qual o sumo sacerdote oferecia incenso e espargia sangue uma vez por ano, no Dia da Expição (a arca da aliança fora perdida havia muito tempo). Alguns acreditam que o Santo dos Santos ficava situado onde está posto hoje o domo da Rocha, o lugar santo do islamismo.

Outras estruturas importantes foram erigidas nas imediações do templo. A fortaleza Antônia, ao norte do templo, era o quartel das tropas romanas em Jerusalém. Os soldados da fortaleza podiam entrar na área do templo rapidamente, se necessário, como na ocasião em que se iniciou ali uma revolta durante a visita de Paulo (At 21.31,32). No lado sul do templo, ficava a casa de reuniões do Sinédrio e um local de banho para imersão ritual (exigência para entrar nessa área de templo).⁵ Como centro social, o templo era o local mais importante de educação e debate da Judeia (Lc 2.46), assim como o palco de muitos acontecimentos registrados nos Evangelhos, especialmente a expulsão dos mercadores por Jesus. As ações e palavras de Jesus na ocasião criaram uma “parábola dramatizada”. Ele estava furioso não apenas com a extorsão, mas também com o fato de os cambistas ocuparem o pátio dos Gentios, o que limitava o acesso a essa área.

Apesar de toda essa glória, o templo de Herodes teve vida curta. Concluído em 63 d.C., foi destruído em 70 d.C., pelos romanos. A previsão de Jesus a esse respeito, feita aos seus discípulos, se cumpriu: “Não ficará aqui pedra sobre pedra” (Mt 24.2).⁶

¹Ver “O período pós-exílico do Antigo Testamento: o período persa”, em Ne 7.

²Ver “Herodes, o Grande”, em Mc 3.

³Ver “O templo de Salomão e outros templos antigos”, em 1Cr 29.

⁴Ver “O muro divisor do pátio dos Gentios no templo de Herodes”, em Ef2.

⁵Ver “Batismo no mundo antigo”, em Mt 3.

⁶Ver “Josefo e a queda de Jerusalém”, em Mt 24.

a não ser folhas, porque não era tempo de figos.^a 14 Então lhe disse: “Ninguém mais coma de seu fruto”. E os seus discípulos ouviram-no dizer isso.

15 Chegando a Jerusalém, Jesus entrou no templo e ali começou a expulsar os que estavam comprando e vendendo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas 16 e não permitia que ninguém carregasse mercadorias pelo templo. 17 E ele os ensinava, dizendo: “Não está escrito:

“A minha casa será chamada
casa de oração para todos os povos”^{a?}!”

Mas vocês fizeram dela um ‘covil de ladrões’^b.”

18 Os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei ouviram essas palavras e começaram a procurar uma forma de matá-lo, pois o temiam,^c visto que toda a multidão estava maravilhada com o seu ensino.^d

19 Ao cair da tarde, eles^c saíram da cidade.^d

A Figueira Seca (Mt 21.18-22)

20 De manhã, ao passarem, viram a figueira seca desde as raízes. 21 Pedro, lembrando-se, disse a Jesus: “Mestre!k Vê! A figueira que amaldiçoaste secou!”

22 Respondeu Jesus: “Tenham fé em Deus. 23 Eu asseguro que, se alguém disser a este monte: ‘Levante-se e atire-se no mar’, e não duvidar em seu coração, mas crer que acontecerá o que diz, assim lhe será feito.^l 24 Portanto, eu digo: Tudo o que vocês pedirem em oração, creiam que já o receberam, e assim sucederá.^m 25 E, quando estiverem orando, se tiverem alguma coisa contra alguém, perdoem-no, para que também o Pai celestial perdoe os seus pecados.ⁿ 26 Mas, se vocês não perdoarem, também o seu Pai que está nos céus não perdoará os seus pecados^o”.

A Autoridade de Jesus é Questionada (Mt 21.23-27; Lc 20.1-8)

27 Chegaram novamente a Jerusalém e, quando Jesus estava passando pelo templo, aproximaram-se dele os chefes dos sacerdotes, os mestres da lei e os líderes religiosos e lhe perguntaram: 28 “Com que autoridade estás fazendo estas coisas? Quem te deu autoridade para fazê-las?”

29 Respondeu Jesus: “Eu farei uma pergunta. Respondam-me, e eu direi com que autoridade estou fazendo estas coisas. 30 O batismo de João era do céu ou dos homens? Digam-me!”

31 Eles discutiam entre si, dizendo: “Se dissermos: Dos céus, ele perguntará: ‘Então por que vocês não creram nele?’ 32 Mas, se dissermos: Dos homens...” Eles temiam o povo, pois todos realmente consideravam João um profeta.^o

33 Eles responderam a Jesus: “Não sabemos”.

Disse então Jesus: “Tampouco direi com que autoridade estou fazendo estas coisas”.

A Parábola dos Lavradores (Mt 21.33-46; Lc 20.9-19)

12 Então Jesus começou a lhes falar por parábolas: “Certo homem plantou uma vinha,^p colocou uma cerca ao redor dela, cavou um tanque para prensar as uvas e construiu uma torre. Depois arrendou a vinha a alguns lavradores e foi fazer uma viagem. 2 Na época da colheita, enviou um servo aos lavradores, para receber deles parte do fruto da vinha. 3 Mas eles o agarraram, o espancaram e o mandaram embora de mãos vazias. 4 Então enviou-lhes outro servo; e eles lhe bateram na

^a 11.17 Is 56.7.

^b 11.17 Jr 7.11.

^c 11.19 Vários manuscritos dizem *ele saiu*.

^d 11.26 Muitos manuscritos antigos não trazem o versículo 26.

11.14 Uma árvore cheia de folhas normalmente teria frutos. Jesus amaldiçoou a figueira porque não havia nenhum.

11.15 A área “no templo” na qual Jesus entrou era o pátio dos Gentios, a única parte do templo em que os não judeus tinham permissão para adorar a Deus e reunir-se para orar. Os peregrinos presentes à festa da Páscoa precisavam de animais que satisfizessem as exigências rituais do sacrifício, e os vendedores montavam seus cercados com animais e mesas para o dinheiro nesse pátio. Os peregrinos também precisavam trocar seu dinheiro pela moeda corrente local, porque o imposto anual do templo (ver nota em Mt 17.24) tinha de ser pago nessa moeda.

11.16 Aparentemente, essa área de templo estava sendo usada como atalho entre a cidade e o monte das Oliveiras.

11.17 Ao permitir que o pátio dos Gentios se tornasse um mercado barulhento e malcheiroso, os líderes religiosos judaicos estavam interferindo no propósito divino de ter uma “casa de oração para todas as nações”.

11.18 Para mais informações sobre os “chefes dos sacerdotes” e os “mestres da lei”, ver nota em Mt 2.4.

11.23 O mar Morto é visível do monte das Oliveiras.

11.27 Sobre os pátios do templo, ver nota em Mt 21.23; sobre os “chefes dos sacerdotes” e os “mestres da lei”, ver nota em Mt 2.4; sobre os “líderes religiosos”, ver nota em Mt 21.23.

11.30 “Céu” era um substantivo comum dos judeus para o nome divino, substituído para evitar um possível abuso do nome de Deus.

12.1-12 No século I, as grandes propriedades da Galileia, que pertenciam a senhores de terras que se viviam longe, eram postas nas mãos dos camponeses locais, que cultivavam a terra como lavradores arrendatários.

12.1 Para mais informações sobre a “torre” de vigia, ver nota em Mt 21.33.

12.2 De acordo com o contrato de arrendamento (ver nota em v. 1-12), uma quantia fixa era devida ao proprietário das terras. No tempo determinado, ele esperaria receber sua parte.

cabeça e o humilharam.⁵ E enviou ainda outro, o qual mataram. Enviou muitos outros; em alguns bateram, a outros mataram.

⁶ “Faltava-lhe ainda um para enviar: seu filho amado. Por fim o enviou,⁶ dizendo: ‘A meu filho respeitão’.

12.6 Hb 1.1-3

⁷ “Mas os lavradores disseram uns aos outros: ‘Este é o herdeiro. Venham, vamos matá-lo, e a herança será nossa’.⁸ Assim eles o agarraram, o mataram e o lançaram para fora da vinha.

⁹ “O que fará então o dono da vinha? Virá e matará aqueles lavradores e dará a vinha a outros.

¹⁰ Vocês nunca leram esta passagem das Escrituras?

12.10 Mt 4.11

“A pedra que os construtores
rejeitaram tornou-se a pedra angular;^f

¹¹ isso vem do Senhor

12.11 Sl 118.22, 23

e é algo maravilhoso para nós^g.”^h

¹² Então começaram a procurar um meio de prendê-lo, pois perceberam que era contra eles que ele havia contado aquela parábola. Mas tinham medo da multidão;ⁱ por isso o deixaram e foram embora.^j

12.12 Mc 11.18; Mt 22.22

O Pagamento de Imposto a César (Mt 22.15-22; Lc 20.20-26)

¹³ Mais tarde enviaram a Jesus alguns dos fariseus e herodianos^k para o apanharem^l em alguma coisa que ele dissesse. ¹⁴ Estes se aproximaram dele e disseram: “Mestre, sabemos que és íntegro e que não te deixas influenciar por ninguém, porque não te prendes à aparência dos homens, mas ensinas o caminho de Deus conforme a verdade. É certo pagar imposto a César ou não? ¹⁵ Devemos pagar ou não?”

12.13 Mt 22.16; Mc 3.6; Mt 12.10

Mas Jesus, percebendo a hipocrisia deles, perguntou: “Por que vocês estão me pondo à prova? Tragam-me um denário^b para que eu o veja”. ¹⁶ Eles lhe trouxeram a moeda, e ele lhes perguntou: “De quem é esta imagem e esta inscrição?”

“De César”, responderam eles.

¹⁷ Então Jesus lhes disse: “Deem^c a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.^x

12.17 Rm 13.7

E ficaram admirados com ele.

A Realidade da Ressurreição (Mt 22.23-33; Lc 20.27-40)

¹⁸ Depois os saduceus,^y que dizem que não há ressurreição,^z aproximaram-se dele com a seguinte questão: ¹⁹ “Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se um homem morrer e deixar mulher sem filhos, seu irmão deverá casar-se com a viúva e ter filhos para seu irmão.^a ²⁰ Havia sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu sem deixar filhos. ²¹ O segundo casou-se com a viúva, mas também morreu sem deixar filhos. O mesmo aconteceu com o terceiro. ²² Nenhum dos sete deixou filhos. Finalmente, morreu também a mulher. ²³ Na ressurreição,^d de quem ela será esposa, visto que os sete foram casados com ela?”

12.18 Mt 4.1; Mt 23.8; 1Co 15.12 12.19 Dt 25.5

²⁴ Jesus respondeu: “Vocês estão enganados!, pois não conhecem as Escrituras^b nem o poder de Deus!²⁵ Quando os mortos ressuscitam, não se casam nem são dados em casamento, mas são como os anjos nos céus.^c ²⁶ Quanto à ressurreição dos mortos, vocês não leram no livro de Moisés, no relato da sarça, como Deus lhe disse: ‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó’?^d

12.24 Mt 23.15-17 12.25 1Co 15.42, 49, 52 12.26 Ex 3.6

²⁷ Ele não é Deus de mortos, mas de vivos. Vocês estão muito enganados!”

O Maior Mandamento (Mt 22.34-40)

²⁸ Um dos mestres da lei^e aproximou-se e os ouviu discutindo. Notando que Jesus lhes dera uma boa resposta, perguntou-lhe: “De todos os mandamentos, qual é o mais importante?”

12.28 Lc 10.25-28; 20.39

²⁹ Respondeu Jesus: “O mais importante é este: ‘Ouçã, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus, o Senhor é o único Senhor. ³⁰ Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu

12.30 Dt 6.4, 5

^a 12.10, 11 Sl 118.22, 23.

^b 12.15 O denário era uma moeda de prata equivalente à diária de um trabalhador braçal.

^c 12.17 Ou Devolvam.

^d 12.23 Alguns manuscritos acrescentam *quando ressuscitarem*.

^e 12.26 Ex 3.6.

12.13 Sobre os herodianos, ver nota em 3.6.

12.14 Era cobrado do povo um imposto pessoal ao imperador romano (ver “Impostos romanos”, em Rm 11). Esse imposto era muito impopular, e alguns judeus se recusavam a pagá-lo, acreditando que ao pagar estariam admitindo o direito romano de dominar sobre eles.

12.15 Para mais informações sobre o denário, ver notas em Mt 20.2; 22.19.

12.16 Ver “Tibério César, o imperador durante o ministério de Jesus”, em Lc 20; e “O culto imperial”, em Mc 12.

12.18 Para mais informações sobre os saduceus, ver nota em Mt 3.7. Os saduceus negavam a ressurreição (ver nota em Mt 22.23).

12.19 Ver nota em Mt 22.24.

12.28 Os rabinos computaram 613 regras individuais na Lei e tentavam distinguir os mandamentos “pesados” dos mandamentos “leves”.

12.29 Essa citação do AT tornou-se conhecida como *Shema*, termo tomado da primeira palavra hebraica de Dt 6.4, que quer dizer “ouça”. O *Shema* tornou-se a confissão de fé judaica, recitada por judeus piedosos todas as manhãs e noites. Hoje, sua recitação dá início a todas as cerimônias religiosas na sinagoga.

12.31 ^aLv 19.18;
Mt 5.43

12.32 ^bDt 4.35,39;
Is 45.6,14; 46.9

12.33 ^cSm 15.22;
Os 6.6; Mq 6.6-8;
Hb 10.8

12.34 ^dMt 3.2;
^eMt 22.46;
Lc 20.40

entendimento e de todas as suas forças^{a,f} 31 O segundo é este: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’^{b,g}. Não existe mandamento maior do que estes”.

32 “Muito bem, mestre”, disse o homem. “Estás certo ao dizeres que Deus é único e que não existe outro além dele.^h 33 Amá-lo de todo o coração, de todo o entendimento e de todas as forças, e amar ao próximo como a si mesmo é mais importante do que todos os sacrifícios e ofertas”ⁱ.

34 Vendo que ele tinha respondido sabiamente, Jesus lhe disse: “Você não está longe do Reino de Deus”.^j Daí por diante ninguém mais ousava lhe fazer perguntas.^k

^a 12.30 Dt 6.4,5.

^b 12.31 Lv 19.18.

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

O culto imperial

MARCOS 12 O culto imperial romano era essencialmente uma “religião” baseada na deificação dos imperadores romanos. Tinha suas origens em práticas orientais e gregas, nas

benefícios experimentados durante o período daquele governo. Não havia nenhuma expectativa de que o imperador deificado continuasse a intervir nos assuntos huma-

vel de execução. A confissão básica do NT de que “Jesus é Senhor” e as referências a Cristo como “Salvador” e o “Filho de Deus”, baseada na teologia judaico-cristã questionavam as arrogantes afirmações do culto imperial. O denário de prata² mencionado em Marcos 12.15 apresenta a imagem do imperador Tibério e a inscrição “Augusto Tibério César, filho do divino Augusto”, refletindo a deificação de Augusto e o desejo de Tibério de realçar sua relação filial com seu predecessor deificado.³

O culto imperial impôs um dilema aos primeiros cristãos do império. De um lado, o culto era fundamentalmente uma manifestação do anticristo; por outro lado, os cristãos eram instruídos a respeitar a instituição e o poder do governo (Rm 13). O dilema foi antecipado nos questionamentos judaicos sobre o

pagamento de impostos, e a resposta de Jesus apontou para um paradoxo da vida cristã: os crentes, apesar de estarem no mundo, não são do mundo.



Templo dedicado a César, perto da caverna do deus Pan, na Cesareia de Filipe

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

quais se declarava que os reis eram deuses. Os imperadores romanos eram geralmente deificados depois da morte, por um ato do Senado. A atribuição da deidade era vista como a mais elevada forma de gratidão e honra, e a participação no culto ao imperador era um modo religioso de expressar gratidão pelos

nos, e os sacrifícios também eram dedicados ao espírito que encarnava em seu sucessor.

O culto imperial tinha função religiosa e política, sendo um fator de unificação do império e também um teste de lealdade.¹ Recusar-se a participar no culto e a oferecer sacrifícios em honra do imperador era passí-

¹Ver “O Império Romano”, em Rm 4. ²Ver “Moedas e numismática”, em Lc 15. ³Ver “César Augusto, imperador de Roma; o censo; Quirino, governador da Síria”, em Lc 1; e “Tibério César, o imperador durante o ministério de Jesus”, em Lc 20.

O Cristo é Senhor de Davi (Mt 22.41-46; Lc 20.41-44)

³⁵ Ensinando no templo,¹ Jesus perguntou: “Como os mestres da lei dizem que o Cristo é filho de Davi?^m ³⁶ O próprio Davi, falando pelo Espírito Santo,ⁿ disse:

“O Senhor disse ao meu Senhor:
Senta-te à minha direita
até que eu ponha os teus inimigos
debaixo de teus pés”^{a,o}

³⁷ “O próprio Davi o chama ‘Senhor’. Como pode, então, ser ele seu filho?”

E a grande multidão^p o ouvia com prazer.

³⁸ Ao ensinar, Jesus dizia: “Cuidado com os mestres da lei. Eles fazem questão de andar com roupas especiais, de receber saudações nas praças ³⁹ e de ocupar os lugares mais importantes nas sinagogas e os lugares de honra nos banquetes.” ⁴⁰ Eles devoram as casas das viúvas, e, para disfarçar, fazem longas orações. Esses receberão condenação mais severa!”

A Oferta da Viúva (Lc 21.1-4)

⁴¹ Jesus sentou-se em frente do lugar onde eram colocadas^r as contribuições e observava a multidão colocando o dinheiro nas caixas de ofertas. Muitos ricos lançavam ali grandes quantias. ⁴² Então, uma viúva pobre chegou-se e colocou duas pequeninas moedas de cobre, de muito pouco valor^b.

⁴³ Chamando a si os seus discípulos, Jesus declarou: “Afirmando que esta viúva pobre colocou na caixa de ofertas mais do que todos os outros. ⁴⁴ Todos deram do que lhes sobrava; mas ela, da sua pobreza, deu tudo o que possuía para viver”.^s

O Sinal do Fim dos Tempos (Mt 24.1-35; Lc 21.5-37)

13 Quando ele estava saindo do templo, um de seus discípulos lhe disse: “Olha, Mestre! Que pedras enormes! Que construções magníficas!”

² “Você está vendo todas estas grandes construções?”, perguntou Jesus. “Aqui não ficará pedra sobre pedra; serão todas derrubadas.”^t

³ Tendo Jesus se assentado no monte das Oliveiras,^u de frente para o templo, Pedro, Tiago, João^v e André lhe perguntaram em particular: ⁴ “Dize-nos, quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal de que tudo isso está prestes a cumprir-se?”

⁵ Jesus lhes disse: “Cuidado, que ninguém os engane.”^w ⁶ Muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Sou eu!’ e enganarão a muitos. ⁷ Quando ouvirem falar de guerras e rumores de guerras, não tenham medo. É necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. ⁸ Nação se levantará contra nação, e reino contra reino. Haverá terremotos em vários lugares e também fomes. Essas coisas são o início das dores.

⁹ “Fiquem atentos, pois vocês serão entregues aos tribunais e serão açoitados nas sinagogas.^x Por minha causa vocês serão levados à presença de governadores e reis, como testemunho a eles. ¹⁰ E é

^a 12.36 Sl 110.1.

^b 12.42 Grego: 2 leptos, que valem 1 quadrante.

12.38-40 Jesus denunciou os mestres da lei: 1) eles usavam roupa especial — vestes longas ornadas com franjas que quase alcançavam o chão (ver “Orla [borda] dos mantos”, em Nm 15) — para distinguir-se dos outros e aumentar a própria autoridade; 2) eles se nutriam da admiração dos que detinham menos status; 3) usavam sua posição para se aproveitar dos fracos e oprimidos; 4) em vez de serem humildemente dirigidas a Deus, suas orações eram pronunciadas em voz alta para impressionar as pessoas ao redor (ver nota em Mt 2.4).

12.38 Sobre as múltiplas funções da agora, ou praça, ver nota em Mt 11.16,17; ver também “A agora antiga”, em At 16.

12.39 Na sinagoga, havia uma tribuna posicionada diante da “arca”, que continha os rolos sagrados. Os que se sentavam ali eram considerados cidadãos de elevada honra e podiam ser vistos por todos os adoradores. A grande sinagoga de Alexandria possuía 71 desses assentos, que eram ocupados por membros do Sinédrio daquela cidade.

12.40 Visto que os mestres da lei (ver nota em Mt 2.4) não recebiam salário, dependiam da generosidade de benfeitores para obter o próprio sustento. Esse sistema facilitava os abusos, e as viúvas eram especialmente vulneráveis à exploração.

12.41 A tesouraria do templo ficava no pátio das Mulheres, no lado leste do templo de Herodes. Homens e mulheres tinham permissão para entrar nesse pátio, porém as mulheres não podiam adentrar os edifícios

do templo. No pátio das Mulheres havia 13 receptáculos, dispostos como megafones invertidos e posicionados para receber as ofertas dos adoradores.

12.42 As menores moedas em circulação na Terra Santa eram de cobre (ver “Moedas e numismática”, em Lc 15).

13.1-37 Marcos é o evangelho da ação. Apenas uma mensagem mais longa de Jesus é registrada — o discurso do monte das Oliveiras resumido no capítulo 13. Marcos registra 18 milagres de Jesus, mais ou menos o número relatado por Mateus e Lucas. Entretanto, ele registra apenas 4 parábolas, comparando-se com as 18 de Mateus e 19 de Lucas.

13.1 De acordo com Josefo (*Antiguidades judaicas* 15.11.3), as “pedras enormes” eram brancas, e algumas delas mediam 11,3 metros de altura e 5,5 metros de largura (ver nota em Lc 21.5).

13.3 Para mais informações sobre o monte das Oliveiras, ver nota em 11.1.

13.8 Ver nota sobre a fome em Rt 1.1; ver também “Fome no antigo Oriente Médio”, em Gn 42.

13.9 Sobre os “tribunais”, ver nota em Mt 10.17.

A infração às leis judaicas era passível de açoitamento, sendo a pena máxima de 39 golpes com um chicote (para uma comparação com o açoitamento romano, ver nota em Mt 27.26). Para mais informações sobre a sinagoga, ver nota em Mc 1.21.

12.36 Mt 26.55;
Mt 9.27
12.36 +2Sm 23.2;
Sl 110.1;
Mt 22.44

12.37 Jo 12.9

12.39 Lc 11.43

12.41 2Rs 12.9;
Jo 8.20

12.44 2Co 8.12

13.2 Lc 19.44

13.3 +Mt 21.1;
+Mt 4.21

13.5 vv. 22;
Jr 29.8; Ef 5.6;
2Ts 2.3,10-12;
1Tm 4.1;
2Tm 3.13; 1Jo 4.6

13.9 +Mt 10.17

13.11 Mt 10.19;
20; Lc 12.11,12

13.12 Mt 7.6;
Mt 10.21;
Lc 12.51-53

13.13 Jo 15.21;
Mt 10.22

13.14 Dn 9.27;
11.31; 12.11

13.17 Lc 23.29

13.19 Mc 10.6;
Dn 9.26; 12.1;
Jl 2.2

13.21 Lc 17.23;
21.8

13.22 Mt 7.15;
Jo 4.48;
2Ts 2.9,10

13.23 2Pe 3.17

necessário que antes o evangelho seja pregado a todas as nações. ¹¹ Sempre que forem presos e levados a julgamento, não fiquem preocupados com o que vão dizer. Digam tão somente o que for dado a vocês naquela hora, pois não serão vocês que estarão falando, mas o Espírito Santo.^y

¹² “O irmão trairá seu próprio irmão, entregando-o à morte, e o mesmo fará o pai a seu filho. Filhos se rebelarão contra seus pais e os matarão.” ¹³ Todos odiarão vocês por minha causa;^a mas aquele que perseverar até o fim será salvo.^b

¹⁴ “Quando vocês virem ‘o sacrilégio terrível’⁴⁰ no lugar onde não deve estar — quem lê, entenda — então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes. ¹⁵ Quem estiver no telhado de sua casa não desça nem entre em casa para tirar dela coisa alguma. ¹⁶ Quem estiver no campo não volte para pegar seu manto. ¹⁷ Como serão terríveis aqueles dias para as grávidas e para as que estiverem amamentando!^d ¹⁸ Orem para que essas coisas não aconteçam no inverno. ¹⁹ Porque aqueles serão dias de tribulação como nunca houve desde que Deus criou o mundo^e até agora, nem jamais haverá.^f ²⁰ Se o Senhor não tivesse abreviado tais dias, ninguém sobreviveria^g. Mas, por causa dos eleitos por ele escolhidos, ele os abreviou. ²¹ Se, então, alguém disser: ‘Vejam, aqui está o Cristo!’ ou: ‘Vejam, ali está ele!’, não acreditem.^g ²² Pois aparecerão falsos cristos e falsos profetas^h que realizarão sinais e maravilhasⁱ para, se possível, enganar os eleitos. ²³ Por isso, fiquem atentos!^j avisei-os de tudo antecipadamente.

²⁴ “Mas, naqueles dias, após aquela tribulação,

“o sol escurecerá
e a lua não dará a sua luz;

²⁵ as estrelas cairão do céu
e os poderes celestes serão abalados.”^k

13.25 Is 13.10;
34.4; Mt 24.29

13.26 Dn 7.13;
Mt 16.27; Ap 1.7
13.27 2Co 2.6

²⁶ “Então verá o Filho do homem vindo nas nuvens^l com grande poder e glória. ²⁷ E ele enviará os seus anjos e reunirá os seus eleitos dos quatro ventos, dos confins da terra até os confins do céu.”^m

²⁸ “Aprendam a lição da figueira: Quando seus ramos se renovam e suas folhas começam a brotar, vocês sabem que o verão está próximo. ²⁹ Assim também, quando virem estas coisas acontecendo, saibam que ele está próximo, às portas. ³⁰ Eu asseguro a vocês que não passará esta geraçãoⁿ até que todas estas coisas aconteçam.^o ³¹ Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão.^p

13.30 Lc 17.25;
Mc 9.1
13.31 Mt 5.18

O Dia e a Hora São Desconhecidos (Mt 24.36-51)

13.32 Mt 1.7;
1Ts 5.1,2
13.33 1Ts 5.6
13.34 Mt 25.14

³² “Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai.^q ³³ Fiquem atentos!^r Vigiem!^d Vocês não sabem quando virá esse tempo. ³⁴ É como um homem que sai de viagem. Ele deixa sua casa, encarrega de tarefas cada um dos seus servos^s e ordena ao porteiro que vigie. ³⁵ Portanto, vigiem, porque vocês não sabem quando o dono da casa voltará: se à tarde, à meia-noite, ao cantar do galo ou ao amanhecer. ³⁶ Se ele vier de repente, que não os encontre dormindo! ³⁷ O que digo a vocês, digo a todos: Vigiem!”^t

13.37 Lc 12.35-40

Jesus é Ungido em Betânia (Mt 26.6-13; Jo 12.1-8)

14.1 Jo 11.55;
13.1; Mt 12.14

14 Faltavam apenas dois dias para a Páscoa^u e para a festa dos pães sem fermento. Os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei estavam procurando um meio de flagrar Jesus em algum erro^e e matá-lo.^v ² Mas diziam: “Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo”.

^a 13.14 Dn 9.27; 11.31; 12.11.

^b 13.20 Ou seria salvo.

^c 13.24,25 Is 13.10; 34.4.

^d 13.33 Alguns manuscritos acrescentam e orem!.

^e 14.1 Ou prender Jesus por meio de engano.

13.14 Para mais informações sobre o “sacrilégio terrível”, ver nota em Mt 24.15.

13.15 Sobre o “telhado”, ver notas em 2.4; Lc 17.31.

13.16 Sobre o “manto”, ver nota em Mt 5.40; ver também “Antigas roupas e joias israelitas”, em Is 3; e “Vestuário e moda no mundo greco-romano”, em Tg 3.

13.18 O inverno era a estação em que as chuvas pesadas ocasionavam volumosas correntes de água, impossíveis de cruzar, impedindo pessoas e animais de chegar a um lugar de refúgio.

13.28 Ver nota em 11.13.

13.32 Sobre o “dia”, ver nota em Jl 1.15.

13.35 Esse versículo registra as quatro vigílias da noite, de acordo com os romanos (ver nota em Mt 14.25).

14.1 Os cordeiros consumidos na Páscoa (ver “A Páscoa”, em 2Cr 30) eram mortos no dia 14 de nissã (março/abril), e a ceia era realizada na mesma noite, entre o pôr do sol e a meia-noite. Visto que o dia judaico começava com o pôr do sol, a festa da Páscoa acontecia no dia 15 de nissã. A festa dos pães sem fermento seguia a Páscoa e durava sete dias (ver “Festas de Israel”, em Lv 23; sobre os “chefes dos sacerdotes” e os “mestres da lei”, ver nota em Mt 2.4).

14.2 Durante a Páscoa e a longa semana da festa dos pães sem fermento, a população de Jerusalém aumentava de 50 mil, aproximadamente, para centenas de milhares. Teria sido muito arriscado prender Jesus na presença de uma multidão imensa e agitada.

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A “sala no andar superior” (cenáculo)



O mapa de Madaba

Preserving Bible Times, © dr. James C. Martin

MARCOS 14 A tradição cristã, apoiada por Cirilo de Jerusalém (ca. 310-386), afirma que o lugar da Santa Igreja de Sião, em Jerusalém, é o mesmo da “sala no andar superior” (o “cenáculo”). Isso pode estar correto, mas a história é complexa, e vários detalhes são discutidos pelos estudiosos.

Em primeiro lugar, não está claro se havia uma ou duas “salas superiores”. Marcos 14.15 e Lucas 22.12 falam de uma sala superior na qual a Última Ceia foi organizada,¹ mas Atos 1.13 usa uma palavra grega diferente para referir-se ao cômodo em que os discípulos se encontraram depois da ressurreição de Jesus. Mesmo assim, os dois quartos podem ter sido um só.

O local tradicional da sala superior na Santa Igreja de Sião é chamado “cenáculo” (lat. *cenaculum*). Fica localizado fora da cidade velha, perto da porta de Sião, e pode ser visto no mapa de Madaba (séc. VI), um

mosaico que retrata a Terra Santa. O cenáculo também é (erroneamente) chamado “tumba de Davi”.

A Santa Igreja de Sião sofreu sérios danos na guerra de 1948, e isso permitiu ao arqueólogo israelita Jacob Pinkerfeld investigar o local. Ele concluiu que havia uma sinagoga do período romano naquele mesmo lugar, argumentando que o edifício possuía um nicho que poderia ter sido um depósito para os rolos da Torá e que estava orientado na direção do monte do Templo. Os estudiosos cristãos entenderam que se tratava provavelmente de uma igreja judaico-cristã, construída depois da queda de Jerusalém (70 d.C.),² para comemorar o local da Última Ceia (a atual Santa Igreja de Sião é uma estrutura posterior construída no mesmo local). Eles perceberam que o edifício parece ter sido construído com pedras reutilizadas do templo destruído de Herodes,³ e que é

na verdade orientado para o Santo Sepulcro (implicando que os construtores eram cristãos). Desde então, vários estudiosos têm se inclinado para ambos os lados da questão, alguns favorecendo a interpretação da estrutura como uma sinagoga, outros concluindo que se trata de uma igreja. O debate também é complexo em razão dos comentários dos escritores antigos.

Ninguém está afirmando que o edifício verdadeiro no qual a Última Ceia aconteceu tenha sido localizado, apenas que as ruínas de uma igreja que comemorava essa localização foram escavadas. Devemos ressaltar que o debate aqui não gira em torno da historicidade do registro da Última Ceia: discute-se tão somente se a identificação tradicional é precisa ou não. O cenáculo tradicional ainda permanece o candidato mais forte.

¹Ver “A Última Ceia e a Páscoa”, em Mt. 26.²Ver “Josefo e a queda de Jerusalém”, em Mt. 24.³Ver “O templo de Herodes”, em Mc. 11.

14.3 ^aMt 21.17;
^bLc 7.37-39

³ Estando Jesus em Betânia,^a reclinado à mesa na casa de um homem conhecido como Simão, o leproso, aproximou-se dele certa mulher com um frasco de alabastro contendo um perfume muito caro, feito de nardo puro. Ela quebrou o frasco e derramou o perfume sobre a cabeça de Jesus.^x

⁴ Alguns dos presentes começaram a dizer uns aos outros, indignados: “Por que este desperdício de perfume? ⁵ Ele poderia ser vendido por trezentos denários^a, e o dinheiro ser dado aos pobres”. E eles a repreendiam severamente.

14.7 ^aDt 15.11

14.8 ^aJo 19.40

14.9 ^aMt 24.14;
Mc 16.15

14.10 ^aMt 3.16-
19; ^aMt 10.4

⁶ “Deixem-na em paz”, disse Jesus. “Por que a estão perturbando? Ela praticou uma boa ação para comigo. ⁷ Pois os pobres vocês sempre terão com vocês e poderão ajudá-los sempre que o desejarem.^y Mas a mim vocês nem sempre terão. ⁸ Ela fez o que pôde. Derramou o perfume em meu corpo antecipadamente, preparando-o para o sepultamento.^z ⁹ Eu asseguro que onde quer que o evangelho for anunciado, em todo o mundo,^a também o que ela fez será contado em sua memória.”

¹⁰ Então Judas Iscariotes, um dos Doze,^b dirigiu-se aos chefes dos sacerdotes a fim de lhes entregar Jesus.^c ¹¹ A proposta muito os alegrou, e lhe prometeram dinheiro. Assim, ele procurava uma oportunidade para entregá-lo.

A Ceia do Senhor (Mt 26.17-30; Lc 22.7-23; Jo 13.18-30)

14.12 ^aEx 12.1-11;
Dt 16.1-4; 1Co 5.7

¹² No primeiro dia da festa dos pães sem fermento, quando se costumava sacrificar o cordeiro pascal,^d os discípulos de Jesus lhe perguntaram: “Aonde queres que vamos e te preparemos a refeição da Páscoa?”

¹³ Então ele enviou dois de seus discípulos, dizendo-lhes: “Entrem na cidade, e um homem carregando um pote de água virá ao encontro de vocês. Sigam-no ¹⁴ e digam ao dono da casa em que ele entrar: O Mestre pergunta: Onde é o meu salão de hóspedes, no qual poderei comer a Páscoa com meus discípulos? ¹⁵ Ele mostrará uma ampla sala no andar superior,^e mobiliada e pronta. Façam ali os preparativos para nós”.

14.15 ^aMt 1.13

¹⁶ Os discípulos se retiraram, entraram na cidade e encontraram tudo como Jesus lhes tinha dito. E prepararam a Páscoa.

¹⁷ Ao anoitecer, Jesus chegou com os Doze. ¹⁸ Quando estavam comendo, reclinados à mesa, Jesus disse: “Digo que certamente um de vocês me trairá, alguém que está comendo comigo”.

¹⁹ Eles ficaram tristes e, um por um, lhe disseram: “Com certeza não sou eu!”

14.20 ^aJo 13.18-
27

14.21 ^aMt 8.20

²⁰ Afirmou Jesus: “É um dos Doze, alguém que come comigo do mesmo prato.^f ²¹ O Filho do homem^g vai, como está escrito a seu respeito. Mas aí daquele que trai o Filho do homem! Melhor lhe seria não haver nascido”.

14.22 ^aMt 14.19

²² Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o,^h e o deu aos discípulos, dizendo: “Tomem; isto é o meu corpo”.

14.23 ^a1Co 10.16

14.24 ^aMt 26.28

²³ Em seguida tomou o cálice, deu graças, ofereceu-o aos discípulos, e todos beberam.ⁱ

²⁴ E disse-lhes: “Isto é o meu sangue da aliança^{b,j}, que é derramado em favor de muitos.

14.25 ^aMt 3.2

²⁵ Eu afirmo que não beberei outra vez do fruto da videira, até aquele dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus”.^k

^a 14.5 O denário era uma moeda de prata equivalente à diária de um trabalhador braçal.

^b 14.24 Alguns manuscritos trazem *da nova aliança*.

14.3 Para mais informações sobre Betânia, ver nota em Mt 21.17; ver também “Betânia e o túmulo de Lázaro”, em Jo 11.

A postura habitual para comer num banquete era reclinado à mesa (ver “Refeições judaicas e costumes relativos às refeições”, em Mt 9; e “O triclinio”, em Jo 13).

O frasco de alabastro era um vaso fechado com um pescoço longo, que era quebrado ao se utilizar o conteúdo. Continha perfume suficiente para uma aplicação.

O nardo é um óleo aromático extraído das raízes de uma erva perene que cresce na Índia. Era excessivamente caro (ver “Perfumes e óleos de unção”, em Jo 12). A unção era um costume comum nas festas.

14.5 Era um costume judaico dar presentes para os pobres na noite de Páscoa.

14.8 Outro costume judaico era ungir o corpo de um morto com óleos aromáticos, como preparação para o enterro (ver notas em 16.1; Mt 26.12; ver também “Práticas judaicas relativas ao sepultamento”, em Lc 9; e “Perfumes e óleos de unção”, em Jo 12).

14.10 Sobre o nome Iscariotes, ver nota em Mc 3.19; sobre os “chefes dos sacerdotes”, ver nota em Mt 2.4.

14.11 Sobre o “dinheiro”, ver nota em Mt 26.15.

14.12 Os preparativos para a festa teriam incluído a obtenção da comida e bebida para a ceia, como pão sem fermento, vinho, ervas amargas e um cordeiro.

14.15 A palavra grega *katalyma*, traduzida por “sala no andar superior”, na qual a Última Ceia foi organizada, e também para o lugar em Belém que

recusou pousada a José e Maria (Lc 2.7), provavelmente era um quarto de reserva numa casa particular, em vez de uma hospedaria pública. As pessoas que afluíam em grande número a Jerusalém para participar das festas anuais eram hospedadas nesses cômodos sem nenhum custo. Aparentemente, Jesus fizera os arranjos prévios com o dono da casa (para mais informações sobre a “sala no andar superior”, ver nota em Jr 22.13,14; ver também “A ‘sala no andar superior’ (cenáculo)”, em Mc 14).

14.18 Originalmente, a refeição da Páscoa era comida de pé (ver Ex 12.11), mas na época de Jesus já era hábito comer reclinado (ver “Refeições judaicas e costumes relativos às refeições”, em Mt 9; e “O triclinio”, em Jo 13).

14.20 Ver nota em Mt 26.23.

14.22 Nas refeições judaicas, o chefe da família tomava o pão a ser comido, erguia-o e glorificava a Deus pela provisão. Depois da resposta — “Amém!” —, o pão era repartido, e os participantes eram abençoados. O mesmo acontecia com o vinho. Ao declarar: “Isto é o meu corpo”, Jesus estava dizendo: “Isto sou eu mesmo”. Para as pessoas ao redor da mesa, o corpo representava ou abrangia a pessoa inteira. Marcos esclarece esse fato, afirmando que todos os presentes beberam de um mesmo cálice. Beber do cálice de outra pessoa significava entrar em comunhão com aquela pessoa, a ponto de compartilhar seu destino, para o bem ou para o mal.

14.23 A palavra “eucaristia”, usada para se referir à ceia do Senhor, deriva do termo grego aqui traduzido por “deu graças”.

14.24 Sobre o “sangue da aliança”, ver “A Última Ceia e a Páscoa”, em Mt 26.

²⁶ Depois de terem cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras.¹

14.26 Mt 21.1

Jesus Prediz que Pedro o Negará (Mt 26.31-35; Lc 22.31-34; Jo 13.36-38)

²⁷ Disse-lhes Jesus: “Vocês todos me abandonarão. Pois está escrito:

14.27 Zc 13.7

“Ferirei o pastor,
e as ovelhas serão dispersas”.^{a,m}

²⁸ Mas, depois de ressuscitar, irei adiante de vocês para a Galileia”.ⁿ

14.28 Mc 16.7

²⁹ Pedro declarou: “Ainda que todos te abandonem, eu não te abandonarei!”

³⁰ Respondeu Jesus: “Asseguro que ainda hoje, esta noite, antes que duas vezes^b cante o galo, três vezes você me negará”.^o

14.30 Mt 26.75;
Lc 22.34; Jo 13.38

³¹ Mas Pedro insistia ainda mais: “Mesmo que seja preciso que eu morra contigo,^p nunca te negarei”. E todos os outros disseram o mesmo.

14.31 Lc 22.33;
Jo 13.37

Jesus no Getsêmani (Mt 26.36-46; Lc 22.39-46)

³² Então foram para um lugar chamado Getsêmani, e Jesus disse aos seus discípulos: “Sentem-se aqui enquanto vou orar”. ³³ Levou consigo Pedro, Tiago e João,^q e começou a ficar aflito e angustiado. ³⁴ E lhes disse: “A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal! Fiquem aqui e vigiem”.

14.33 Mt 4.21

14.34 Jo 12.27

³⁵ Indo um pouco mais adiante, prostrou-se e orava para que, se possível, fosse afastada dele aquela hora.^s ³⁶ E dizia: “*Aba*, Pai,^t tudo te é possível. Afasta de mim este cálice;^u contudo, não seja o que eu quero, mas sim o que tu queres”.^v

14.35 Mt 26.41;
Mc 14.36;
Lc 22.42;
Jo 14.30;
At 1.6;
Rm 8.26;
1Co 12.13

³⁷ Então, voltou aos seus discípulos e os encontrou dormindo. “Simão”, disse ele a Pedro, “você está dormindo? Não pôde vigiar nem por uma hora? ³⁸ Vigiem e orem para que não caiam em tentação.”^w O espírito está pronto, mas a carne é fraca.”^x

14.38 Mt 6.13;
Rm 7.22,23

³⁹ Mais uma vez ele se afastou e orou, repetindo as mesmas palavras. ⁴⁰ Quando voltou, de novo os encontrou dormindo, porque seus olhos estavam pesados. Eles não sabiam o que lhe dizer.

⁴¹ Voltando pela terceira vez, ele lhes disse: “Vocês ainda dormem e descansam? Basta! Chegou a hora! Eis que o Filho do homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores. ⁴² Levantem-se e vamos! Aí vem aquele que me trai!”

14.41 Mt 26.35;
Mc 14.41

Jesus é Preso (Mt 26.47-56; Lc 22.47-53; Jo 18.1-11)

⁴³ Enquanto ele ainda falava, apareceu Judas,^z um dos Doze. Com ele estava uma multidão armada de espadas e varas, enviada pelos chefes dos sacerdotes, mestres da lei e líderes religiosos.

14.43 Mt 10.4

⁴⁴ O traidor havia combinado um sinal com eles: “Aquele a quem eu saudar com um beijo, é ele: prendam-no e levem-no em segurança”. ⁴⁵ Dirigindo-se imediatamente a Jesus, Judas disse: “Mestre!”,^a e o beijou. ⁴⁶ Os homens agarraram Jesus e o prenderam. ⁴⁷ Então, um dos que estavam por perto puxou a espada e feriu o servo do sumo sacerdote, decepando-lhe a orelha.

14.45 Mt 23.7

⁴⁸ Disse Jesus: “Estou eu chefiando alguma rebelião, para que vocês venham me prender com espadas e varas? ⁴⁹ Todos os dias eu estive com vocês, ensinando no templo,^b e vocês não me prenderam. Mas as Escrituras precisam ser cumpridas”.^c ⁵⁰ Então todos o abandonaram e fugiram.^d

14.49 Mt 26.55;
Lc 22.53,54;
Jo 18.22;
At 1.22;
Rm 13.12

^o 14.27 Zc 13.7.

^b 14.30 Alguns manuscritos não trazem *duas vezes*.

^c 14.36 Termo aramaico para *Pai*.

14.26 Para mais informações sobre o “hino”, ver nota em Mt 26.30; sobre o monte das Oliveiras, ver nota em Mc 11.1.

14.32 Para mais informações sobre o Getsêmani, ver nota em Mt 26.36-37.

14.36 Sobre o uso do idioma aramaico na época do NT, ver nota em Mt 27.46.

14.43 A “multidão armada de espadas e varas” é a polícia auxiliar, os servos da corte designados para manter a ordem fora dos limites do templo. João 18.3 indica que pelo menos alguns soldados da corte romana faziam parte do grupo que prendeu Jesus, além dos oficiais da guarda do templo.

O fato de alguns estarem portando varas indica que foram recrutados no último momento.

Para mais informações sobre os “chefes dos sacerdotes” e os “mestres da lei”, ver nota em Mt 2.4. A autorização para prender Jesus foi emitida pelo Sinédrio (ver nota em Mc 14.55), o principal conselho judaico.

14.45 O beijo, como sinal de confiança e afeto mútuos, ainda é comum no Oriente Médio, correspondendo ao aperto de mão do mundo ocidental. Os rabinos eram costumeiramente cumprimentados pelos discípulos com um beijo (ver “O costume judaico do beijo”, em Lc 7).
14.49 Sobre os pátios do templo, ver nota em Mt 21.23.

⁵¹ Um jovem, vestindo apenas um lençol de linho, estava seguindo Jesus. Quando tentaram prendê-lo, ⁵² ele fugiu nu, deixando o lençol para trás.

Jesus diante do Sinédrio

⁵³ Levaram Jesus ao sumo sacerdote; e então se reuniram todos os chefes dos sacerdotes, os líderes religiosos e os mestres da lei. ⁵⁴ Pedro o seguiu de longe até o pátio do sumo sacerdote.^a Sentando-se ali com os guardas, esquentava-se junto ao fogo.^f

⁵⁵ Os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio⁴⁹ estavam procurando depoimentos contra Jesus, para que pudessem condená-lo à morte, mas não encontravam nenhum. ⁵⁶ Muitos testemunharam falsamente contra ele, mas as declarações deles não eram coerentes.

⁵⁷ Então se levantaram alguns e declararam falsamente contra ele: ⁵⁸ “Nós o ouvimos dizer: ‘Destruirei este templo feito por mãos humanas e em três dias construirei outro,^h não feito por mãos de homens’”. ⁵⁹ Mas, nem mesmo assim, o depoimento deles era coerente.

⁶⁰ Depois o sumo sacerdote levantou-se diante deles e perguntou a Jesus: “Você não vai responder à acusação que estes fazem sobre você?” ⁶¹ Mas Jesus permaneceu em silêncio e nada respondeu.^l

Outra vez o sumo sacerdote lhe perguntou: “Você é o Cristo, o Filho do Deus Bendito?”^j

⁶² “Sou”, disse Jesus. “E vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso vindo com as nuvens do céu.”^k

⁶³ O sumo sacerdote, rasgando as próprias vestes,^l perguntou: “Por que precisamos de mais testemunhas? ⁶⁴ Vocês ouviram a blasfêmia. Que acham?”

Todos o julgaram digno de morte.^m ⁶⁵ Então alguns começaram a cuspir nele; vendaram-lhe os olhos e, dando-lhe murros, diziam: “Profetize!” E os guardas o levaram, dando-lhe tapas.ⁿ

Pedro Nega Jesus (Mt 26.69-75; Lc 22.54-62; Jo 18.15-18,25-27)

⁶⁶ Estando Pedro embaixo, no pátio,^o uma das criadas do sumo sacerdote passou por ali. ⁶⁷ Vendo Pedro a aquecer-se,^p olhou bem para ele e disse:

“Você também estava com Jesus, o Nazareno”.^q

⁶⁸ Contudo ele o negou, dizendo: “Não o conheço, nem sei do que você está falando”.^r E saiu para o alpendre.^s

⁶⁹ Quando a criada o viu lá, disse novamente aos que estavam por perto: “Esse aí é um deles”.

⁷⁰ De novo ele negou.^s

Pouco tempo depois, os que estavam sentados ali perto disseram a Pedro: “Certamente você é um deles. Você é galileu!”^t

⁷¹ Ele começou a se amaldiçoar e a jurar: “Não conheço o homem de quem vocês estão falando!”^u

⁷² E logo o galo cantou pela segunda vez.^v Então Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe tinha dito: “Antes que duas vezes^d cante o galo, você me negará três vezes”.^v E se pôs a chorar.

^a 14.55 Conselho dos principais líderes do povo judeu.

^b 14.68 Muitos manuscritos acrescentam e o galo cantou.

^c 14.72 Alguns manuscritos não trazem pela segunda vez.

^d 14.72 Alguns manuscritos não trazem duas vezes.

14.51 A peça de vestuário externa era geralmente feita de lã. O lençol de linho, deixado para trás na mão do guarda, indica que o jovem era de família rica (ver “Antigas roupas e joias israelitas”, em Is 3; e “Vestuário e moda no mundo greco-romano”, em Tg 3).

14.52 A ausência da roupa de baixo sugere que ele se vestira apressadamente para seguir Jesus.

14.53 O sumo sacerdote era Caifás (ver nota em Mt 26.3).

Para mais informações sobre os “chefes dos sacerdotes” e os “mestres da lei”, ver nota em Mt 2.4; sobre os “líderes religiosos”, ver nota em Mt 21.23.

14.54 O Sinédrio (ver “O Sinédrio”, em At 23) pode ter se reunido na casa de Caifás, para assegurar o sigilo.

14.55 O Sinédrio era a corte suprema dos judeus. Nos tempos do NT, era composto de três tipos de membros: os chefes dos sacerdotes, os anciãos e os mestres da lei. O número total de membros era de 71, contando-se o sumo sacerdote, o oficial que o presidia. Sob a jurisdição romana, foi dada ao Sinédrio muita autoridade, mas ele não podia aplicar a pena de morte (para mais informações sobre os “chefes dos sacerdotes” e os “mestres da lei”, ver nota em Mt 2.4; sobre os “líderes religiosos”, ver nota em Mt 21.23.)

14.56 No processo judicial judaico, as testemunhas agiam como promotores. De acordo com a Lei (Dt 17.6), só se podia condenar alguém à morte pelo depoimento de duas ou mais testemunhas.

14.63 Ver nota em Mt 26.65.

14.64 A blasfêmia não envolvia apenas o desrespeito ao nome de Deus (ver Lv 24.10-16), mas também qualquer afronta à sua majestade ou autoridade (ver Mc 2.7; 3.28,29). O fato de Jesus alegar ser o Messias e, assim, detentor de majestade e autoridade que são exclusivas de Deus, foi considerado blasfêmia por Caifás, crime para o qual a Lei mosaica prescrevia a morte por apedrejamento (Lv 24.16).

14.65 Uma interpretação rabínica de Is 11.2-4 afirma que o Messias era capaz de julgar pelo olfato, sem a ajuda da visão.

14.67 Para mais informações sobre o nome Nazareno, ver nota em Mt 2.23.

O fogo perto do qual Pedro se aquecia durante a prisão de Jesus era provavelmente um brasero (ver nota em Jr 36.22).

14.68 A resposta de Pedro era uma expressão usada nos tribunais judaicos para a negação formal e legal.

14.70 O sotaque de Pedro mostrou que ele era da Galileia, e sua presença entre os judeus no pátio indicava que ele era um seguidor de Jesus.

Jesus diante de Pilatos

15 De manhã bem cedo, os chefes dos sacerdotes com os líderes religiosos, os mestres da lei^w e todo o Sinédrio^{ax} chegaram a uma decisão. Amarrando Jesus, levaram-no e o entregaram a Pilatos.^y

15.1 • Mt 27.1;
Lc 22.66; Mt 5.22;
Mt 27.2

• 15.1 Conselho dos principais líderes do povo judeu; também no versículo 43.

15.1 O Sinédrio (ver nota em 14.55) aparentemente acusou Jesus diante da autoridade civil por traição, não por blasfêmia (ver Lc 23.1-14). Para

mais informações sobre Pilatos, ver nota em Lc 3.1; ver também "Pôncio Pilatos", em Lc 23.

TEXTOS E ARTEFATOS ANTIGOS

A controvérsia em torno do sudário de Turim

MARCOS 15 Nenhum outro objeto na história da erudição tem sido tema de tanto debate e estudo quanto o Santo Sudário (ou sudário de Turim). Essa peça de tecido de linho contém as imagens anteriores e posteriores de um homem aparentemente crucificado ao estilo romano.¹ Os ferimentos correspondem aos que foram sofridos por Jesus. Os proponentes argumentam que se trata da mortalha real de Cristo, enquanto os oponentes veem na peça uma farsa engenhosa.

A história do Santo Sudário

Os detalhes históricos básicos, como os conhecemos, são os seguintes:

- ✦ Sabe-se que o sudário apareceu pela primeira vez na França, na década de 1350. O proprietário morreu em 1356 sem revelar onde ou como adquiriu a peça.
- ✦ Em 1532, um incêndio danificou o tecido, e alguns remendos foram acrescentados.
- ✦ Está guardado em Turim desde 1578.
- ✦ Alguns acreditam que o sudário é igual ao Mandilion, relíquia sagrada de Constantinopla da qual se dizia conter a impressão divina e milagrosa da face de Jesus.

Conta-se que o Mandilion foi descoberto em 525, em Edessa, na Turquia Oriental. Ele foi encontrado na capital **bizantina** em 944.

A mortalha desapareceu de Constantinopla em 1204, quando um exército de cruzados saqueou a cidade. Os líderes da

expedição eram franceses, o que pode explicar a jornada da mortalha até o Ocidente.

Fatos essenciais sobre o Santo Sudário

A mortalha é uma tira de pano feito de linho que mede 4,3 metros por 1,1 metro. A figura no tecido está nua, com as mãos dobradas sobre a área pélvica. O rosto tem barba, e o corpo mede entre 1,80 e 1,90 metro de altura. O tecido contém várias características extraordinárias:

- ✦ As manchas púrpuras podem ser de sangue.
- ✦ Pedacos de louça ou moedas podem ter coberto os olhos. Alguns argumentam que o contorno de uma moeda do tempo de Pôncio Pilatos está impressa ali,² mas o tecido é tão grosseiro e a imagem tão indistinta que a verificação é difícil.
- ✦ A imagem é pouco nítida vista de perto, e só se percebe um contorno grosseiro a uma distância maior. Entretanto, quando fotografado e visto no negativo, o sudário revela uma imagem clara, formada de tal modo que a reconstrução tridimensional da aparência de um homem se torna possível.
- ✦ Diz-se que a imagem na superfície do tecido não está a mais de duas fibrilas (filamentos ou fibras) de profundidade.
- ✦ O sudário não foi pintado, mas sem dúvida alguns dos fios foram alterados para produzir a imagem. Os defensores de sua autenticidade sugerem que, no momento da ressurreição, o corpo Jesus irradiou energia e fixou sua imagem no sudário.

✦ Os traços dos açoitamentos no corpo combinam perfeitamente com um açoitamento romano. As mais de cem marcas de açoitamentos evidentes na imagem têm a forma de *halteres* (extremidades com bolinhas de metal ou pedaços de ossos), também compatível com o flagelo romano.

✦ Os ombros exibem esfoladuras, que seriam normais, caso a vítima tenha carregado a barra transversal de uma cruz.

✦ Estudos sobre a terra e o pólen, preservados nas fibras, indicam que o pano é originário de Jerusalém ou de um lugar próximo.

Fatos recentes

Os defensores da autenticidade do Santo Sudário argumentam que ninguém na Idade Média teria capacidade para criar uma peça como essa de modo proposital. Em 1988, porém, os cientistas britânicos liberaram os resultados do teste de carbono 14, que datou o tecido entre 1260 e 1390. Julgou-se o sudário como uma fraude, contudo outros investigadores argumentaram que a amostra usada no teste foi retirada de uma parte do sudário que havia sido conservada, não do tecido original.

Em 2002, o sudário passou por restaurações substanciais, inclusive a remoção do conserto de 1532. Alguns investigadores temem que esse processo limite ou invalide qualquer verificação posterior. O enigma do sudário continua. Permanece como um dos mais significativos artefatos arqueológicos encontrados até hoje ou como uma das falsificações mais engenhosas da História.

¹Ver "A crucificação", em Jo 19. ²Ver "Pôncio Pilatos", em Lc 23.

15.2 v. 9, 12, 18, 26; Mt 2.2

² “Você é o rei dos judeus?”^z perguntou Pilatos.

^a “Tu o dizes”^a, respondeu Jesus.

³ Os chefes dos sacerdotes o acusavam de muitas coisas. ⁴ Então Pilatos lhe perguntou novamente: “Você não vai responder? Veja de quantas coisas o estão acusando”.

15.5 Mc 14.61

⁵ Mas Jesus não respondeu nada,^a e Pilatos ficou impressionado.

⁶ Por ocasião da festa, era costume soltar um prisioneiro que o povo pedisse. ⁷ Um homem chamado Barrabás estava na prisão com os rebeldes que haviam cometido assassinato durante uma rebelião.

⁸ A multidão chegou e pediu a Pilatos que lhe fizesse o que costumava fazer.

15.9 v. 2

⁹ “Vocês querem que eu solte o rei dos judeus?”^b perguntou Pilatos, ¹⁰ sabendo que fora por inveja que os chefes dos sacerdotes lhe haviam entregado Jesus. ¹¹ Mas os chefes dos sacerdotes incitaram a multidão a pedir que Pilatos, ao contrário, soltasse Barrabás.^c

15.11 At 3.14

¹² “Então, que farei com aquele a quem vocês chamam rei dos judeus?”, perguntou-lhes Pilatos.

¹³ “Crucifica-o!”, gritaram eles.

¹⁴ “Por quê? Que crime ele cometeu?”, perguntou Pilatos.

Mas eles gritavam ainda mais: “Crucifica-o!”

15.15 Mc 53.6

¹⁵ Desejando agradar a multidão, Pilatos soltou-lhes Barrabás, mandou açoitá-lo e entregou para ser crucificado.

Os Soldados Zombam de Jesus (Mt 27.27-31)

15.16 Jo 18.28, 33; 19.9

¹⁶ Os soldados levaram Jesus para dentro do palácio,⁹ isto é, ao Pretório^b, e reuniram toda a tropa.

¹⁷ Vestiram-no com um manto de púrpura, depois fizeram uma coroa de espinhos e a colocaram nele.

15.18 v. 2

¹⁸ E começaram a saudá-lo: “Salve, rei dos judeus!”^f ¹⁹ Batiam-lhe na cabeça com uma vara e cuspiam nele. Ajoelhavam-se e lhe prestavam adoração. ²⁰ Depois de terem zombado dele, tiraram-lhe o manto de púrpura e vestiram-lhe suas próprias roupas. Então o levaram para fora,⁹ a fim de crucificá-lo.

15.20 Hb 13.12

A Crucificação (Mt 27.32-44; Lc 23.26-43; Jo 19.16-27)

15.21 Mt 27.32; Rm 16.13; Mt 27.32; Lc 23.26; 15.23 v. 36; Sl 69.21; Pv 31.6; 15.24 Sl 22.18

²¹ Certo homem de Cirene,^h chamado Simão, pai de Alexandre e de Rufo,ⁱ passava por ali, chegando do campo. Eles o forçaram a carregar a cruz.^j ²² Levaram Jesus ao lugar chamado Gólgota, que quer dizer lugar da Caveira. ²³ Então lhe deram vinho misturado com mirra,^k mas ele não o bebeu. ²⁴ E o crucificaram. Dividindo as roupas dele, tiraram sortes^l para saber com o que cada um iria ficar.

* 15.2 Ou “Sim, é como dizes”.

* 15.16 Residência oficial do governador romano.

15.2 O julgamento num tribunal romano era de responsabilidade exclusiva do magistrado imperial. O governador romano não teria posto a vida de um judeu em julgamento por uma simples acusação de blasfêmia religiosa (ver 14.61-64). Assim, os chefes dos sacerdotes apresentaram as acusações contra Jesus de um modo que Pilatos os levasse a sério. Se Jesus reivindicava ser rei, então era culpado de crime contra Roma.

15.4 Se Jesus não apresentasse nenhuma defesa, Pilatos teria de se pronunciar contra ele, de acordo com a lei romana.

15.6 Sobre o “costume”, ver nota em Jo 18.39.

15.7 Barrabás era provavelmente um membro dos zelotes, grupo revolucionário judaico (ver “Os zelotes e os essênios”, em Mt 10).

A “rebelião” mencionada aqui é desconhecida de outras fontes, embora Marcos se expresse como se fosse bem conhecida. Sob a administração dos governadores romanos, tais revoltas eram comuns (ver “O período intertestamental”, em Mt 3; “Os zelotes e os essênios”, em Mt 10; “Os sucessores de Herodes e as conturbadas relações entre Roma e os judeus”, em Mc 4).

15.15 Para mais informações sobre Barrabás, ver notas no versículo 7; Mt 27.16; sobre a prática dos açoitamentos, ver nota em Mt 27.26.

15.16 Para mais informações sobre o Pretório, ver nota em Mt 27.27. Os soldados ajoelhados no Pretório eram recrutados dentre os habitantes não judeus da Terra Santa e designados para servir o governante militar.

15.17 Ver nota em Mt 27.28-31.

15.21 Para mais informações sobre Cirene, ver nota em At 6.9. Simão provavelmente era um judeu que estava em Jerusalém para celebrar a Páscoa. A Bíblia contém várias referências a cidades/regiões que fazem parte do moderno continente africano. O Egito figura de forma destacada na história do AT, e a Etiópia é mencionada algumas vezes (e.g., Is 45.14; Jr 13.23). No Egito do NT, a cidade grega de Alexandria (At 18.24), Etiópia (At 8.27) e a cidade portuária de Cirene (a Líbia moderna) são mencionadas primeiramente por causa da colonização judaica ali.

O próprio Jesus esteve no Egito (Mt 2.13,14), e muitos judeus da África estavam presentes no dia de Pentecostes (At 2.10).

Os condenados à morte eram geralmente forçados a carregar uma viga da própria cruz, que pesava entre 13 a 18 quilos, para o lugar da crucificação (ver “A crucificação”, em Jo 19).

15.22 O “lugar da Caveira” pode ter sido uma colina pequena que se parecia com um crânio, ou talvez fosse chamado assim por causa das muitas execuções que aconteciam ali. Os Evangelhos e a tradição não concordam quanto à sua localização. Mateus (Mt 27.33) e Marcos localizam o lugar fora da cidade, porém perto dela (Jo 19.20), numa via pública — o tipo de local normalmente escolhido pelos romanos para as execuções. A tradição situa o lugar dentro da cidade atual de Jerusalém.

15.23 O vinagre com que estamos familiarizados é um líquido amargo, obtido por fermentação da cidra, mas nos tempos bíblicos era feito de vinho. Os nazireus abstinham-se de bebê-lo (Nm 6.3), e era usado como condimento no pão (Rt 2.14). Sua ação nos dentes (Pv 10.26) e sua eferescência nas bebidas com gás (Pv 25.20) são mencionadas por Salomão. Na crucificação de Jesus, foi-lhe oferecido vinagre (NVI “vinho”) misturado com fel ou com mirra, tempero derivado de plantas originárias dos desertos árabes e de partes da África (ver também Mt 27.34), em cumprimento a Sl 69.21, porém ele recusou. Depois lhe foi oferecida uma mistura de água e vinagre numa esponja (Mt 27.48; ver nota em Mc 15.36), bebida popular entre os pobres e usada pelos soldados romanos quando estavam acampados (ver “Vinho e bebida alcoólica no mundo antigo”, em 1Pe 4).

15.24 A crucificação era um dos meios romanos de execução, no qual o prisioneiro era pregado (ou amarrado) a uma cruz (ver nota em Jo 19.17). Se o método para segurar a vítima era pregá-la, cravavam-se pregos grandes de ferro forjado nos pulsos e nos ossos dos calcanhares. Os arqueólogos descobriram perto de Jerusalém os ossos de um homem crucificado, datado entre 7 e 66 d.C., que lança luz sobre a posição da pessoa pregada na cruz. Só os escravos, os criminosos mais vis e os condenados que não fossem cidadãos romanos eram executados dessa

²⁵ Eram nove horas da manhã quando o crucificaram. ²⁶ E assim estava escrito na acusação contra ele: O REI DOS JUDEUS. ²⁷ Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda, ²⁸ e cumpriu-se a Escritura que diz: “Ele foi contado entre os transgressores”^a. ²⁹ Os que passavam lançavam-lhe insultos, balançando a cabeça^b e dizendo: “Ora, você que destrói o templo e o reedificava em três dias, ³⁰ desça da cruz e salve-se a si mesmo!”

³¹ Da mesma forma, os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei zombavam dele^c entre si, dizendo: “Salvou os outros, mas não é capaz de salvar a si mesmo! ³² O Cristo, o Rei de Israel... Desça da cruz, para que o vejamos e creiamos!” Os que foram crucificados com ele também o insultavam.

A Morte de Jesus (Mt 27.45-56; Lc 23.44-49; Jo 19.28-30)

³³ E houve trevas sobre toda a terra, do meio-dia às três horas da tarde^{b, 34} Por volta das três horas da tarde, Jesus bradou em alta voz: “Eloí, Eloí, lamá sabactâni?”, que significa “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”^d

³⁵ Quando alguns dos que estavam presentes ouviram isso, disseram: “Ouçam! Ele está chamando Elias”.

³⁶ Um deles correu, embebeu uma esponja em vinagre,^e colocou-a na ponta de uma vara e deu-a a Jesus para beber. E disse: “Deixem-no. Vejamos se Elias vem tirá-lo daí”.

³⁷ Mas Jesus, com um alto brado, expirou.^f

³⁸ E o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo.^{g, 39} Quando o centurião^x que estava em frente de Jesus ouviu o seu brado ^e viu como ele morreu, disse: “Realmente este homem era o Filho de Deus!”^y

⁴⁰ Algumas mulheres estavam observando de longe.^z Entre elas estavam Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, o mais jovem, e de José.^{a, 41} Na Galileia elas tinham seguido e servido a Jesus. Muitas outras mulheres que tinham subido com ele para Jerusalém também estavam ali.^b

O Sepultamento de Jesus (Mt 27.57-61; Lc 23.50-56; Jo 19.38-42)

⁴² Era o Dia da Preparação, isto é, a véspera do sábado.^{c, 43} José de Arimateia, membro de destaque do Sinédrio,^d que também esperava o Reino de Deus,^e dirigiu-se corajosamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. ⁴⁴ Pilatos ficou surpreso ao ouvir que ele já tinha morrido. Chamando o centurião, perguntou-lhe se Jesus já tinha morrido. ⁴⁵ Sendo informado pelo centurião,^f entregou o corpo a José.

^a 15.28 Is 53.12.

^b 15.33 Grego: da hora sexta até a hora nona.

^c 15.34 Sl 22.1.

^d 15.39 Alguns manuscritos não trazem *ouviu o seu brado e*.

maneira. Os escritores do século I descrevem vividamente a agonia e a desgraça de ser crucificado. A crucificação fora praticada em épocas anteriores, principalmente em tempos de guerra, pelos fenícios, cartagineses e egípcios (ver “A crucificação”, em Jo 19).

A agonia da vítima crucificada era provocada por vários fatores, e o primeiro era a natureza dolorosa, mas não fatal, dos ferimentos causados. O segundo fator a contribuir para o sofrimento era a posição anormal do corpo. O movimento mais leve provocava uma tortura adicional e excruciante. O terceiro fator era a febre traumática causada pelo longo tempo de suspensão.

Qual a razão física para a morte de Jesus? Estudos médicos recentes procuraram a resposta para essa pergunta. Quando a pessoa é suspensa pelas mãos, o sangue desce rapidamente para as extremidades inferiores do corpo. Seis a doze minutos depois, a pressão sanguínea cai pela metade, enquanto a frequência do pulso dobra. O coração é privado de sangue, e segue-se a perda dos sentidos. A morte na crucificação, portanto, tinha como causa a parada cardíaca. As vítimas geralmente só morriam após dois ou três dias, por isso a morte às vezes era acelerada pelo *crucifragium* — a fratura das pernas (cf. Jo 19.33). Às vezes, acendia-se um fogo embaixo da cruz, de modo que a fumaça sufocasse o condenado.

Era o direito do grupo de executores reivindicar as posses menores da vítima. As roupas de Jesus provavelmente consistiam de vestimenta de baixo, uma veste exterior, um cinto, sandálias e possivelmente uma cobertura para a cabeça. Ver “Lançando sortes”, em Jó 6.

15.25 A “hora terceira” corresponde às nove horas da manhã (ver nota em Lc 23.44).

15.26 Costumava-se escrever a acusação numa tábua de madeira, que era carregada à frente à vítima enquanto ela caminhava para o local da execução. Depois, a tábua era afixada à cruz sobre a cabeça do condenado.

15.27 De acordo com a lei romana, o roubo não era um delito punido com a morte. O termo usado por Marcos deve significar homens culpados de insurreição, que eram crucificados como traidores.

15.33 A “hora sexta” corresponde ao meio-dia, e a hora nona, às três horas da tarde (ver nota em Lc 23.44).

15.34 Aqui Jesus se expressa em aramaico, um dos idiomas então falados na Terra Santa. Para mais informações sobre o uso do aramaico nos tempos do NT, ver nota em Mc 5.41.

15.36 De acordo com a ciência, a esponja é um animal aquático e sésil (ligado a uma base e que não pode se mover) do filo dos poríferos. Uma esponja embebida em vinagre de vinho foi oferecida a Jesus na cruz (ver também Mt 27.48). João informa que o talo de uma planta de hissopo foi usado para erguer a esponja aré os lábios do Senhor (Jo 19.29). O uso da esponja para providenciar refresco líquido era comum nos tempos bíblicos. A esponja absorvia o vinho ou a água de um recipiente e então era pressionada na boca da pessoa. Para mais informações sobre o vinagre de vinho, ver nota em Mt 27.48.

15.38 O “véu do santuário” é a cortina que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos.

15.39 Para mais informações sobre o centurião, ver nota em Mt 8.5.

15.42 Era sexta-feira e, visto que já era final de tarde, havia urgência em retirar o corpo de Jesus da cruz, antes do pôr do sol, quando o sábado começava.

15.43 Para mais informações sobre Arimateia, ver nota em Mt 27.57; sobre o Sinédrio, ver nota em Mc 14.55. Para informação sobre Pilatos, ver nota em Lc 3.1 e “Pôncio Pilatos”, em Lc 23. Para informações sobre o pedido de José para o corpo de Jesus, veja a nota em Mc 15.45.

15.45 Os restos mortais de um criminoso executado eram deixados inssepultos ou eram no máximo lançados num campo de indigentes, um lugar de desonra. A liberação do corpo de alguém condenado por alta traição, especialmente por uma pessoa que não era um parente próximo, era muito incomum.

15.26 v. 2

15.29 v. 22.7;
109.25; v. 14.58;
Jo 2.19

15.31 v. 22.7

15.32 v. 14.61;
v. 2

15.33 v. 8.9
15.34 v. 22.1

15.36 v. 23;
Sl 69.21

15.37 v. 19.30

15.38 v. 10.19,
20
15.39 v. 45;
v. 1.11, 11; 9.7;
Mt 4.3

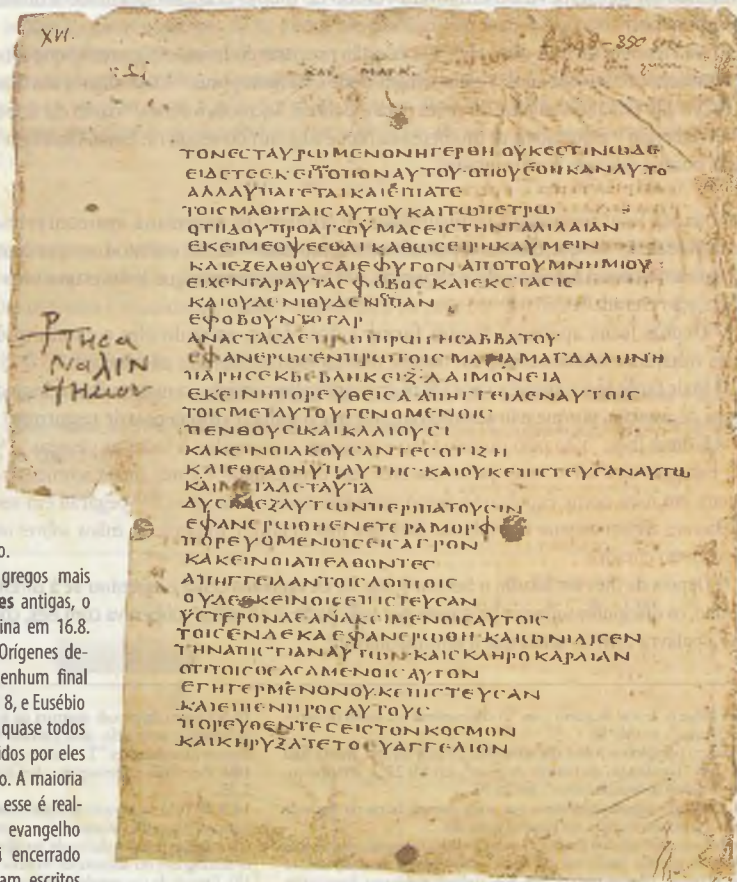
15.40 v. 38.11;
v. 16.1; Lc
24.10; Jo 19.25
15.41 v. 11
27.55, 56; Lc 8.2, 3

15.42 v. 27.62;
Jo 19.31
15.43 v. 5.22;
v. 3.2; Lc
2.25, 38
15.45 v. 39

O FINAL DE MARCOS

MARCOS 15 Diversos finais diferentes do evangelho de Marcos foram encontrados, em vários manuscritos gregos. A maioria dos textos gregos e as várias traduções antigas concluem com o final que conhecemos: Marcos 16.9-20. O manuscrito grego mais antigo com esse final data do século V, porém algumas evidências dos pais da Igreja sugerem que ele já era conhecido no século II. Contudo, muitos estudiosos percebem que o vocabulário e os temas do final tradicional são incompatíveis com o restante do evangelho.

Nos dois manuscritos gregos mais antigos e em várias **versões** antigas, o evangelho de Marcos termina em 16.8. Clemente de Alexandria e Orígenes demonstram não conhecer nenhum final do evangelho além do verso 8, e Eusébio e Jerônimo afirmavam que quase todos os manuscritos gregos conhecidos por eles concluem com esse versículo. A maioria dos estudiosos acredita que esse é realmente o ponto em que o evangelho original provavelmente foi encerrado e que os outros finais foram escritos provavelmente no século II, depois que o evangelho de Marcos passou a ser lido com os outros evangelhos e pareceu, em comparação, carecer de uma conclusão satisfatória. Embora encerrado de forma abrupta, é discutível se Marcos 16.8 constitui um final apropriado para o evangelho, pois um de seus temas é o temor causado pela obra poderosa de Deus realizada em Jesus e por meio dele (ver, e.g., 5.15,33; 9.6). O medo das mulheres sugere que



Fac-símile de uma página do Códice de Beza, contendo Marcos 16.6-15 — o Códice de Beza contém o texto de Marcos 16.9-20, enquanto o Códice vaticano não.

© Dr. James C. Martin, *Sola Scriptura*; Coleção de Van Kampen sobre a experiência na Terra Santa, na mostra em Orlando, Flórida, EUA

Deus havia realizado uma obra poderosa e culminante, confirmando o testemunho do sepulcro vazio e o anúncio dos anjos, segundo o qual Jesus realmente havia ressuscitado dos mortos, conforme prometera (8.31; 9.9,31; 10.34).¹

¹Ver também "Textos do Novo Testamento", em Rm 15.

⁴⁶ Então José comprou um lençol de linho, baixou o corpo da cruz, envolveu-o no lençol e o colocou num sepulcro cavado na rocha. Depois, fez rolar uma pedra sobre a entrada do sepulcro.⁴⁷ Maria Madalena e Maria, mãe de José,^h viram onde ele fora colocado.

15.46 Mc 16.3
15.47 Iv. 40

A Ressurreição (Mt 28.1-10; Lc 24.1-12; Jo 20.1-9)

16 Quando terminou o sábado, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, compraram especiariasⁱ aromáticas para ungir o corpo de Jesus. ² No primeiro dia da semana, bem cedo, ao nascer do sol, elas se dirigiram ao sepulcro, ³ perguntando umas às outras: “Quem removerá para nós a pedra da entrada do sepulcro?”^j

16.1 Lc 23.56; Jo 19.39,40

16.3 Mc 15.46

⁴ Mas, quando foram verificar, viram que a pedra, que era muito grande, havia sido removida.

⁵ Entrando no sepulcro, viram um jovem vestido de roupas brancas^k assentado à direita e ficaram amedrontadas.

16.5 Jo 20.12

⁶ “Não tenham medo”, disse ele. “Você estão procurando Jesus, o Nazareno,^l que foi crucificado. Ele ressuscitou! Não está aqui. Vejam o lugar onde o haviam posto. ⁷ Vão e digam aos discípulos dele e a Pedro: Ele está indo adiante de vocês para a Galileia. Lá vocês o verão,^m como ele disse.”ⁿ

16.6 Mc 1.24

16.7 Jo 21.1-23; Mc 14.28

⁸ Tremendo e assustadas, as mulheres saíram e fugiram do sepulcro. E não disseram nada a ninguém, porque estavam amedrontadas.

⁹ Quando Jesus ressuscitou, na madrugada do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena,^o de quem havia expulsado sete demônios. ¹⁰ Ela foi e contou aos que com ele tinham estado; eles estavam lamentando e chorando. ¹¹ Quando ouviram que Jesus estava vivo e fora visto por ela, não creram.^p

16.9 Jo 20.11-18

16.11 Iv. 13,14; Lc 24.11

¹² Depois Jesus apareceu noutra forma a dois deles, estando eles a caminho do campo.^q

16.12 Lc 24.13-32

¹³ Eles voltaram e relataram isso aos outros; mas também nestes eles não creram.

16.14 Lc 24.36-43

¹⁴ Mais tarde Jesus apareceu aos Onze enquanto eles comiam; censurou-lhes a incredulidade e a dureza de coração, porque não acreditaram nos que o tinham visto depois de ressurreto.^r

16.15 Mt 28.18-20; Lc 24.47,48

16.16 Jo 3.16,18,36; At 16.31

¹⁵ E disse-lhes: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas.^s ¹⁶ Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado.^t ¹⁷ Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios;^u falarão novas línguas;^v ¹⁸ pegarão em serpentes;^w e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre^x os doentes, e estes ficarão curados”.

16.17 Mc 9.38; Lc 10.17; At 5.16; 8.7; 16.18;

19.13-16; At 2.4; 10.46; 19.6;

1Co 12.10,28,30

16.18 Mc 10.19; At 28.3-5; At 6.6

16.19 Lc 24.50, 51; Jo 6.62; At 1.9-11; 1Tm 3.16;

Sl 110.1;

Rm 8.34; Cl 3.1;

Hb 1.3; 12.2

¹⁹ Depois de lhes ter falado, o Senhor Jesus foi elevado aos céus^y e assentou-se à direita de Deus.^z ²⁰ Então, os discípulos saíram e pregaram por toda parte; e o Senhor cooperava com eles, confirmando-lhes a palavra com os sinais que a acompanhavam.

15.46 Sobre o “lençol de linho”, ver “A controvérsia em torno do sudário de Turim”, em Mc 15.

O sepulcro pertencia a José e era novo (Mt 27.60), ou seja, nunca fora usado (ver “Localização do túmulo de Jesus”, em Mt 27; e “Práticas judaicas relativas ao sepultamento”, em Lc 9).

16.1 O sábado sagrado terminava por volta das seis horas da tarde de sábado. Nenhuma compra era possível nesse dia.

O embalsamando não era praticado pelos judeus. As especiarias aromáticas foram trazidas como um ato de devoção e amor. As mulheres, ao ungir o corpo, demonstravam que não tinham nenhuma expectativa da ressurreição de Jesus (ver nota em Mt 26.12; ver também “Práticas judaicas relativas ao sepultamento”, em Lc 9; e “Perfumes e óleos de unção”, em Jo 12).

16.3 Colocar a pedra grande no lugar era uma tarefa relativamente fácil, mas depois que ela deslizava para dentro do encaixe cortado na rocha diante da entrada, era muito difícil removê-la.

16.5 Dentro da grande abertura da fachada do sepulcro, havia uma antecâmara, e atrás dela, uma entrada baixa e retangular que conduzia à câmara funerária (ver “Túmulos no antigo Israel” em Jz 17).

16.6 Para mais informações sobre o nome Nazareno, ver nota em Mt 2.23.

16.9-20 Não há certeza se esses versículos pertencem ao evangelho de Marcos. Eles estão ausentes nos manuscritos mais antigos e importantes, e certas peculiaridades de vocabulário, estilo e conteúdo teológico os distinguem do restante de Marcos (ver “O final de Marcos”, em Mc 15). Depois de um estudo extensivo de todos os manuscritos, muitos estudiosos concluíram que um ou mais escribas escreveram “um final mais apropriado”, usando informações dos outros Evangelhos, a fim de evitar o próprio desconforto e de “preencher os espaços em branco” para as gerações futuras (ver “Primitivas correções escritas”, em 2Sm 4). Mesmo assim, o livro com o texto até o versículo 20 está incluído no cânon do NT — as Escrituras autorizadas da igreja.